

O LIVRO DE CABECEIRA
DOS SANTOS

Copyright © Daniel Mendes
www.passarinhocolorido.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roche, Aloysius, 1886-1957

O livro de cabeceira dos santos / Aloysius
Roche ; tradução Daniel Mendes. -- 2. ed. --
Piatã, BA : Daniel Mendes, 2026.

Título original: A bedside book of saints.
ISBN 978-65-02-08143-3

1. Catolicismo 2. Igreja Católica - História
3. Santos católicos - Biografia e obra 4. Santos
católicos - História 5. Santos católicos -
Meditações I. Mendes, Daniel. II. Título.

26-356775.0

CDD-270.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos católicos : Vida e obra : História 270.092
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

O LIVRO DE CABECEIRA DOS SANTOS

ALOYSIUS ROCHE

Trad. Daniel Mendes

*“Exultem os santos em sua glória;
alegrem-se em seus leitos.”*
(Sl 149: 5)



SUMÁRIO

Prefácio.....	9
A Natureza Humana dos Santos.....	11
O Bom Senso dos Santos.....	19
As Afeições dos Santos.....	31
As Biografias e as Cartas dos Santos.....	41
A Alegria dos Santos.....	49
A Saúde dos Santos.....	57
Os Santos e os Animais.....	67
A Sagacidade e o Humor dos Santos.....	75
As Amizades dos Santos.....	83
O Ânimo dos Santos.....	91
O Divertimento dos Santos.....	99
A Paz dos Santos.....	109
A Delicadeza dos Santos.....	119
A Humildade dos Santos.....	127
Na Cabeceira dos Santos.....	135
O Segredo dos Santos.....	143
Notas do Tradutor.....	149

*Aos meus paroquianos,
Que comigo passaram tantas
Tardes felizes de Domingo
Na companhia dos Santos.*

PREFÁCIO

Para que um *Livro de Cabeceira dos Santos* seja mesmo de cabeceira, ele deve ser feito para ser lido aos pedaços. Ele deve ter o padrão das velhas colchas de retalho, com costuras e remendos. Talvez essas pitorescas cobertas de nossas avós tenham sido projetadas para aliviar a monotonia do quarto, e para dar ao preguiçoso, ou ao doente, algo mais interessante para olhar além do branco enfadonho do teto e dos lençóis. Assim, estas miudezas foram alinhavadas sem muito estudo e com muito pouco planejamento, na esperança de que possam servir aos enfermos aqui e acolá, e também aos que têm o mau hábito de ler para dormir. Elas não são muito densas para que sejam lidas sem cansaço, em momentos de lazer ou até mesmo em momentos de preguiça.

E a cama é um lugar apropriado para se ler livros sobre religião? Ouça São Jerônimo, um dos Patriarcas e Doutores da Igreja:

“Deixe a leitura sagrada sempre à mão. Que o sono te surpreenda ainda segurando o livro, e que a página sagrada ampare teu rosto cansado.”

Não devemos nos esquecer de que da cama as coisas têm a estranha propriedade de parecer diferente, como a terra tem quando vista de um barco. Tentamos, por este motivo, contemplar os Santos não a partir de um novo ângulo, mas a partir de um ângulo menos familiar, ao menos, e também confortável, para que o *Livro de Cabeceira* tenha algo do aconchego que ele deve ter.

Tentamos trazer, enfim, os Santos para perto, para casa, para a própria cabeceira.

Será deles a maior parte das falas. *“Sou como um papagaio que aprendeu a falar”*, escreveu Santa Teresa. Exatamente! Este é o nosso sentimento, e quem quer que esteja falando não falará muito alto. Você não seria enviado para a cama com um livro sobre Santos calculado para mantê-lo acordado a noite toda. Se há um padroeiro para um livro como este, pode ser ele São João de Deus, que tem uma cama como emblema, ou São Vito, que é advogado daqueles que acham difícil acordar pela manhã. Por fim, que nós – o escritor e os leitores –, façamos nossa bela oração com que Mabillon finalizou sua pesquisa sobre as Vidas dos Santos: *“Queira Deus não me imputar o crime de ter passado tantos anos estudando os Atos dos Santos e ainda parecer tão pouco com eles.”*

Em conformidade com o decreto do Papa Urbano VIII, datado de 17 de março de 1625, declaramos que: Se ao longo deste trabalho chamamos de Santo àqueles que não são oficialmente reconhecidos como tal, e se mencionamos fatos e revelações como se tivessem um caráter miraculoso ou profético, de forma alguma pretendemos expressar, acerca de pessoas ou fatos, um julgamento que é reservado à Igreja, nem prognosticar, de maneira nenhuma, quaisquer decisões que somente a ela pertence.

A NATUREZA HUMANA DOS SANTOS

É reconfortante saber que em todos os Santos há muito do elemento humano, o que dá um interesse humano à história de suas vidas. A História está cheia de heróis que tinham muito pouca humanidade, e há também alguns com nenhuma. O poeta Shelley disse uma vez, com brutal franqueza: *“Tu podes tanto ir a uma birosca pedir um banquete como também podes esperar de mim algo humano.”* Os servos de Deus não são assim. Eles são completamente homens e mulheres, e esta é uma das origens de seu grande poder de atração. Nós gostamos encontrar coisas ordinárias mesmo em pessoas extraordinárias. Gostamos de encontrar fraquezas nos que são fortes. Um heroísmo de mármore e bronze provoca espanto, mas esfria nosso coração. O heroísmo Cristão, porém, habita corações de carne. Longe de destruir a fraqueza inocente de nossa natureza, a santidade encontra nela força e beleza.

Podemos ter certeza de que os patriarcas do deserto, os anacoretas, os solitários, todos *“sentiram a emoção do pássaro selvagem que canta atrás das grades”*, e que os claustros e os eremitérios, mesmo nas épocas mais extenuantes da penitência monástica, não foram povoados por fantasmas, mas por seres humanos como nós, falando, pensando e sentindo como nós, *“alimentados pelo mesmo alimento, feridos pelas mesmas armas, sujeitos às mesmas doenças, curados pelos mesmos meios, aquecidos e esfriados pelo mesmo verão e pelo mesmo inverno.”* Quem poderia suspeitar ter sido Santo Antão, o Eremita, um dos homens mais sociáveis? Santo Atanásio diz que ele foi.

É verdade que muitos santos parecem bastante sombrios. Isto pode ser culpa, ou infortúnio, de seus biógrafos, que ou não conseguiram contar como eles eram realmente, ou estavam tão empenhados em mostrar suas virtudes sobrenaturais que esqueceram ou lançaram às sombras os elementos naturais. Além disso, os Santos assemelham-se a uma rica paisagem, a uma obra de arte. Eles requerem estudo. Nós não os compreendemos de relance, à primeira vista. Alguns deles revelam-se mais rapidamente que outros. Alguns parecem ter em seus rostos uma expressão de reserva, e conhecê-los leva tempo. O nome de São Domingos sugere algo formidável, pensamos no cão com a tocha acesa na boca, no terrível martelo dos albigenses. Surpreende encontrar São Domingos em uma cansativa viagem pelos Alpes, levando na mala algumas colheres de pau, agradável surpresa para as freiras de Roma, que eram muito suas amigas.

São João da Cruz foi chamado de “santo inflexível” e “santo impenetrável”. Alguns de seus escritos dão a impressão de que ele era um homem enterrado dentro de si mesmo, emparedado como em uma sepultura, olhando para o mundo dos sentidos com terríveis olhos vermelhos. As cartas que ele e Santa Teresa trocaram, porém, mostram claramente que ele não era nada disso. Se não houvesse um lado muito humano em São João da Cruz, Santa Teresa nunca poderia tê-lo provocado como ela costumava fazer, inventando apelidos para ele, e os escolhendo entre os filósofos pagãos.

Santo Inácio também aparece no horizonte distante como uma figura rígida e inflexível, mas seu caráter é cheio dos traços mais agradáveis e atraentes. Ele sabia dançar, e uma vez dançou. Ele sabia jogar bilhar, e uma vez, valendo

uma aposta, jogou e ganhou. Ele gostava tanto de flores que nunca as colhia.

Por trás da insuficiência das biografias, e da névoa que sempre cobre o passado distante, encontramos esta nossa natureza humana, que é bem parecida em todos os homens de todas as eras. Santo Aloísio, apesar de todas as impressões contrárias, deve ter sido uma pessoa muito cativante, pois que ele conquistou completamente o coração de um homem como São Roberto Belarmino. O maior charme das antigas *Crônicas Monásticas* é que elas são documentos humanos. Elas revelam diante de nossos olhos um drama espiritual, é verdade, mas permitem que contemplemos em seus personagens pessoas reais, com fraquezas e paixões humanas, mesmo que estejam muito evidentemente fazendo grandes esforços para se tornarem Santos.

Os martírios da Igreja Primitiva de alguma forma parecem esculturais ou etéreos à nossa imaginação. Sabemos que São Policarpo e São Sebastião foram homens, sabemos que Santa Inês e Santa Cecília foram mulheres, mas por algum motivo fantasiávamos que este homem – ou esta mulher – foi completamente sublimado pela exaltação e pelo puro êxtase de seu sacrifício. Os mártires ingleses tinham as mesmas qualidades dos mártires do Coliseu, e os *Atos dos Mártires Ingleses* mostram como eles eram surpreendentemente humanos. Realmente, conforme registrado em seus *Atos*, a descrição que Santa Perpétua faz de si mesma é bastante humana. Ela conta que estava sentada à mesa com sua família quando os oficiais da Coroa vieram levá-la para a prisão, e conta como na prisão *“fiquei aterrorizada porque nunca havia estado em tal escuridão. Nós sofremos muito por causa do calor e da insolência dos carcereiros, mas minha dor maior foi não ter meu bebê comigo.”* Quando seu

pai foi de joelhos implorar a ela que se submetesse ao imperador, que tivesse pena de seus cabelos brancos, *“eu estava pronta para morrer de tristeza por vê-lo naquele estado.”*

Além disso o caráter dos Santos, como o de todas as grandes pessoas, era multifacetado, e até a melhor biografia pode realçar um lado em detrimento de outro. Talvez isto possa explicar como uma dúzia de biografias do mesmo santo pode aparecer dentro do espaço de poucos anos, cada uma trazendo à luz algo que a outra deixou passar. Na Idade Média havia em circulação, ao mesmo tempo, sessenta e seis diferentes *Vidas* de São Patrício. Em nossos dias temos novas *Vidas* aparecendo constantemente, e cada uma é saudada como um aperfeiçoamento da anterior. Na *Vida de Santa Margarida Maria*, publicada pela Visitação de Paray-le-Monial, há uma referência a ideias errôneas, a respeito da Santa, que foram promovidas por seus biógrafos – quase todas essas ideias errôneas referem-se ao lado humano de Santa Margarida Maria.

Como seria injusto descrever Santa Joana de Chantal como *“a mãe que pisou sobre o corpo prostrado de seu filho”*, ou Santa Paula como *“a mãe que partiu para o Oriente deixando seus filhos perplexos na praia”*, ou Santo Aloísio como *“o jovem que nunca olhou para o rosto de sua mãe”*, e assim por diante. A verdade é que todos esses Santos tinham corações muito ternos e afetuosos, e quaisquer sacrifícios que tenham feito os fizeram sofrer muito intensamente.

Santo Inácio mergulhou até o pescoço em um lago congelado. São Bento rolou sobre espinhos. São Jerônimo golpeou o próprio peito com uma pedra pesada. A Beata Ângela de Foligno marcou a si mesma com um ferro quente. Estes são episódios nas vidas dos Santos, mas eles não são a chave para compreendermos seu caráter. Saber simplesmente

que fizeram tais coisas não significa conhecê-los. O valor de tais incidentes está em nos revelar que os Santos tinham de lutar com o mesmo problema humano do pecado e da tentação com o qual nos confrontamos diariamente.

Às vezes acontece que relatos extremos e extraordinários acabam fazendo com que fique faltando metade da história. São João Calibita, o Solitário, por exemplo, é citado como um exemplo do grau de abnegação que tinham os ascetas de antigamente. Tendo passado seis anos no deserto, ele obteve a permissão de voltar para casa, e no caminho disfarçou-se de mendigo. Não sendo reconhecido por sua mãe, foi posto para fora de casa. Ele então foi viver em uma pequena choupana, nas redondezas, preservando o segredo de sua identidade. Esta é a história de São João Calibita, mas não é a história inteira. A sequência é esta: depois de três anos, Nosso Senhor apareceu para ele, dizendo que sua penitência havia terminado, ordenando que ele se revelasse à sua mãe. Felicíssimo, o Santo foi até ela, contou-lhe tudo, e morreu mais tarde em seus braços.

Não sabemos nada sobre São Simeão Estilita, apenas que viveu em um pilar. Provavelmente ele viu bastante de si mesmo, como fez Santa Teresa: *“Minha saúde é muito ruim, mas Deus faz tanto através de mim que às vezes rio de mim mesma.”* De qualquer forma, um dos solitários do pilar deixou um relato bastante divertido de suas experiências. Além disso, notamos que o próprio São Simeão era um homem de profundo bom senso. Ele abordou seu experimento com grande precaução e destreza. Por anos ele treinou, por assim dizer, em pilares pequenos, até que tornou-se capaz de subir quinze metros sem sentir. Sabemos também que nele não havia fanatismo ou excentricidade, pois à palavra da autoridade ele estava pronto para empacotar seu plano e deixá-lo de lado.

Sim, o caráter dos santos era multifacetado, e Santa Teresa d'Ávila é um bom exemplo disso. Ela era impetuosa e apressada e, ainda assim, fria, calculista e profissional. Ela era simples e extremamente astuta. Ela dava aos pobres qualquer coisa que quisessem, e ainda assim atormentava o comerciante que tentasse aplicar algum golpe nos negócios com seu convento. Ela era suscetível à indignação e a aversões naturais (quando Priora Beatrix estava em desgraça, não suportava ouvir seu nome sendo mencionado). E mais: ela tinha um temperamento muito afetuoso, exuberante e até brincalhão. Um escritor recente a comparou com um lírio imaculado, porém metálico, feito de ferro forjado. Ele diz: *“Aqueles que sofrem têm uma escassa consolação para esperar dela.”* Esta é a impressão que ele teve ao ler seus trabalhos. Como são diferentes, no entanto, as impressões que provocam suas cartas. Nelas revelam-se a simpatia, a compaixão, a ternura verdadeiramente maternal desta “Matriarca da Igreja”, e acima de tudo, nelas se revela a verdadeira mulher. Ela fala livremente de suas dores e tristezas, de seus gostos e desgostos, antipatias e contrariedades. Ela zomba da Inquisição, inventa apelidos para amigos e inimigos, e de uma maneira feminina culpa a pena por sua escrita ruim. *“A manteiga estava muito boa, certamente estaria vinda de ti. Então a aceito, sob a condição de que lembres, quando tiveres mais, de que ela é ótima e me faz um grande bem. Os marmelos também estavam deliciosos. Realmente me parece que nada tens a fazer além de me dar prazer.”* É difícil encontrar tanta natureza humana concentrada em uma carta tão pequena.

Se eles sofreram e estiveram aparentemente satisfeitos no sofrimento, isto não significa que eles não sentiam. *“Deixa-me sofrer ou morrer”*, rezou um deles. A Pequena Flor não sabia como poderia se tornar Santa. De São

Francisco de Sales dizia-se que ele teria sorte se conseguisse livrar-se de seu mau gênio quinze minutos antes de sua morte. Como São Francisco de Sales era irascível por natureza! Que dura batalha ele teve de enfrentar para dominar seu temperamento! Ele é bem franco quando nos conta que nele o ímpeto da ira era extraordinariamente forte, e que tinha de se esforçar ao máximo para mantê-lo sob controle. As faltas de Santa Gertrudes foram tão notórias que Santa Matilde perguntou a Nosso Senhor como Ele poderia amá-la tanto. São Francisco de Assis, que *“nunca tomou muito cuidado para que não fosse um hipócrita diante de Deus”*, não fazia segredo de suas tentações, e confessou a seus irmãos que se envaidecia sempre que dava uma esmola. Esta simplicidade é de fato uma das grandes características dos servos de Deus. Isto mostra que eles não interpretavam papéis, não fingiam ser o que não eram, e não concordavam com as poses e as pretensões dos mundanos. Isto mostra como eles eram, acima de tudo, verdadeiros e genuínos, naturais e humanos. A afetação era algo que São Filipe Neri realmente detestava.

Como são sinceras e cativantes as “confissões” de Santa Teresinha do Menino Jesus! Ela fala de suas aversões e repugnâncias. Ela admite que buscar nos livros belas orações fazia doer sua cabeça, e que pela manhã não tinha coragem nem forças para praticar a virtude. Ela esteve a ponto de mostrar sua irritação à irmã que nela respingou a água suja da lavanderia. Ela foi gravemente tentada pela inquietação de sua vizinha durante a meditação. O esforço que ela fazia para conter sua impaciência *“custava tanto que eu ficava banhada em suor”*. Também há Clara Vaughan, em seu leito de morte: *“É muito fácil dizer ‘coragem, Clara, coragem’, enquanto eu só vejo o Paraíso através de um buraco”*.

Eis aqui o que o *Espelho da Perfeição* conta sobre os últimos dias de São Francisco de Assis: *“Estando doente do mal que o matou, um dia ele chamou seus companheiros, dizendo: ‘Vós sabeis como a Senhora Jaqueline de Settesoli foi e é excessivamente devotada a mim. Portanto creio que seria para ela uma grande consolação ser notificada de meu estado. Enviai especialmente para ela o recado: que ela mande do marzipã que muitas vezes fez para mim na cidade.’”* Este marzipã, um confeito de amêndoas e açúcar, que realmente chegou, na verdade já estava a caminho.

O BOM SENSO DOS SANTOS

“Os santos têm corações líquidos.” Esta é uma das frases atribuídas ao Cura d’Ars. A expressão, no entanto, vem do Santo Tomás de Aquino. Talvez São João Vianney fosse um homem mais profundamente instruído do que normalmente se pensa. A santidade é algo sólido, ela apoia-se sobre uma fundação real, nunca sobre meras impressões e sentimentos. Esta santidade verdadeira, entretanto, está sempre associada a uma fluidez da alma, a uma liberdade de ação, a uma abertura da mente, a uma maleabilidade, e também a uma força de vontade. Ela tem a elasticidade recomendada por São Paulo: *“Todas as coisas para todos os homens.”* Não há nada rígido nem cegamente inflexível na verdadeira piedade. Isto é o que enche de surpresas as *Vidas* dos santos. Nós lemos uns capítulos e começamos a fazer uma ideia sobre eles, então aparece na esquina algo bem inesperado, e temos de refazer totalmente nossa ideia. Quando o governador contou ao Cura d’Ars que o Imperador lhe havia conferido a Cruz da Legião de Honra, sem dúvida estava bem certo de que a notícia seria recebida de uma maneira santa. Ele deve ter ficado chocado quando ouviu o bom Cura perguntar *“E isto inclui uma pensão?”* Evidentemente surpreso, escreveu René Bazin: *“Que mente afiada tem este homem!”* De fato, nunca ninguém se acostumou ao Cura. As pessoas criaram o hábito de ir a Ars regularmente, e sempre encontravam algo novo. Normalmente, quanto mais nos aproximamos de um homem excepcional menos excepcional ele parece, mas São João Vianney virou esta verdade do avesso.

Já vimos que os santos são multifacetados, e observamos que isto torna o verdadeiro retrato de um Santo uma tarefa difícil. Não é que eles fossem muitas pessoas em uma só. Eles eram adaptáveis, flexíveis, não se prendiam a rotinas e permaneciam iguais em todas as circunstâncias e ocasiões. Em suma, eles eram dotados de um extraordinário bom senso. Como disse o Padre Faber: *“A santidade é uma coisa vasta.”* A santidade é claramente aberta para as realidades da vida. *“Devemos adaptar a sociedade aos tempos, não os tempos à sociedade”*, disse Santo Inácio. *“Mostra uma mente fraca quem se apega demais ao caminho já conhecido por medo das inovações. Os tempos mudam, e para acompanhá-los devemos modificar nossos métodos”* – assim Santa Madalena Sofia escreve em uma de suas cartas. Sujeitos flexíveis eram aqueles dos quais ela mais gostava. Encontrando-se com poucas noviças, num momento em que seu trabalho educacional estava se expandido, ela orou: *“Ô Deus, dai-me Santos.”* Ela sabia que os Santos seriam flexíveis, logo úteis ferramentas. Uma das qualidades mais notáveis de São Vicente de Paulo era exatamente esta: *“Sua sagacidade instintiva lhe dizia que o sol não iria nem parar nem voltar em seu curso, que Deus se realiza de muitas maneiras, e que para melhorarmos o mundo devemos começar nos adaptando a ele, tal como o encontramos”*.

Quando Thomas Carlyle examinou pela primeira vez a *Crônica de Jocelinus de Brakelondia*, o que o surpreendeu foi encontrar um abundante senso prático em um homem profundamente religioso como o Abade Samson: *“Nosso abade tem um sentimento honesto e correto do que ele é e do que os outros são, sem insolência, medo ou tremor.”*

Entre as colocações de Madre Greyfié, Superiora de Paray, a respeito de Santa Margarida Maria, há esta: *“Ela era*

cheia de bom senso.” O próprio nome de Santa Teresa d’Ávila fala por si. Há entre nós uma espécie de entendimento tácito de que ela é a padroeira do bom senso, a Santa a quem recorrem os que não são suficientemente dotados desta utilidade específica. Santa Teresa não era dada a rodeios. Ela mandou a falsidade embora definindo a humildade como a própria verdade. *“Humildade é verdade.”* Ela não tinha tempo para bobagens piedosas ou decepções. Ela era bem consciente de seu próprio poder, e não fazia nenhum segredo nem de suas virtudes nem de seus defeitos. Ela lamentava um pouco não ser um homem, pois se tivesse sido um, teria sido um padre e, conseqüentemente, um pregador eloquente. Ela escreve: *“Padre Antonio é um Santo, mas Deus não lhe deu nenhum talento para comandar.”* Por outro lado, ela nomeou um Superior que estava longe de ser um Santo, e quando isto lhe foi apontado, ela disse: *“Eu sei, eu sei, mas ainda assim ele é um administrador capaz.”* Quando a discussão era sobre o hábito de suas novas freiras, ela disse: *“Acreditem em mim, a questão não é se vamos usar hábitos ou não, mas se vamos praticar ou não a virtude.”* Santo Agostinho, muito antes, insistiu na mesma coisa: *“A pobreza de um homem diante de Deus é julgada pela disposição de seu coração e não por seu cofre.”* Embora mortificada, Santa Teresa gostava de um quarto com uma boa vista da janela, e quando seus olhos deram problema ela tomou a resolução prática que Pepys, em Londres, cem anos mais tarde, aparentemente não tomou, ou não pôde tomar – investiu em um bom par de óculos. *“Ao tirar seus óculos”,* dizem, *“ela caía em êxtase”.* Ela declarou: *“Se a obediência faz com que vás ao refeitório seis vezes por dia, vai e fica contente com isto.”* Isso lembra o dito de São Filipe Néri: *“Come sem escrúpulos.”* E ainda: *“Geralmente é preferível*

dar ao corpo comida demais que de menos.” Quando São Pascoal Bailão estava pronto para o prato de peixe que seu Superior lhe havia mandado comer, um dos irmãos pretendeu estar um pouco escandalizado. O Santo disse: *“A obediência vem em primeiro lugar, a devoção em segundo.”* O ensinamento e o espírito de São Francisco de Sales tem o mesmo nível de sensibilidade. *“Deus deseja um serviço razoável. É sempre fácil reduzir as forças do corpo, mas não é tão fácil reconstruí-las novamente. É mais fácil ferir que curar. A alma deve tratar o corpo como a uma criança, corrigindo-o sem ferir.”* *“Tem paciência com todos, mas especialmente consigo. Quem perdeu a coragem perdeu tudo.”* *“Devemos ser caridosos com nossa própria alma.”* *“Sê justo, não perdoes nem acuses tua alma.”* E esta pérola do bom conselho: *“Devemos nos submeter pacientemente à prova de ser humano.”* Espírito semelhante foi visto em São Francisco de Assis. Dizem que uma vez ele foi tirado de seu sono por um irmão, que dizia *“estou morrendo de fome”*. O Beato Francisco pôs a mesa e comeu também, para que ele não ficasse com vergonha de comer sozinho, e fez um pequeno sermão sobre a virtude do bom senso. *“Cada um de vós deveis prestar atenção à vossa própria natureza.”*

Nota-se que Dr. Johnson tinha em seu bom senso uma espécie de santidade majestosa. São Francisco de Sales tinha em sua santidade um majestoso bom senso. É mesmo difícil ler *O Espírito de São Francisco de Sales*, do Bispo de Belley, sem pensar em Dr. Johnson. No *Table Talk* de ambos aparece a mesma aversão à afetação, à beatice e ao esnobismo, e às vezes até uma impressionante semelhança de tom. Johnson não era um Santo, mas de algum modo ele chegou bem perto dos ideais Católicos. Ele tinha ao menos uma grande virtude dos Santos, a do bom senso. São

Francisco de Sales escreveu ao Bispo de Belley: *“Queres realmente que eu finja me alegrar com cara feia, e que suporte fumaça em meu rosto sem espirrar?”* São João Crisóstomo, muito antes, expressou o mesmo sentimento: *“Não ficar contente ao ser elogiado é algo que nunca aconteceu a um homem, me inclino a pensar.”* Opiniões violentas e extremas desagradavam muito São Francisco de Sales. Quando pessoas afirmavam que as grandes cidades são focos de tentação, ele interferia:

“O campo tem seus inconvenientes, como também tem a cidade. Assim como há a boa e a má companhia, também há a boa e a má solidão. A solidão é má se é aquela da qual se diz: ‘Ai do que está sozinho’. Muitos foram bons homens em uma cidade corrupta, e no deserto caíram gravemente. Há muitas virtudes que não podem ser praticadas na solidão. Algumas pessoas perderam a perfeição na solidão e a adquiriram vivendo em uma cidade movimentada. Onde quer que estejamos nós podemos aspirar à vida perfeita.”

Ele defendeu uma senhora devota que usava brincos, dizendo: *“Devemos nos lembrar de que Rebeca usava brincos.”* Embora fosse um homem de rotina, ele colocava tudo de lado para agradar seus convidados, e após o almoço os levava para remar no lago. Para ele, *“caridade nunca é perda de tempo.”* Isto lembra Santo Tomás de Aquino, que assim começa uma de suas cartas: *“Esta noite deixei minha oração para te escrever.”*

Diferente do Cura d’Ars, São Francisco de Sales não fazia objeção a ser retratado ou a ter seu retrato distribuído. *“Não há mais mal nisso do que em comunicar pensamentos ao vizinho, e se isto lhe agrada, é um ato de caridade.”* Contudo ele nunca permitiu que sua caridade prejudicasse o bom senso. Ele escreveu a uma amiga que tinha uma queda

por processos legais: *“Aqueles que vivem no mar geralmente morrem no mar. O dinheiro que estas ações estão devorando seria mais do que suficiente para tu viveres.”* Semelhante força moral aparece nas cartas de São Bernardo. Ele escreve à sua grande amiga e benfeitora, a Duquesa de Lorena: *“Saúdo o Duque, vosso marido, e me atrevo a instar, a ele e a vós, que deixeis este castelo pelo qual ides à guerra, se ele não for realmente vosso.”*

Nós podemos aplicar aos Santos o que disse um grande escritor francês sobre os Cristãos da Idade Média: *“Devemos pensar neles não como um rebanho de ovelhas piedosas, balindo e buscando proteção aos joelhos do pastor, mas como homens armados de uma personalidade muito robusta.”* E como eram robustas as personalidades de Santa Teresa d’Ávila e de Santa Catarina de Siena! É muito difícil que nossa época, com todas as suas vantagens, possa produzir algo que se aproxime dessas mulheres. Viris elas nunca tentaram ser, tinham personalidade suficiente para serem mulheres de verdade, mas nelas havia algo de atlético e corajoso. Santa Catarina, tal qual Pedro, o Eremita, moveu e inflamou a opinião pública na Itália. Algumas de suas cartas são como fagulhas incandescentes estalando em uma bigorna. Ela escreve: *“Como sois tolos, e dignos de mil mortes. Vós sois tão cegos que não podeis enxergar a própria vergonha.”* Ela escreve ao Papa: *“Eu ouvi dizer que demônios em forma humana elegeram um antipapa contra vós. Então agora vós, Santíssimo Padre, avante, entrai na batalha sem medo.”* Ela diz ao Sumo Pontífice que seja um homem e não um covarde. Ela tinha tanto para dizer a seu diretor que às vezes ele caía no sono, e ela o acordava sem nenhum remorso, dizendo: *“Estou falando contigo ou com as paredes?”* Ela sabia se defender.

Quando tornou-se conhecido o fato de ela passar longos períodos alimentando-se apenas da Santa Comunhão, um dos sacerdotes achou estranho que ela não pudesse viver como as outras pessoas. Imediatamente ela enviou-lhe uma pequena nota: *“Tu dizes, Padre, que devo rezar para Deus especialmente para que eu possa comer. Eu te digo que tenho rezado continuamente, que rezo, e que rezarei para que Deus possa me dar a graça de viver como as outras criaturas neste assunto de comer, se esta for Sua vontade, porque é a minha.”*

Santa Catarina é muito parecida com São Jerônimo. Como ele, foi caluniada, e como ele recusou a acomodar-se com a calúnia. Embora o Santo Doutor fosse um homem recluso, ele saía de seu casulo quando más línguas se agitavam sobre a boa obra que estava fazendo: *“Eu já tirei dinheiro de meus alunos? Eu não recusei todos os presentes, grandes ou pequenos? Alguém já me viu pronunciar alguma palavra de duplo sentido ou lançar um olhar atrevido demais?”*

Uma das cartas de São Jerônimo para Laeta, mulher de Toxotius, contém regras para a educação de sua filhinha. São regras bem comuns, e não é fácil perceber que elas têm mais de quinze séculos: *“Que ela tenha um alfabeto de letrinhas, feito de madeira ou marfim, para que possa brincar e aprender enquanto se diverte. Quando estiver um pouco mais velha, que ela tente desenhar as letras na cera, com o dedo, guiado pela mão de outra pessoa. Que ela seja então incentivada, por prêmios e presentes adequados à sua idade, a juntar as sílabas. Que ela tenha companhias que aprendam com ela, para que seja estimulada por sua concorrência e seus elogios. Ela não deve ser repreendida ou intimidada. Se ela for lenta, é melhor que seja encorajada, e que lamente ser ultrapassada pelos outros. O maior cuidado deve ser tomado para que ela não adquira ódio pelo estudo, porque tal*

aversão é muito difícil de tirar. Suas amas nunca devem permitir que ela corte as palavras. Ela deve ser ensinada a falar sua própria linguagem com grande correção, acima de tudo. Ao mesmo tempo ela deve aprender a fiar, tecer, e fazer suas próprias roupas.”

Na outra extremidade desses quinze séculos temos uma grande educadora como Santa Madalena Sofia. Ela não apenas era atualizada em seus métodos, mas estava também sempre alerta para novas ideias, e com muita determinação as punha em prática. Ela conhecia bem o mundo, e embora ela mesma o tivesse deixado, quis preparar seus alunos para que tomassem nele seus lugares, sem que recuassem diante das dificuldades. Entre todas as contrariedades e mal-entendidos que sofreu, ela manteve o nível e a cabeça fria. “*Nada de política*” foi a ordem peremptória que emitiu a seus superiores, em um tempo onde todos na França eram ou legitimistas ou orleanistas.

Dizem que São João Berchmans foi canonizado por guardar sua Regra. Porém seria um erro pensar, como geralmente pensa o mundo, que essas Regras que os Santos guardavam são apenas regulamentos mecânicos de monastérios e conventos, e que eles estiveram inteiramente ocupados com observâncias insignificantes, como manter silêncio, dormir e acordar em horas preestabelecidas.

São Bento, em sua Regra, insiste que o dever primordial do monge é extirpar seus vícios. No quarto capítulo, *O Instrumento das Boas Obras*, está estabelecido, antes de qualquer coisa, que Deus deve ser amado “*com todo nosso coração, nossa alma e nossas forças*”. “*Em seguida, amar o próximo como a nós mesmos.*” “*Em seguida, não matar.*” “*Em seguida, não roubar*”, e assim por diante, seguindo os Mandamentos. Assim também o autor do *Guia das*

Anacoretas começa lembrando as Irmãs de que a primeira e a mais importante de todas as regras é a regra do coração, a regulamentação de nossa conduta segundo as leis e os mandamentos de Deus. Todas as outras regras, que regulam alimentação, bebida, e sono, são apenas exercícios corporais, e só valem alguma coisa quando orientam o íntimo do coração. *“A primeira regra é a senhora, e as outras são suas criadas”*, ele acrescenta.

O Santo Elígio, ou Elói, do século VII, insiste exatamente na mesma coisa. Existe um sermão dele que está cercado de grande controvérsia. Neste sermão o Santo põe as Regras de uma vida Cristã. Ele fala da oração, de ir à igreja, de contribuições ao serviço do altar, mas a matéria principal de seu discurso é esta: *“Ama teus amigos em Deus e ama teus inimigos por Deus. Guarda a paz e a caridade, evita mentiras, treme diante do perjúrio, não digas falso testemunho, não roubes, visita os enfermos, põe toda tua esperança somente em Cristo.”* Bem longe de estar interessada em êxtases, Santa Teresa nos diz: *“Nunca ousei desejar que Deus me desse nem mesmo uma mínima ternura de devoção. Apenas implorei a graça de nunca ofendê-lo.”*

Além disso, mesmo ocupados com grandes coisas, os Santos jamais negligenciaram as pequenas observâncias, que pessoas religiosas às vezes tendem a negligenciar. Por exemplo, muito corretamente diz-se de São Francisco de Assis: *“Todos concordam que a polidez fluía dele. Se um homem tão humilde pudesse se orgulhar de algo, seria de suas boas maneiras.”* Santa Teresa d’Ávila era bastante exigente em tudo que dizia respeito à cortesia e à boa educação. Ela diria: *“Deus não tolera nossa ingratidão para com aqueles que nos fizeram uma boa ação. Uma sardinha eu levaria em conta.”* Conta-se sobre Santo Inácio que, aos

homens de alta linhagem que ingressavam na Sociedade como noviços, ele fazia questão de dirigir-se segundo seus títulos de nobreza. Dizem também que São Filipe Néri, embora exigisse obediência de todos, nunca ordenou que ninguém fizesse nada. Era sempre *“por favor”, “te importarias”, ou “se eu te mandasse para tal e tal lugar, tu irias de boa vontade?”*

O mais surpreendente é que não encontramos Santos mimados ou apegados a bobagens. *“Deixa algo para os anjos”,* São Felipe Néri disse a um sacerdote excessivamente escrupuloso. Ele não via nada de errado em sapatos de salto alto, se não fizessem tropeçar quem os estivesse usando. Quando Santo Agostinho foi questionado sobre a moralidade concernente ao sentido do olfato, ele respondeu: *“Com aromas perfumados eu não me preocupo muito, exceto em recebê-los bem, em nome de Deus, quando estão presentes.”* *“Como sei se estou rezando da forma correta?”*, alguém perguntou a Santo Antônio. *“Estás quando não o souberes”,* foi a resposta. Uma criança disse a São João Vianney: *“Senhor Cura, tenho de fazer minha lição ou posso ir brincar lá fora?”* *“Vai brincar, meu filho, este é o privilégio de tua idade.”* Diz São Bento: *“Embora tenhamos lido que o vinho não é, absolutamente, uma bebida para monges, os monges de hoje em dia não podem ser convencidos disso. Concordemos então em não beber até a saciedade.”* Diz o Guia das Anacoretas: *“Lembraí-vos de que tudo pode ser exagerado. A moderação é sempre melhor. Não devais prometer guardar, como pessoas imprudentes, quaisquer regras externas. Vós podeis até trocá-las sempre que quiserdes, por regras melhores.”*

Tal era o nível mental dos Santos. Eles eram simples, mas não eram simplórios. Eram como crianças, mas não

eram infantis. Eles não *“deixavam o homem velho”* para colocar a mulher velha no lugar. São Paulo resumiu isto para nós: *“Não sejais crianças na prudência, e sim crianças na malícia. Na prudência sede perfeitos.”*

O Livro de Cabeceira dos Santos

AS AFEIÇÕES DOS SANTOS

Seria um erro pensar que os servos de Deus têm corações duros, pensar que são desprovidos de ternura por terem feito sacrifícios heroicos e rompido vínculos sagrados. O amor no coração não é sufocado ou enfraquecido por dedicar-se a Deus, ao contrário, ele é purificado e reforçado, tornando-se mais delicado e mais vigoroso. Disse o Cura d'Ars: *“Quando um coração é puro não pode evitar o amor, porque redescobriu sua fonte, que é Deus.”* Os bretões querem ser duas vezes franceses – *deux fois français* –, e as almas piedosas não querem apenas o direito de amar seus entes queridos, mas, por serem almas piedosas, querem amá-los com um amor duplo.

O ímpeto do amor pode ser disciplinado sem ser destruído. São Francisco de Sales teve de disciplinar o ímpeto do amor, que nele era extraordinariamente forte. Realmente, ele reconhece que as duas paixões que mais lhe custaram para controlar foram a da ira e a do amor. A primeira ele reprimiu violentamente, mas a segunda não. Com esta, ele usou de estratégia. Ele preservou suas afeições, mas infundiu nelas um motivo sobrenatural, tornando-as mais ardentes que nunca. A paixão indisciplinada é que é a fraca. Ela é tão fraca que por regra tem vida curta. Nenhum homem é mais estranho ao amor que um libertino. *“O verdadeiro não existe”*, eles dizem. Para eles certamente não existe e nem pode existir. Um escritor francês moderno descreveu o resultado de ter se misturado à sociedade irreligiosa de sua época. Ele conta que isto agiu

como detergente em sua alma, limpando-a de toda a confiança e de toda a amizade num piscar de olhos. Não foi uma mulher do mundo que descreveu a amizade como um *“tipo insípido de ódio?”* A religião não desfigura as belas obras de Deus. Ela não reprime os impulsos calorosos de uma generosa afeição e, como veremos, também não sufoca a doçura das palavras carinhosas. Ela não tira, ela acrescenta. Ela enriquece o amor humano com a glória adicional de poder ser consagrado à Fonte de todo amor.

Os Santos não apenas tinham coração, mas seu espírito *é* o bom coração. Menandro, o poeta grego, disse: *“Um coração rico é a principal coisa que o homem quer”*, e os Santos tinham isto. Seus corações eram mesmo muito ricos. Foi um Santo, Antônio, quem disse: *“Amar os homens é viver.”* Foi um Santo, Agostinho, quem disse: *“Virtude nada mais é que amor bem direcionado.”* Foi um Santo, Francisco de Sales, quem disse: *“A alma não pode viver sem amor. Tudo depende de prover a ela um objeto que valha a pena.”*

Wordsworth fala, em algum lugar, das “vidas frustradas” daqueles que se dedicam à vida religiosa. Pelo visto nunca ocorreu a ele que essas vidas são abundantemente supridas não apenas com a consolação, mas com as alegrias e as doçuras da amizade e da afeição. São Jerônimo e São Basílio certamente poderiam satisfazer a teoria de Wordsworth sobre “vidas frustradas”. Ambos realizaram grandes atos de renúncia, e a nenhum dos dois é fácil para a imaginação associar o que chamamos de sentimentalismo. Mesmo assim, precisamos apenas ler suas cartas para descobrirmos que eram homens ternos e afetuosos. O nome de São Jerônimo bem sugere aspereza, ou ao menos severidade, mas ele amava Santa Paula e toda a sua família. Assim escreve para ela, a respeito de sua netinha: *“Se tu a mandasses para mim*

eu seria seu tutor e criado. Eu a levaria em meus ombros, embora seja um homem velho. Como criança conversaria com ela, e ficaria mais orgulhoso de meu trabalho do que jamais Aristóteles esteve do seu.” São Basílio escreve o seguinte para consolar uma mãe na morte de seu filho: *“Mas o que estou fazendo! Proíbo uma mãe de chorar e choro eu mesmo. Reconheço que a página sobre a qual escrevo está molhada com minhas lágrimas, e há momentos em que exclamo ‘pereça o dia em que nasci’.”*

Aqui está um escrito de São Francisco de Sales para Santa Francisca de Chantal: *“Eu realmente acho que não há no mundo uma alma de afeição mais calorosa, mais terna e, sinceramente, mais amorosa que a minha, pois agradou a Deus fazer assim meu coração.”* Sobre sua mãe, ele escreveu: *“Oh! Esta minha mãe, como sou forçado a amá-la!”* Quando sua irmã Jeanne, a quem ele havia batizado, morreu, ele sofreu intensamente. *“Meu coração foi tocado mais do que jamais pensei ser possível. Quão profundamente amei esta criança!”*

O amor de Santa Teresa d’Ávila pelo sangue de seu sangue era tanto que ela reconheceu que a coisa mais dura que fez foi deixar seu pai. Ela escreve: *“Meus familiares gostavam muito de mim, e eu os amei tanto que nunca permitiria que me esquecessem.”* Que coisas tocantes e ternas escreveu Santa Teresinha do Menino Jesus para seu pai. Quando ele foi acometido pela paralisia, ela disse: *“Assim como a agonia de Jesus traspassou o coração de Sua mãe, meu coração ficou profundamente ferido pelas humilhações e sofrimentos daquele a quem mais amei na terra.”* E ainda: *“Parei de dizer que posso sofrer mais. Palavras não podem expressar minha dor: nem devo tentar descrevê-la aqui.”* Ela escreve sobre sua irmã: *“Que*

conversas tive com Celine! Longe de nos separar, a grade do Carmelo nos fez mais próximas.”

Que mãe teve um filho mais afetuoso que Santa Mônica, e que filho teve mãe mais afetuosa que Santo Agostinho? Nunca a memória dos pais foi honrada com palavras mais belas que estas: *“Que ela esteja em paz com seu marido. [...] Inspirai, meu Senhor e meu Deus, inspirai aos vossos servos, inspirai a todos que lerem estas páginas, que se lembrem, junto ao altar, de Mônica, vossa serva, e de Patrício, outrora seu esposo [...] Que se lembrem, com piedoso afeto, dos que foram meus pais. [...] Assim, graças a estas Confissões, o desejo último de minha mãe será mais copiosamente cumprido, com as orações de muitos, e não apenas com as minhas.”*

São Jerônimo, em seu panegírico sobre Santa Paula, diz: *Nulla sic amabat filios* (nenhuma amava os filhos assim). Embora ela, chamada pelo dever, tenha se separado das crianças, seu coração fez-se em pedaços por causa desta separação. Tendo resolvido seus negócios e deixado bem provida sua família, *“ela foi para a praia acompanhada por seus parentes e seus filhos, que com lágrimas esforçavam-se ao máximo para acabar com sua firmeza. Quando a embarcação estava pronta para partir, seu filhinho Toxotius, com as mãos erguidas, implorou para que ela não o deixasse. Entretanto ela, voltando os olhos secos para o céu, virou o rosto, para que não visse na praia aquilo que não poderia ver sem afligir-se com enorme mágoa.”* Deus exigiu um sacrifício desta mulher heroica, não um holocausto. Se Ele quis que ela renunciasse à união com seus queridos, não fez com que ela os amasse menos. Ele realmente coroou o sacrifício que ela fez de seus instintos maternos, aprofundando e purificando o amor natural em seu coração. São

Jerônimo então pôde dizer, verdadeiramente: *“Nenhuma mãe amou seus filhos assim.”*

Isto fica muito claro na história de São Severo de Ravena. Ele era um pobre tecelão, um homem casado, mas sendo de excepcional virtude foi eleito bispo. Ele aceitou esta decisão como sendo de Deus, e separou-se de sua esposa e sua filha. Ele continuou, porém, a cuidar das duas muito carinhosamente, e quando elas morreram ele as enterrou em um esplêndido sepulcro. Quando ele mesmo estava para morrer, abriu o sepulcro, entrou, deitou-se ao lado de sua mulher e disse: *“Minhas queridas, deem-me espaço para que na morte não fiquemos separados.”*

Consideremos lado a lado os dois seguintes exemplos, e julgemos a qualidade do afeto em cada caso. Sabe-se bem que se Lady More tivesse feito à sua maneira, o Beato Thomas More não seria um dos Mártires Ingleses. Ela disse quando o visitou na Torre: *“Me admira que tu, que até aqui foi considerado um homem sensato, agora bancarás o louco! Tens em Chelsea uma boa casa, tua biblioteca, jardim... Lá tu podes estar em minha companhia, com tua esposa!”* Lady More certamente amava seu marido, porém, como tantas vezes acontece, seu amor tinha uma grande dose de amor próprio. Como diz o Padre Bridgett: *“Ela era evidentemente uma dessas boas almas para quem o respeito é a lei das leis, e para quem a hesitação em fazer o que fazem as pessoas decentes é simplesmente incompreensível.”* Agora, para contrastar, a mulher de outro mártir:

Em 1929, o armênio Gomidas Keumurgian foi beatificado. Ele era um sacerdote casado, e foi decapitado pelos turcos em 1707, em Constantinopla. O relato de seu martírio diz que, embora sua irmã tenha se esforçado para persuadi-lo a abraçar o maometismo, e salvar assim sua vida,

sua esposa, pelo contrário, o exortou à constância. Quando soube que ele havia sido condenado à morte, ela declarou que nada deveria abalar sua decisão, nem mesmo a ansiedade da preocupação com o bem-estar das crianças, a quem Deus certamente proveria (realmente uma pensão para as crianças foi mais tarde estabelecida pela Santa Sé). Este é o amor em sua forma mais pura, uma afeição superior a todo o interesse, que busca apenas a salvação da pessoa amada.

A *Vida de Santa Bernadete em Nevers*, como introdução a algumas de suas correspondências, diz: *“A vida religiosa não sufoca as afeições, as eleva e intensifica.”* Nessas cartas temos evidências não apenas do senso prático de Bernadete, mas do terno amor que ela dispensava aos membros ausentes de sua família. Ela escreve: *“A separação de meu amado pai é muito angustiante, mas nós temos a grande consolação de saber que ele recebeu os últimos sacramentos.”* E ainda: *“Minha querida irmã, senti uma grande parte da dor que teu coração de mãe suportou ao perder tua filhinha.”* *“Ouvi dizer que minha tia Lucile está muito doente. Escreve, eu imploro, e não escondas nada de mim.”* *“Eu te garanto que neste momento estou muito preocupada com o teu futuro.”* *“Estou mesmo muito preocupada com o Pierre.”* *“Minha querida Irmã, eu imploro que me envies notícias o mais breve possível.”* E ainda: *“Leva à família mil carinhos de minha parte.”*

É assim que São Anselmo escreve a seus parentes: *“Almas bem-amadas de minha alma, meus olhos desejam ardentemente vos contemplar, meus braços se abrem para vos abraçar, meus lábios suspiram por vossos beijos. Toda a vida que me resta se consome com a espera de vós. Como posso esquecer aqueles a quem tenho como uma marca em meu coração!”*

Santo Antão, o Patriarca da vida monástica, é certamente um dos maiores ascetas. Santo Atanásio foi seu primeiro biógrafo, e nos conta que Antão não retirou-se para o deserto até a morte de seus pais. Quando isto aconteceu, seu único parente próximo era a irmã. Esta irmã ele colocou em um convento de freiras. Ele contudo nunca a esqueceu, e em sua velhice abandonou a solidão para lhe fazer uma visita.

Uma das passagens mais belas dos *Diálogos* de São Gregório Magno é o relato do último encontro de São Bento com sua irmã Santa Escolástica. Ela tinha o hábito de visitar o irmão todos os anos, e de conversar com ele até a noite, em uma casa não muito longe do mosteiro. Na última ocasião, sabendo que nunca mais o veria, ainda neste mundo, ela pediu a ele que adiasse seu retorno e ficasse até o dia seguinte. São Bento respondeu que não poderia passar uma noite fora de seu claustro. Ela então recorreu a Deus, e Ele enviou uma tempestade de raios, de forma que São Bento não conseguiu pôr os pés para fora até a manhã seguinte. *“Deus te perdoe, minha irmã, o que fizeste?” “Eu te pedi um favor, tu o negaste, então pedi a Deus e Ele me atendeu.”*

Até a virtude do patriotismo estava bem guardada nas mãos dos Santos. Embora muitos tenham se exilado voluntariamente, eles sentiram e expressaram afeição pela terra natal, afeição que Nosso Senhor consagrou derramando lágrimas sobre Jerusalém. Como São Bonifácio se mostra sensível ao bom nome de seu país, na destemida carta que escreve a respeito de Æthelbald, o imoral rei dos mercianos! *“Nascidos e nutridos da mesma raça inglesa, como nós somos, permanecemos aqui no exterior pelo comando da Sé Apostólica. Ficamos sempre satisfeitos e contentes com boas*

notícias de nossa nação, porém estamos angustiados e entristecidos por causa de seus pecados. Nós sofremos por causa da vergonhosa conduta de nosso povo. Se a raça dos ingleses realmente despreza o matrimônio legal – notícia que é amplamente difundida e que chega até nós na França e na Itália –, um povo degenerado e indigno nascerá, e a nação deixará de ser forte. Nós sofremos por causa da vergonhosa conduta de nosso povo.”

São Francisco não abençoou Assis com sua mão moribunda? Na medida em que seu fim se aproximava, em busca da saúde ele foi levado de um lugar a outro, mas ficou nostálgico todo o tempo. Quando finalmente os irmãos voltaram a Assis, uma grande alegria o preencheu ao avistar a cidade. *“Nunca desistais deste lugar”,* ele disse. *“Se vós fordes a qualquer lugar, voltai sempre para cá, para o vosso lar.”* *“Ô minha terra natal”,* disse São Camilo de Lellis em seu leito de morte. *“Lembra do que te ensinei, pois não nos veremos novamente.”*

Quando Pedro de Blois deixou a Abadia de Croyland, parou sete vezes para olhar para trás e fixar em sua mente a lembrança do lugar onde havia deixado seu coração. Na manhã em que São Filipe Néri rezou sua última Missa, dizem que *“ele admirou longamente a célebre colina – o Janículo –, de onde ele nunca mais veria Roma espriar sua majestade a seus pés.”* *“Minha pátria é o céu”,* ele gostava de dizer. Porém, mesmo assim, seu biógrafo diz que *“em meio ao trabalho de seu apostolado em Roma, ele nunca esqueceu sua Florença amada nem seus entes queridos, e o afeto por ambos foi santificado e enobrecido por seu ardente amor a Deus.”* Ele nunca perdeu a oportunidade de proteger um compatriota necessitado (isto é, um florentino), e a um de seus parentes ele escreveu: *“Eu não preciso te oferecer meus*

serviços porque nossos laços de parentesco já me obrigam a ajudá-lo. Tal como sou, sempre farei de bom grado tudo que estiver ao meu alcance, te amando como eu amo, e sendo como um pai, pela idade e pela afinidade.”

A Graça nunca é o esvaecimento da natureza, mas sim seu embelezamento. A santidade transfigura o amor terreno, para que seu semblante seja alterado, e suas “*vestimentas se tornem brancas e resplandecentes*”.

O Livro de Cabeceira dos Santos

AS BIOGRAFIAS E AS CARTAS DOS SANTOS

Se tivéssemos tantas cartas como temos biografias, nossa apreciação dos Santos seria melhor, e nos livrariamos de uma vez por todas das impressões equivocadas que temos de alguns deles. Diz Santo Agostinho: *“Assim como a visão está para os outros sentidos, as cartas dos homens ilustres são mais maravilhosas, em incontáveis aspectos, que todas as suas outras obras. Nelas, como no espelho da alma, aparecem as qualidades pessoais do indivíduo. Ninguém pode melhor se mostrar à vida de outra maneira que não com suas cartas. Por nenhum outro meio ele pode melhor se dar a conhecer.”*

As biografias devem existir, muitas vezes não há nada além delas, mas o que o biógrafo pode fazer tem um limite. Ele pode apenas usar os materiais que chegam às suas mãos, que são eventualmente bem escassos. Seria difícil escrever uma biografia realmente boa de São Jorge. O biógrafo, uma vez tendo o material em mãos, tal como ele é, o manipulará à sua própria maneira. Apesar de si mesmo ele será tendencioso na seleção dos fatos. Ele julga o que é e o que não é digno de nota, e naturalmente dará ênfase ao que atrai sua própria mente. A própria erudição pode ser sua ruína, pois ele terá a tendência de apresentar apenas o que chama a atenção de seu juízo acadêmico. Se Boswell tivesse sido um homem brilhante, jamais teríamos a *Vida de Dr. Johnson*. Prior era tudo o que Boswell não era, mas em sua *Vida de Goldsmith* ele anda na ponta dos pés, enquanto Boswell, na *Vida de Dr. Johnson*, anda com os pés no chão. Um estudo

brilhante sobre um Santo sempre agrada, como *O Segredo do Cura d'Ars*, de Gheon, por exemplo. Os Santos merecem, sem dúvida, os mais brilhantes biógrafos que puderem ter, e quando um grande homem de letras escreve sobre eles leva sua apreciação a mentes que de outra forma permanceriam fechadas. Não gostamos, ainda assim, de vê-los diminuídos pela grandiosidade de seus biógrafos. Ou seja, a biografia deve nos entusiasmar mais pelo sujeito biografado que pelo autor. Talvez tenha sido a total simplicidade de Boswell o que lhe possibilitou alcançar seu triunfo. Ele determinou-se a nos contar tudo sobre Johnson, nos dar um livro sobre Johnson, anunciar Johnson, e não Boswell. O resultado é uma obra-prima. Macaulay escreveu: *“A Vida de Johnson, de Boswell, é garantidamente um grande, um grandioso trabalho. Ele é o primeiro dos biógrafos. Muitos dos maiores homens que já viveram escreveram biografia. Boswell foi um dos menores homens que já viveram, e superou a todos.”* De qualquer forma concordamos que alguns Santos não tiveram muita sorte com seus biógrafos, mas esta é uma falha que perdoamos prontamente, quando lembramos o quanto é difícil a arte da biografia, e como poucos nela tiveram êxito.

A biografia não deve ser, embora tenha sido muitas vezes assim, uma mera enumeração de eventos. Se ela se limita aos projetos e empreendimentos do sujeito, pode satisfazer as demandas da História, e ser excelente como uma tabela cronológica, mas não será uma *Vida*. Os *Acta Sanctorum* não são sempre as *Vidas dos Santos*. É Plutarco, ele mesmo um grande biógrafo, quem diz que as virtudes dos homens não se revelam por suas façanhas, mas por suas palavras, suas brincadeiras, seu comportamento privado, suas relações domésticas, e assim por diante. Uma mera anedota, uma fofoca, pode lançar mais luz sobre o caráter de

um grande homem do que o mais imponente dos monumentos históricos. Disse assim o Padre Faber: *“O que fez com que os Santos se tornassem Santos nem sempre está no que lemos em suas Vidas, mas no que não lemos.”*

Quando temos uma biografia realmente boa, o Santo entra, de uma vez por todas e por seus próprios meios, em nosso entendimento e em nosso coração. Não há dúvidas, por exemplo, quanto à biografia inglesa de São Roberto Belarmino. Ela é tão interessante como um conto oriental, e estabelece definitivamente a grandeza, a bondade, a amabilidade, a humanidade e toda a excelência e atratividade do Santo. Quando você a lê, sente que São Roberto está seguro quanto aos leitores ingleses. Assim também é a biografia de São Filipe Néri escrita pelo Cardeal Capacelatro. Temos nela um estudo, não do estilo literário do biógrafo, mas da carreira e principalmente da personalidade de São Filipe. É para São Filipe que se dirige a admiração do leitor.

Em alguns casos, os Santos escreveram suas próprias biografias, e fazendo isto não apenas nos pouparam de uma série de problemas, mas também chegaram mais rapidamente aos nossos corações. De suas *Confissões*, Santo Agostinho emerge como uma figura real, de carne e osso. A primorosa *História de uma Alma*, de Santa Teresa de Lisieux, foi traduzida para cada uma das línguas europeias e para várias línguas orientais. Provavelmente milhões, que nunca souberam ou nem suspeitavam como é um Santo realmente, graças a esta simples história agora sabem. Sabem e são bem melhores sabendo.

Afinal, o que conhecemos e o que podemos conhecer, da vida interior dos seres humanos, além daquilo que eles escolhem nos contar? *“Pois quem dos homens conhece as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está?”*

E é claro, alguns homens são mais difíceis de entender do que outros. Newman era um homem difícil de entender. “*J. H. N. é um homem estranho*”, escreveu um de seus amigos. “*Quem pode entendê-lo?*”, escreveu outro. Sem a *Apologia*, ele não teria mesmo sido entendido. A autobiografia é valiosa como uma fotografia de um morto que temos a sorte de possuir, e a biografia parece mais uma tentativa de reproduzir o retrato a partir de uma máscara mortuária. A autobiografia deve ser sincera, é claro. Rousseau e Goethe escreveram autobiografias, mas de alguma forma, quando você as lê, sente que eles estão contando apenas aquilo que querem que você saiba. Eles lembram um pouco aquela senhora não católica que disse sobre seu confessor: “*É claro que eu não conto tudo.*”

Sendo a biografia decepcionante, não há nada como ler cartas. O Cardeal Bourne escreve: “*Nas cartas vemos o caráter. Motivos, hesitações, dúvidas, preocupações, perplexidades – muitas vezes maravilhosamente parecidas com as nossas –, aparecem, e a pessoa surge diante de nossos olhos com uma nitidez que a biografia não consegue alcançar.*”

Pela História sabemos tudo sobre os feitos de São Basílio, mas sem suas cartas pouco saberíamos sobre o homem. A História explica por que ele é um dos maiores Patriarcas da Igreja, mas as cartas explicam por que ele é um dos mais cativantes. Pela História, é extremamente difícil fazer uma imagem fiel de São Jerônimo. No conturbado horizonte que circunda seu período, ele aparece completamente áspero e belicoso. Quando examinamos o volume de sua correspondência, porém, encontramos um homem bom e gentil, um homem de coração, de intensas afeições e relações generosas, brincalhão, bem-humorado, e com notável carinho pelas crianças. São Bernardo, em suas

cartas, e em seus sermões, revela o calor extraordinário e a ternura de sua natureza. Nas de Santo Agostinho podemos ver a simplicidade deste grande homem. Por exemplo, ele fala livremente, a seu amigo Profuturus, de suas dores e seus sofrimentos, e confessa a natureza de suas humilhantes enfermidades. Uma de suas cartas, para Santa Melânia e sua nora Albina, começa assim: *“Embora eu mal consiga suportar o frio, seja pelo estado de minha saúde ou por minha constituição natural, ainda que eu nunca tenha sofrido febre maior que a deste inverno horroroso — por causa de minha incapacidade, não direi de ir, mas de fugir até vós, agora que estais estabelecidas tão perto. Em verdade, para vos ver eu atravessaria os mares voando.”*

A correspondência de Santa Madalena Sofia mostra uma mulher de verdade – astuta, de personalidade forte, calorosa, com opinião e humor próprios. Da mesma forma, as poucas cartas de Santa Bernadete, que estão em sua biografia, revelam a cultura e o refinamento que a santidade trouxe à sua alma. Considerando sua origem, sua pobreza e sua ignorância, é surpreendente encontrá-la escrevendo a seus amigos e parentes com tanta graça e profundidade de sentimento, combinados com um bom senso prático e sólido.

Assim como nós, alguns Santos detestavam escrever cartas, e outros gostavam profundamente. São Leonardo de Porto Maurício se correspondia com reis e pessoas de título, mas uma queixa foi levantada contra ele, que escrevia suas cartas (mesmo para a sua amiga Duquesa de Strozzi), em qualquer pedaço papel tirado da lata de lixo. Mary Ward, da prisão, escrevia constantemente para suas filhas espirituais. Suas cartas foram escritas em pedaços grosseiros de papel, com suco de limão, um truque que ela aprendeu na Inglaterra, por causa das Leis Penais. Mary Ward não é uma

Santa canonizada, mas foi uma pessoa de muita santidade: temos aí uma pessoa santa, ao menos uma, que usou tinta invisível. Essas incomparáveis cartas ainda existem, entre os tesouros de seu Instituto.

Santa Teresa d'Ávila amava enviar e receber cartas, e tinha um cuidado especial com as suas. Ela é mesmo uma Madame de Sévigné entre os Santos, e teria endossado cada palavra que disse Lacordaire sobre a escrita de cartas: *“É uma coisa muito agradável escrever para aqueles que se ama, e se a vida foi feita simplesmente para o gozo dos prazeres lícitos, não devemos nunca nos cansar, perto ou longe, de conversar com essas almas cujas vidas fazem parte da nossa.”*

Nos dias d'antanho, especialmente naqueles os quais chamamos de Idade da Fé, a redação de cartas foi cultivada como uma verdadeira arte, justamente por aqueles que estavam trancados nos claustros, fazendo grandes esforços para se tornarem Santos. Este era o único grande consolo ao qual eles se permitiram. Falamos, em outra ocasião, das “fórmulas” usadas na escrita das cartas monásticas do passado. A mais recorrente dessas fórmulas é um pedido de resposta rápida: *“Para [...], Adjuro-te, por tua bondade, que nos visite mais frequentemente por meio das cartas, para que a longa distância que nos separa não possa triunfar sobre aqueles que estão unidos pelo amor de Cristo.”* Lioba diz em uma de suas cartas a São Bonifácio: *“Peço a ti, também, para te dignares a corrigir o estilo rústico desta carta, e para me enviases de modelo algumas palavras tuas, as quais ansiosamente desejo ouvir.”* E Egburga lhe escreve: *“Dignate a enviar, para meu conforto, algumas palavras de tua mão, para que nelas eu possa sempre tê-lo comigo.”* Realmente, nós encontramos muitos traços da mesma

ansiedade nas cartas do próprio Santo Agostinho. Ele escreve a São Jerônimo: *“Suplico que não descuides em me responder, mesmo que ocasionalmente.”*

É fascinante pensar nessa comunicação cortês e afetuosa, levada de uma extremidade à outra do continente. Numa época em que o *Apostolado da Pena* era impraticável, esses religiosos, homens e mulheres, separados do lar e da pátria por longas distâncias, empregaram a pena nos interesses da caridade fraternal e da mútua consolação. Os mensageiros estiveram bastante ocupados, levando as correspondências dos monges irlandeses para seus superiores e seus irmãos, indo da França, da Itália, da Suíça, do Reno e até da Islândia, para Bangor, Cork e Clonmacnoise! Tantas notícias eles enviaram e receberam, sempre exigindo notícias em troca! Sem dúvida estavam tão ansiosos pelas novidades de seus amados como estiveram Santa Teresa, Santa Bernadete, e como estamos nós mesmos.

O Livro de Cabeceira dos Santos

A ALEGRIA DOS SANTOS

São Francisco de Assis disse a seus seguidores que deixassem a tristeza para o diabo. São Leonardo de Porto Maurício não foi tão longe. Ele disse: *“Deixem a tristeza para os que estão no mundo. Nós, que trabalhamos para Deus, devemos nos despreocupar.”* O pobre mundo deve ficar um pouco chateado ao receber um legado como este. As pessoas mundanas devem ficar muito surpresas quando ouvem que a tristeza é para elas um privilégio e uma exclusividade. Obstinadamente, o mundo insiste em associar o fervor religioso a um imaginário fúnebre. *“A religião nunca pretendeu entristecer as pessoas!”* Esta afirmação traz, na verdade, uma pergunta que nos é colocada ininterruptamente. Como um homem que responde à pergunta *“você parou de bater em sua mulher?”*, nós hesitamos entre o “sim” e o “não”. Rebaixar-nos para então nos levantar é uma das funções da religião. Além disso sempre haverá, indubitavelmente, aqueles que insistem na infelicidade quando o assunto é a religião. A religião, como acontece com todas as outras bênçãos, deve ser abordada com o espírito correto e manipulada da maneira certa. Mas se a *“felicidade é a vida natural do homem”*, como disse Santo Tomás, e se a religião pretende enriquecer e não empobrecer a nossa vida (*“Eu vim para que os homens tenham a vida, e para que a tenham mais abundantemente”*), devemos concluir que a religião visa uma expansão, não uma supressão da *joie de vivre* que há em nós. Santa Madalena Sofia escreveu em uma de suas cartas: *“Se o mundo soubesse de nossa felicidade invadiria*

nossos retiros por pura inveja, o tempo dos patriarcas do deserto voltaria, e os retiros ficariam mais populosos que as cidades.”

“É sempre primavera no coração quem ama a Deus”, declarou o Cura d’Ars, e ele o disse por experiência própria. São Filipe Néri também insistiu nisso. À mesa, em um dia de festa, ele começou uma discussão acerca da alegria, e cada convidado tinha de dar uma opinião. O Santo observou, alegremente: *“Sem dúvida Baronio vai dizer que a satisfação Cristã surge de uma constante meditação na morte.”* Sua opinião era esta: *“A alegria Cristã é um dom de Deus fluindo de uma boa consciência.”* Disse São João da Cruz: *“A alma de quem serve a Deus está sempre imersa na alegria, guarda sempre os dias santos, e está sempre disposta a cantar.”*

As novas de nossa religião são *“novas de grande alegria”*. *“Vosso coração se alegrará e ninguém poderá tirar vossa alegria”*, disse Nosso Senhor. O Espírito Santo ainda habita Sua Igreja, e a alegria é um dos Seus dons. Ele é a inspiração de todas as vidas santas. A santidade pode ser aprendida apenas em Sua escola. Logo, a alegria é um dos sinais da santidade. *“Un saint triste est un triste saint.”* Na Sagrada Escritura, é o justo quem *“banqueteia e exulta diante de Deus, e deleita-se na alegria”*. *“Alegrai-vos no Senhor, e exultai vós, os justos, e gloriái todos de reto coração.”*

“Ria e fique mais forte” é um dos ditos de Santo Inácio. Ele diz a Francis Coster: *“Eu te vejo sempre sorrindo, e estou satisfeito com isto: enquanto fores fiel à tua regra, não poderás ser feliz demais.”* Santa Teresa d’Ávila, como vimos, rezou para ser libertada de *“santos azedos”*. Santa Catarina de Ricci disse: *“Não quero tristeza entre os espinhos da vida, mas uma paciência corajosa.”* São Filipe Néri declarou: *“Eu*

não quero tristeza em minha casa.” Ele manteve sua palavra, pois disseram que: *“O quarto de Filipe não é um quarto, é um paraíso.”* Sobre São Francisco de Sales, assim escreve o Bispo de Belley: *“Ele era tanto um grande inimigo da tristeza e da preocupação como também era amigo da paz e da alegria.”*

Os Santos aproveitaram o melhor dos dois mundos. *“Ele era um dos homens mais felizes que já conheci”*, assim Erasmo descreve o Beato Thomas More. *“Não deixes que nada te assuste”*, é o lema recomendado por Santa Teresa. Nós não encontramos os Santos nem rosnando para a vida nem cedendo ao *“murmúrio contra a natureza”*. Eles não fecharam seus olhos para os males de nossa existência aqui embaixo, não mesmo. Eles aceitaram a vida assim como a encontraram, sem esperar dela nem mais nem menos do que ela poderia dar. Eles sabiam que ela é imperfeita, mas acreditaram que algo poderia ser feito para torná-la melhor e mais feliz, e por este algo deram o melhor de si. A erva venenosa do pessimismo nunca criou raízes em solo Católico.

Os solitários interpretaram muito estritamente os preceitos evangélicos, e fizeram esforços heroicos para colocá-los em prática. *“Vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e segue-me”* – este texto enviou milhares deles para o deserto. Porém, há um relato que diz que peregrinos devotados ao Patriarca Santo Antônio reuniram-se em multidões e buscaram sua cela para olhar um rosto que refletia, na extremidade de uma idade avançada, a alegria e a satisfação de sua alma. Francisco deu uma interpretação muito literal ao texto *“a ninguém deis o nome de pai, senão a Deus”*, e também disseram que desde sua morte o sol nunca mais brilhou de verdade sobre Assis. Aparentemente, ele contaminou o próprio ar com o espírito da alegria, e os ecos

de seu canto ainda ressoam nos vales e nas colinas da Úmbria. Goethe lamentou: *“Aprendi a lição da descrença”, “perdi a fé no mundo”*. Os Santos nunca perderam a fé, mesmo neste mundo. São Vicente de Paulo aproximou-se, mais do que a maioria dos homens, do lado sórdido e perverso da vida, no entanto a própria visão de seu rosto *“sempre fez o espectador feliz”*, e sua última palavra, *“confido”*, é a palavra de ordem de um otimista. A obra da vida de São Domingos foi combater na batalha da fé contra aqueles que perderam a fé, mas ele nunca perdeu a fé nem mesmo na natureza humana. Uma antiga *Vida* sua diz que *“seu rosto estava sempre alegre e as pessoas corriam atrás dele quando ele andava na rua”*.

Nem a coisa mais aterrorizante da experiência humana, a morte, podia abalar a confiança e a serenidade dos Santos. Paradoxal e curiosamente, a morte é normalmente mais temida por aqueles que mais firmemente se recusam a pensar nela. Dr. Johnson, embora fosse um homem de personalidade forte, achava essa expectativa terrível. Ele afirmou que *“a vida não é nada além de afastar pensamentos de morte”*. Talvez fosse este o seu erro. Crânios decorando a mesa não são mesmo agradáveis, mas podem ter servido a um propósito mais prático do que imaginamos. Em todo caso, permanece inegável o fato de que os Santos, que viviam constantemente na presença da morte, absolutamente não a temiam. Disse São João da Cruz: *“O amor perfeito de Deus torna a morte bem-vinda e mais doce para a alma.”* Quando as Clarissas de Amiens, que se escondiam durante a Revolução Francesa, foram capturadas e jogadas na prisão, a Irmã São José disse: *“Viva! Iremos nós todas direto para o Paraíso.”* Elas não foram guilhotinadas, entretanto. Isto foi, sem dúvida, uma grande decepção para a Irmã São José. *“Eu*

sofro muito, mas estou em uma paz surpreendente. Estou cheia de confiança.” Assim falou a Pequena Flor em seu leito de morte. O Irmão Elias repreendeu São Francisco de Assis por cantar em seu leito de morte, e disse: *“Ele deveria estar pensando na morte.”* É claro que ele estava fazendo justamente isto, e por isto cantou. As carmelitas mártires de Compiègne não cantaram a Ladainha Lauretana sobre o patíbulo?

O Pobre de Assis não tinha nada deste mundo para deixar, mas legou a seus seguidores o espírito da alegria. Ele queria que estes fossem os Trovadores de Deus. Um deles foi mais longe, Jacopone da Todi, e tornou-se o Bobo de Deus. Se algo do retrato fiel pode ser encontrado na caricatura, quem sabe a irreverente lenda do *Jolly Friar* não tenha sido baseada na alegria e na leveza de São Francisco e seus primeiros discípulos.

Os Santos sabiam que esforços, para serem contínuos, devem ter alegria, que sem uma grande coragem e uma confiança inabalável é muito difícil perseverarmos. São Filipe costumava dizer: *“Um espírito alegre atinge a perfeição mais rapidamente que qualquer outro.”* São Francisco de Sales escreveu: *“A ansiedade e a amargura são a ruína da devoção.”* E Santa Clara: *“A melancolia é o veneno da devoção. Quando alguém está em uma tribulação deve ficar mais feliz e mais alegre, porque está mais perto de Deus.”* O Cilindro de Nabonido, o pai de Belsazar, data do ano de 555 a.C., mas tem um sentimento bastante Cristão expresso na forma de uma oração. *“Dai-me, ó Deus, uma grande alegria para que eu possa Vos servir melhor.”*

Por Nosso Senhor demandar grandes sacrifícios de Seus servos é que Ele os compensa e fortifica com o espírito da alegria. A medida de nossa alegria é a medida de nossa generosidade. Os fundadores das grandes ordens religiosas

deram uma variedade de formas às instituições que estabeleceram, mas todos concordaram que a melancolia deveria ser banida do claustro. São João Crisóstomo, o primeiro biógrafo que tiveram os monges, disse sobre eles: *“Eles não têm tristeza. Eles fazem guerra com o diabo como se estivessem dançando.”* Talvez estejamos inclinados a levar o diabo a sério demais. *“Que tanta conversa é essa que eu ouço sobre o diabo!”*, costumava dizer Santa Teresa d’Ávila. *“Ele foge de uma gota de água benta”*, disse São Francisco de Sales. Teresa Higginson afirmou que *“o diabo apenas quer ser notado. É melhor prestar-lhe a menor atenção possível.”* Nosso próprio Santo Anselmo, sobre os monges de seu tempo, disse: *“Eles encham o mundo com suas canções de alegria.”* Ainda assim, a tolice do mundo acredita que a melancolia é o principal caminho que leva ao claustro. Sim, é verdade, há uma Santa que foi levada a um convento por sua decepção amorosa. Santa Giacinta Marescotti foi destinada a ser a exceção que confirma a regra.

Que nomes encantadores e prazenteiros deram esses religiosos aos lugares onde construíram seus monastérios! “Lugar Brilhante”, “Prado Feliz”, “Portão do Céu”. Havia um na Espanha, perto de Burgos, que foi chamado de “As Delícias”, e um na França chamado de “O Ninho do Pássaro”. Duas Abadias levavam o nome de “Alegria”. Um mosteiro cisterciense em Nivernais foi chamado de “Consolação”, e nossa Netley era o “Lugar Feliz”. As pessoas que habitavam esses lugares ficavam tão maravilhadas com eles que muitas vezes censuravam-se por isto. Quando Alcuíno deixou seu claustro para ir à corte de Carlos Magno, deixou uma despedida muito tocante: *“Ô minha cela, nunca mais te verei. Não verei mais os bosques que te cercam, nem os jardins, onde os lírios ficam entre as rosas. Não ouvirei mais*

os pássaros que cantam Matinas, como nós, em louvor ao seu Criador. Ele acrescenta: “É Vós, ò Cristo, e Vosso amor, que enche e alegra nossos corações – Vós, nossa glória, nossa vida, nossa salvação.”

O Livro de Cabeceira dos Santos

A SAÚDE DOS SANTOS

Com todas as suas austeridades, os Santos eram bem conscientes de que o corpo é o servo da alma, e de que será mal servido um senhor que não cuida de seu servo. *“Cuida do corpo porque ele deve servir à alma”*, escreve Santa Teresa a uma de suas freiras. Mesmo para batalhas espirituais precisamos de força física. Aqueles que foram aos maiores extremos, no esforço de conter suas paixões, sabiam que *“o corpo deve ser recrutado para a luta contra o corpo”*. É verdade que Santa Teresa insiste que *“é um erro imaginar ser necessário estar em boa saúde para poder rezar”*, mas ela apenas quis dizer – o que ela diz na verdade é –, que a oração não é tanto uma questão de força como é de amor e de costume. Santo Inácio assim escreveu para São Francisco Bórgia: *“Não se deve enfraquecer a natureza corporal para compensar uma fraqueza de natureza espiritual. Devemos amar o corpo e desejar-lhe o bem, quando ele obedece e auxilia a alma.”* O Beato John Fisher esmerou-se em sua grande experiência de fortificar o corpo. Na manhã de sua execução, ele prestou singular atenção em si mesmo, para a surpresa do Oficial da Torre. O mártir disse: *“Não vou prejudicar minha saúde nem por um minuto, mas vou prolongá-la tanto quanto puder, por todos os meios possíveis.”* São Filipe Néri aprovou sua sobrinha, que rezava para reaver a saúde, porque *“na saúde podemos fazer muitas coisas boas que na doença não podemos fazer.”*

É bem possível, claro, encontrarmos na vida desse ou daquele Santo uma conduta muito parecida com a imprudência. E pode ter havido imprudência mesmo. Eles eram seres humanos, todos eles, e mesmo os maiores dentre eles nem sempre agiram prudentemente. Além disso eles não eram tão interessados em si mesmos, e este desprendimento pode levar à imprudência. Estar absorvido em alguma busca implica inevitavelmente em certa dose de autonegligência. De fato, encontramos Santos que reconhecem sua imprudência com muita franqueza. Santo Inácio admitiu que levou a penitência longe demais, em seus primeiros dias em Manresa. Ele se arrependeu ao encontrar prejudicadas, pelos rigores de seu primeiro fervor, sua força e sua eficiência. São Francisco de Assis confessou, no final, que havia sido muito duro com pobre Irmão Burro. Ele estava bem longe de recomendar a seus irmãos as austeridades que ele mesmo praticava, e insistiu que prestassem atenção e tivessem bom senso quando o assunto fosse a saúde. *“Não devemos dar ao Irmão Burro o direito de murmurar ‘não posso ficar de pé, nem rezar, nem ser feliz, pois que tu não satisfazes minhas necessidades.’”* Encontramos a mesma ideia em São Jerônimo, que escreve: *“Os longos e imoderados jejuns de muitos me desagradam, pois aprendi pela experiência que burro muito cansado procura na estrada descanso a qualquer custo. Numa longa jornada, deve-se restaurar as forças.”* Portanto, as imprudências dos Santos devem julgadas pelo que eram de fato: imprudências. Generosos pela graça de Deus, ardentes e impetuosos por natureza, como alguns deles eram, sentiram a necessidade de se doar e sacrificar até a imprudência. Frederick Ozanam era um homem muito Santo, nunca se poupou, e morreu muito cedo. Lacordaire escreveu: *“Como faria diferença se*

Ozanam, em vez de ter levado a vida ao limite, tivesse dormido oito horas por dia e trabalhado apenas seis. Ele ainda estaria vivo. Ele teria ainda trinta anos diante de si, ou seja, seis horas de trabalho multiplicadas por trezentos e sessenta e cinco multiplicados por trinta.”

A questão é que os servos de Deus não têm o monopólio dessas imprudências. Os servos do mundo também sacrificam a saúde, a tranquilidade, a paz de consciência e o conforto corporal, por ambição, fama, riqueza ou paixão. Às vezes o interesse é uma bobagem. Um dos filósofos gregos arrancou os próprios olhos pela meditação filosófica, e Empédocles cometeu suicídio por pura vaidade. Estes são extremos escandalosos, mas encontramos cientistas e doutores arriscando e perdendo suas vidas por uma pesquisa. A descoberta da eletricidade foi quase fatal para Benjamin Franklin, e a descoberta do óxido nítrico quase fatal para Humphry Davy. Edison, em um período de sua carreira, trabalhou vinte e quatro horas por dia, e Michelângelo frequentemente passava uma semana sem trocar de roupa, trabalhando em seu estúdio. Quantas tensões e dificuldades não impõem a si mesmos os homens de negócios! Eles levantam cedo, dormem tarde, reclamam que não têm tempo para ficar doente ou tirar férias. *“Eles recebem uma coroa corruptível, e nós uma incorruptível”*, diria um Santo.

Hoje em dia muito se ouve sobre os méritos de “viver perigosamente”, mas esta é uma velha teoria reaparecendo em novas palavras. *“L’audace, l’audace et toujours l’audace”* – Danton expressou-a há muitos anos. Os pagãos, muito antes de Danton: *“Audaces fortuna juvat* – A sorte favorece os audazes. O mesmo sentimento está por trás do provérbio *“Somente os bravos merecem o que é justo.”* A frase

“segurança em primeiro lugar” parece ser útil apenas em placas de trânsito. Os Santos certamente não primavam pela segurança. Se tivessem feito assim, não existiriam. Não haveria São Vicente de Paulo, Padre Damião, Mártires, Confessores. São Pedro nunca teria saído ao mar. Se fizeram pesadas exigências ao corpo, isto mostra que eles tinham uma grande fé no corpo, rendendo-lhe um belo elogio ao acreditarem que ele é capaz de grandes coisas.

Com todo este rigor e abnegação eles não foram tão mal. Santo Antônio, o Eremita, morreu aos 104 anos, com todos os dentes na boca. O vício e a autoindulgência excessiva provavelmente prejudicaram mais a saúde e encurtaram mais as vidas do que jamais a virtude e a santidade o fizeram. O jejum e abstinência foram chamados de “A cura de São Carlos Borromeu” – literalmente. O jejum e a abstinência fizeram por ele o que nenhum médico pôde fazer – ele curou-se de uma doença muito problemática, que Alban Butler chamou de “*a fleuma*”, e naturalmente levou a boa nova aos outros. Sendo um Santo, ele não patenteou a cura nem tentou guardá-la para si. Lewis Cornaro, por exemplo, foi curado de uma complicação de doenças que ameaçou sua vida à idade de quarenta anos, e graças à “Cura de São Carlos Borromeu” viveu até os 100, e escreveu um livro descrevendo seu caso.

Os Santos têm um ótimo registro de longevidade. Há uma dúzia de centenários entre os mais conhecidos. São Romualdo, o rigoroso asceta Camaldulense, atingiu a marca dos 120 anos. Santo Eusignio tinha 110, e foi martirizado. Santo Antão Abade tinha 105. São Nilo, São Paulo Eremita, e São Lupo de Troyes cobriram juntos 286 anos. Alguns dos Santos mais experimentados pelas doenças viveram até idades avançadas. Santo Afonso tinha 89, Santo Alonso, 86,

São Filipe Néri, 80, São José de Calasans, 92. O Beato Alberto Magno tinha 88, o Beato Roberto Belarmino, 79, Santa Madalena Sofia, 84. Dentre os Santos mais modernos, São Vicente de Paulo foi talvez o mais saudável e mais robusto. Ele tinha 85 quando morreu.

Quando lemos os relatos das extremas privações dos primeiros Santos, devemos ter em mente a completa dureza da época em que viveram. Comparados com os nossos, os corpos de nossos antepassados eram de ferro fundido. Dá um arrepio só de pensar no castelo medieval, com suas paredes maciças, sem janelas de vidro, com piso de pedras e enormes aposentos gelados. Além disso, tudo leva a crer que nessa época nem os ricos usavam roupas de dormir. Os *Highland Chieftains* costumavam dormir nas charnecas, no alto inverno, sem nenhum cobertor além da manta escocesa. Scott fala de alguém que repreendeu bruscamente a efeminação de seu filho fazendo uma bola de neve para que lhe servisse de travesseiro. A austeridade de hoje, de jeito nenhum, seria considerada como tal na época da Igreja Primitiva, nem a dois ou três séculos. Então, “*East is east, west is west.*” Os Patriarcas do Deserto viveram no Oriente, onde comer demais era uma impossibilidade física. Encontramos então os monges de São Martinho implorando por um relaxamento da Regra primitiva, numa área muito prática. “*Nós somos gauleses, é desumano nos obrigar a viver como anjos.*” Eles tinham um grande Santo ao seu lado, foi Santo Atanásio que chamou o jejum de “*dieta dos anjos*”. São Bento reconheceu que deve haver tolerância, não apenas porque os lugares são diferentes, mas também porque os tempos mudam. Em sua Regra, ele diz: “*Embora tenhamos lido que o vinho não é uma bebida para monges, ainda assim, já que em nosso tempo eles não podem ser convencidos disso, que ao menos concordemos em não beber até a saciedade.*”

Há uma citação de um Santo que diz: *“Deve haver um doente em cada comunidade religiosa.”* Ele não quis dizer que a doença é uma coisa boa. De jeito nenhum. O que o Santo quis dizer é que a presença da doença traria Deus mais para perto da casa, por causa da paciência e da caridade que nela se estaria exercitando. Dizem também que São Bernardo, quando podia, insistia em fundar seus mosteiros em locais insalubres. Seja qual for o motivo dessa escolha, esses lugares não permaneciam insalubres por muito tempo. Os monges foram, aliás, acusados de se apoderarem dos locais mais belos e mais salubres.

Os Santos não eram mimados. Mesmo assim, em conformidade com ideias aceitas em sua época, eles tentaram cumprir seu dever para com o corpo. A Regra de Santo Agostinho é muito explícita a este respeito. Ele autoriza o jejum só até onde a saúde permite. Ele diz a suas freiras que depois de qualquer doença elas devem refazer suas forças. Ele avisa aos superiores que se alguma irmã vier a reclamar ela deve ser levada a sério, e se houver qualquer incerteza o médico deverá ser consultado. *“Quando estiverdes sangrando¹”,* diz o autor do *Guia das Anacoretas*, *“não façais nada por três dias além de conversar com as servas e vos distrair. É uma grande loucura por causa de um dia perder dez ou doze.”* Esta “licença-sangria” era uma parte importante da higiene da época, e geralmente ocorria quatro vezes por ano. *“Que tudo seja feito com moderação”,* diz a Regra de São Bento. *“Todos têm seu próprio dom divino, um este, outro aquele. Por este motivo, a quantidade de alimento do outro não pode ser determinada com tanta certeza. As fraquezas do velho e do novato sejam sempre levadas em conta, e o pleno rigor da Regra em relação a eles, no que diz respeito à alimentação, não deve ser mantido de maneira*

nenhuma. Que o mais fraco seja ajudado, para que ele não faça seu trabalho na tristeza. Que o escolhido como despenseiro seja sábio e não entristeça seus irmãos. O que é dado, que seja dado para que ninguém fique preocupado ou aflito. Dois irmãos, que cumpram bem seus deveres, sejam encarregados da cozinha.”

Santa Teresa escreveu a uma de suas freiras: *“Não permitas que a Priora deixe de comer carne. Faz com que ela cuide da saúde.”* Para a Beata Inês da Boêmia, Santa Clara dá o mesmo prudente conselho: *“Como tua carne não é de ferro, nem tem a dureza do mármore, rogo-te que evites uma abstinência rígida demais, para que possas render a Nosso Senhor um serviço cheio de razão e temperado com o sal da prudência.”*

São Vicente de Paulo escreve para a Mademoiselle le Gras, a Beata Louise Marillac: *“Cuida de tua saúde e honra a alegria do Nosso Senhor.”*

São Filipe Néri, pode-se dizer, colocou o jejum em seu devido lugar. Àqueles que falavam sempre deste assunto, ele disse, apontando para a sua testa: *“Toda a santidade de um homem está aqui, dentro da largura de dois dedos.”* Aos noviços dominicanos, em cujos piqueniques ele costumava estar, ele disse: *“Comam tudo, meus filhos, me engorda vê-los comer.”* Quando os monges reclamaram para o abade que São Dositeu nunca jejuava, o abade respondeu: *“Ele não jejuava, porém nunca dá espaço aos desejos.”* O Beato Alberto Magno afirmou que uma lágrima derramada pela Paixão de Nosso Senhor vale mais que um ano de jejum. Os fariseus eram certamente grandes jejuadores, e nenhum grupo de homens deu a Nosso Senhor tantos problemas e aborrecimentos. O da parábola vangloriou-se por jejuar duas vezes na semana – mas ainda assim não estava justificado.

Quando reprovaram os discípulos de João Batista por não jejuarem, Nosso Senhor tomou a parte dos discípulos. Ele deixou claro muitas vezes que o jejum é bastante compatível com a hipocrisia e o orgulho. Como disse um Santo ilustre: *“O jejum é bom, mas a humildade é melhor.”*

Pelo cuidado e atenção que os Santos dispensavam aos doentes, vemos que os Santos apreciavam a boa saúde. A nenhum aspecto da lei da Caridade eles atribuíam maior importância. *“Ao negligenciarmos os doentes, incorremos em uma terrível responsabilidade”*, disse Santa Teresa. *“Antes de tudo, e sobre tudo”*, ordena a Regra de São Bento, *“deve haver um cuidado especial com o doente, de forma que ele seja cuidado como se estivéssemos cuidando do próprio Cristo.”*

A devoção popular associou certos Santos a certas doenças, deles fazendo, por assim dizer, patronos dessas mesmas doenças, protetores especiais daqueles que sofrem ou são ameaçados por elas. A erisipela costumava ser chamada de Fogo de Santo Antônio, e a coreia ainda é chamada Dança de São Vito. Santa Catarina de Alexandria é invocada contra doenças da língua, Santa Apolônia contra a dor de dente, São Brás contra doenças da garganta, e Santo Estanislau contra a palpitação do coração. Dizem que Santa Gala, Santa Aldegundes e São Peregrino podem nos proteger do flagelo do câncer, e quem sofre com dores de cabeça geralmente é aconselhado a rezar para Santa Teresa d'Ávila, que foi mártir deste problema. São Sérvulo é o padroeiro dos paralisados, e Santa Dimpna, dos loucos.

É significativo como se destacam os médicos no Calendário dos Santos. São Lucas, São Cosme, São Damião, São Pantaleão, São Filipe Benício são alguns dos nomes que vêm à mente. Uma linda oração, composta no século XVII

pelo chefe da Faculdade de Medicina de Paris, para o uso dos Médicos Católicos nesta cidade, começa invocando “*todos os Santos que se destacaram na prática da medicina e no exercício da caridade curativa (therapeutica caritate)*”, e então saúda catorze deles pelo nome. No *Notices sur les Saints Médecins*, do Beneditino Padre Fournier (ele mesmo um médico), são dados detalhes de uns setenta Santos que praticaram a medicina, dos quais cinco são mulheres: Santa Zenaide, Santa Leonila, Santa Hildegarda, Santa Sofia e Santa Nicerata. Desde o princípio, a Igreja teve a profissão médica na mais alta estima possível, associando seu trabalho consigo mesma, e ensinando seus membros a fazer dela um verdadeiro apostolado. Seria realmente difícil exagerar o débito que a ciência médica tem para com a Igreja. Por séculos o estudo da medicina esteve quase confinado ao Clero.

Os santos que escreveram sobre o assunto – Santo Agostinho, por exemplo, em sua carta a Proba –, enfatizam que negligenciar os remédios prescritos pelos médicos é transgredir a lei da Caridade que cada um deve a si mesmo. Mesmo os maiores ascetas desbancariam a *Christian Science* em segundos. São Carlos Borromeu e Santo Afonso foram dóceis aos avisos de seus médicos. O próprio Deus ordenou a Isaías que aplicasse figos secos no abscesso que fazia Ezequias sofrer.

Os Santos fizeram, por eles mesmos, o melhor que puderam, e aproveitaram a saúde, boa ou má, que lhes foi concedida. Isto é tudo o que se pode fazer. Eles tentaram evitar dois extremos igualmente perigosos, em relação à saúde, a excessiva preocupação e a imprudência, e se erraram certamente foi na direção do segundo extremo. O harpista não quer que suas cordas fiquem nem muito frouxas nem muito apertadas. Se elas estiverem frouxas demais, não

haverá música, e se elas estiverem apertadas demais, provavelmente se romperão. É melhor que o harpista tenha as cordas mais apertadas que soltas, se deve mesmo haver um erro. Em uma época como a nossa, em que a velocidade, a excitação e a alimentação artificial prejudicam tanto a saúde das pessoas, há muito poucas razões para criticarmos as imprudências dos Santos, ou para acusarmos a santidade de ser anti-higiênica.

Nem sempre os gigantes são os maiores, podemos ter certeza. Santa Teresa escreveu: *“Minha saúde é muito ruim, mas Deus faz tanto através de mim que às vezes rio de mim mesma.”* As biografias dos Santos – e as biografias dos homens mais ilustres –, mostram o espetáculo de homens e mulheres gravemente provados pelas enfermidades, mas que ainda assim realizam enormes empreendimentos. Muitas das pessoas mais notáveis foram pessoas muito delicadas. Santo Afonso fez o voto de nunca perder um minuto de sua vida, e o manteve, apesar de ter recebido nove vezes o último Sacramento, de ter estado constantemente doente, e de ter passado trinta anos parcialmente paralisado. São Filipe Néri vivia cheio de trabalho, embora fosse fraco e sofresse regularmente da febre romana. São Hugo de Lincoln tinha a energia de um homem forte, mas foi um mártir das dores de cabeça. A Beata Júlia Billiart foi uma aleijada, Santo Spes era cego. Foi um Santo, um Santo inspirado, quem disse: *“Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir os fortes.”*

OS SANTOS E OS ANIMAIS

“Envolvido completamente pelo amor de Deus, o Beato Francisco discerniu perfeitamente Sua bondade não apenas na própria alma, mas também em toda e qualquer criatura, razão pela qual o afetou um amor singular, e transbordante, por todas as criaturas.” Assim está escrito no *Espelho da Perfeição*, sobre São Francisco de Assis. Talvez nenhum Santo, ou nenhum que conheçamos, tenha se deliciado tão exuberantemente com a poesia da natureza. Ele compôs o *Cântico das Criaturas* e o cantou em todos os lugares. Ele falou e pregou aos pássaros como Santo Antônio aos peixes, mas sozinho entre os Santos tentou ser “gentil” com criaturas como o fogo e a água. Ele levou mais longe do que jamais havia sido levado o orgulho da estirpe e da família. Ele manteve um relacionamento com o Sol, a Lua e as estrelas. Ele chamou a água de irmã e o fogo de irmão. Esta é a cultura da grande santidade. O Santo que quer apenas ser um Santo acaba por se tornar muitas outras coisas, e por se tornar, acima de tudo, um artista. *“O Santo é assombrado”*, como disse o Padre Faber. Ele vê o que os outros não podem ver. Sua visão não é apenas mais potente, é também mais refinada, e ele enxerga nas belezas da natureza uma rica parábola da Divina Beleza. Para o Salmista, o firmamento mostra a obra das mãos de Deus. Para Santo Agostinho, o desenho da criação é *“uma voz”*, e a terra, o ar e água são *“imagens”* e *“semelhança”*. São Francisco disse que cada criatura clama e diz: *“Deus me fez para ti, ó homem.”* Cada criatura deve ser amada e respeitada por seus serviços. Disse

Santa Gertrudes: *“Amar a Deus é amar tudo que é de Deus e tudo que vem de Deus”.*

Não nos surpreende encontrar, nas histórias dos Santos, intermináveis exemplos de sua lida íntima e compassiva com os animais. Sentimos que assim é como deveria ser. Fosse de qualquer outra forma, mesmo que não ficássemos escandalizados, ficaríamos preocupados. Os cães de caça, é verdade, são abençoados na Festa de São Humberto, mas a bênção de São Humberto não é para a caçada. Este Santo é invocado como uma proteção contra mordidas de cachorro. Ele foi um bom caçador, mas depois de sua conversão nunca mais caçou. Ele é o protetor dos caçadores, não da caçada.

A participação do clero na caça tem a censura da Igreja desde os primórdios, e está claro em sua legislação que ela considera este esporte alheio ao caráter gentil do sacerdote. O Papa Pio V protestou vigorosamente contra a tourada espanhola, e desde seu tempo o clero está proibido de frequentá-la, passível de severas penalidades. Esta legislação da Igreja, combinada com seu simbolismo e com os exemplos de seus Santos, deve ter contribuído enormemente para humanizar a atitude do homem em relação às criaturas bestiais. Com certeza os bois e os jumentos do mundo ganharam algo com sua presença no Presépio. Não esteve São Francisco de Assis ansioso para que fosse aprovada uma lei que obrigasse os fazendeiros alimentá-los bem e permitir que descansassem no dia de Natal? Muito antes de sonharmos em tratar os brutos com carinho e gentileza os Santos já estavam fazendo isto. A lenda diz que Santo Kentigern devolveu a vida a um passarinho que havia sido apedrejado. Isto foi no século VI. Lontras perseguidas costumavam se refugiar aos pés de São Cuteberto. Isto foi no século VII. No tempo frio, as andorinhas costumavam se

esquentar sob o manto de São Guthlac, no século VIII. Uma lebre que estava sendo perseguida buscou a proteção de Santo Anselmo e abrigou-se sob seu cavalo. O cavalo nunca teve amigo melhor que São Tomás Becket. Ele viveu oitocentos anos atrás. O autor do *Guia das Anacoretas* disse às irmãs: “*Prefiro vê-las leprosas que cruéis.*” Podemos supor que o autor tinha em mente o gato que ele permitiu que elas tivessem.

Sabe-se bem que São Francisco era cheio de gigantescos esquemas para revolucionar o mundo. Ele acreditava que seria capaz de parar as Cruzadas, apenas se pudesse ter com o Sultão uma conversa de cinco minutos. Ele tinha um plano para levar conforto a todos os pássaros do Sacro Império Romano. Sua ideia era que o Imperador deveria aprovar algumas leis proibindo a captura de cotovias e obrigando todos os governadores e corporações a espalhar migalhas pelas estradas, ao menos no dia de Natal. Na época, isto deve ter soado como pura poesia, mas nos dias de hoje aprovam-se leis que proíbem a captura de cotovias e também o aprisionamento de certos pássaros selvagens. Assis é provavelmente a única cidade do mundo onde se alimenta diariamente os pássaros, mas as ideias de Francisco espalharam-se em todas as direções. Um jantar especial de Natal para cavalos cansados é uma coisa comum em nossos lares.

A cotovia de quem São Francisco tanto gostava era a cotovia-de-crista. Ela o atraía porque veste-se como um bom religioso deve se vestir. Ela tinha um verdadeiro capuz de frade, e suas penas tinham a cor penitencial. Além disso, seu canto suave mostrava uma afinidade com aqueles que ele queria que fossem os Menestréis de Deus. Na noite de sua morte, um grande bando delas rodou sobre o telhado da casa

em que ele estava deitado, e cantou seu “adeus” para o homem que tinha feito tanto por elas, e que teria feito muito mais se tivesse conseguido chegar ao Imperador. Os pássaros ainda são alimentados na feira de Assis, todo dia, quando toca o *Angelus*. Ao som do sino elas vêm voando de todo lugar, guiadas por um instinto transmitido ao longo de setecentos anos. Podemos ter certeza de que a cotovia-de-crista é a primeira a chegar, e que ela sempre consegue as melhores migalhas.

São Francisco não maltratava nem os animais que o maltratavam. Ele poupou os ratos que dia e noite o atormentavam, e nisso ele certamente não está sozinho: O Beato Martinho de Porres era gentil com os ratos que roíam suas roupas. São Francisco de Paula poupou as vespas, o Venerável José de Anchieta poupou as víboras. Quando espantaram as moscas do rosto moribundo do Cura d’Ars, ele disse: *“Deixem minhas pobres moscas.”* Não precisamos chegar a tanto, nem imitar os maometanos, que não molestam sequer os animais selvagens, mas como lembra São Francisco de Sales, *“este compadecimento gera bons frutos, e aqueles que são compassivos com os animais provavelmente o serão com o homem”*. A crueldade é um mal geral. O homem que age com crueldade é um homem cruel. Talvez a crueldade do homem tenha contribuído para manter ferozes os animais selvagens. O lobo de Gubbio não feriu São Francisco, e o leão não feriu São Jerônimo. Disse São Francisco de Paula: *“Todas as criaturas obedecem àqueles que servem a Deus com um coração perfeito.”* Estes são aqueles que, como prometeu a Escritura, pegaram serpentes sem serem mordidos por elas. É bem possível que um dia a ferocidade de todos os animais selvagens desapareça na presença do homem que finalmente tenha

aprendido a lição dos Santos. Crueldade com animais era uma coisa que São Filipe Néri não podia suportar. Ele chamou o padre oratoriano que esmagou um lagarto com o pé de *“homem cruel”*. Quando um pássaro entrou voando pela janela da capela, ele cuidou para que ninguém o machucasse, e depois de tê-lo capturado deixou que voasse para fora novamente. Dois pássaros engaiolados, que ele tinha em sua cela, podiam sempre descansar em liberdade, e quando ele ficou doente costumavam pousar em sua cama. Perdizes vivas que foram enviadas para a sua cozinha ele encaminhou a uma senhora penitente com a instrução de que não fossem mortas. Um cão, de nome *Capriccio*, foi com seu senhor visitar o Santo. Ao final da conversa ele não quis ir embora apesar de todos os apelos de seu dono. Ficou então com o Santo e foi seu fiel companheiro por doze anos. O gato de São Filipe é o mais notável animal de sua espécie que já abanou um rabo. O gato cooperava com o Santo no divertido trabalho de mortificar o orgulho de seus seguidores. Eles trabalhavam juntos, por assim dizer, pela virtude da humildade, e até mesmo os primeiros biógrafos falam com evidente satisfação da posição privilegiada deste notabilíssimo gato. Os gatos podem agora andar de cabeça erguida. Associado à traição, à hipocrisia e à bruxaria, acusado de emprestar sua pele ao diabo, considerado repugnante por todos os primeiros naturalistas – a reputação do pobre gatinho tem sido a pior possível. O *Guia das Anacoretas*, é verdade, permitia que as irmãs possuíssem um gato: *“Vós não possuireis nenhum animal, minhas queridas irmãs, exceto um gato.”* O Cura d’Ars tinha um gato, mas desde então, para todos os católicos amantes dos gatos, o gato de São Filipe Néri será o gato. Ele merece estar ao lado do famoso cão de Dom Bosco, *Grigio*, que agiu como uma

espécie de anjo da guarda, afastando-o do mal, tomando para si os seus males, e salvando-o de ser assassinado, em certa ocasião, graças à sua inteligência.

O Bispo de Belley, falando da compaixão que São Francisco de Sales tinha pelos animais, disse: *“A Igreja inculca gentileza e bondade perfeitas no Clero. É por isso que eles nunca tomam parte em nada que envolva derramamento de sangue.”* Ele dá alguns detalhes muito interessantes sobre a atitude de São Francisco de Sales a respeito desta questão. O Santo insistia, antes de tudo, no dever indireto que o homem tem para com os brutos. Ele via como sendo um pecado ferir por simples prazer. *“Não temos o direito de privá-los da alegria de existir que Deus lhes concedeu”*, ele disse. O que ele pensava sobre a caça revelasse no seguinte incidente. Um cavaleiro, querendo agradar, trouxe consigo um cervo, e propôs sobre ele soltar os cães, na presença do Santo. Indignado, Francisco fugiu para o outro lado da casa, e o pobre animal, ao ser atacado pelos cachorros, instintivamente procurou o quarto onde estava seu benfeitor. Em seguida, mataram o cervo, mas quando sua carne foi servida o Santo mal a tocou, e exclamou: *“Que prazer infernal!”* Ele nunca fazia nenhum mal aos animais, e mais que isso, ele sempre tentava impedir que outros fizessem. Seus biógrafos observam que os próprios animais reconheciam sua natureza terna e compassiva, e que buscavam sua proteção quando perseguidos. Quando ele recitava o Ofício, muitas vezes pombos voavam para a segurança de suas mãos.

Estes exemplos tão detalhados, é verdade, pertencem a tempos mais recentes. Pode ser que isto aconteça porque biógrafos modernos prestam mais atenção a tais assuntos. Que tal tenha sido o caráter geral dos servos de Deus,

sabemos pelo fato de que, na lenda e na arte, um grande número deles está associado a algum animal. Há o leão de São Jerônimo, a mula de Santo Antônio, o lobo de São Vito, o veado de Santo Eustáquio, a ovelha de Santa Genoveva, o cordeiro de Santa Inês, a serpente de Santa Veridiana, o boi de São Silvestre, os cavalos de Santo Hipólito, a corça de Santo Egídio, a aranha de São Norberto, o falcão de São Quirino, o ganso de São Martinho, o peixe de Santo Ulrico, o falcão de São Bavão, a águia de Santa Prisca, a pomba de São Gregório, a corça de São Procópio, as abelhas de Santo Ambrósio. Em alguns casos esta associação é puramente simbólica, porém, se um leão realmente foi o companheiro de São Jerônimo, podemos estar certos de que o Santo lhe tinha afeto. Se um javali visitava regularmente o eremitério de Santo Antão, podemos ter certeza de que o Santo interessou-se por ele. O corvo deve ter ganhado um pedaço do pão que levou a São Paulo, e o cão (um cão verdadeiramente autêntico), que ia diariamente ao padeiro buscar o pão de seu mestre São Roque, ganhava uma boa fatia por seu cuidado, podemos ter certeza.

“Eu não acredito muito em uma religião humana se o gato e o cachorro não forem mais felizes por causa dela.” Com devida anuência, para com a agudeza desnecessária que têm todas as observações pontiagudas, há uma boa dose de verdade nesta frase. A piedade para com os animais é parte da bondade natural, e conseqüentemente ela se desenvolve e intensifica pela religião, em vez de ser diminuída. *“Nunca associe prazer ou orgulho à tristeza dos mais inferiores, que também são capazes de sentir.”* Este é realmente um sentimento Cristão.

O Livro de Cabeceira dos Santos

A SAGACIDADE E O HUMOR DOS SANTOS

Alguém disse que: *“O bom humor é noventa por cento da Cristandade.”* Claro que não é, muito longe disso. Esta é uma “frase de efeito” cujo valor está não no que foi dito, mas em sua sagacidade. O senso de humor tem um papel importante na vida espiritual. Padre Benson não hesitou em chamar o humor de Santa Teresa de *“dom divino”*. Sabedoria vem do alto, é um dom do Espírito Santo, e o humor é uma parte, uma parcela da sabedoria. Humor é o sal da vida, e até certo ponto é o sal da vida religiosa, e a preserva da decadência. G. K. Chesterton diz de São Francisco de Assis: *“O senso de humor é o sal de todas as suas aventuras.”* A história de muitas das heresias é em grande parte a história da perda do senso de humor. Suas aberrações e absurdidades ou vêm do diabo ou dificilmente podem ter outra explicação. Santo Inácio disse *“ria e fique forte”*, e a um de seus noviços ele disse também: *“Eu te vejo sempre sorrindo e estou satisfeito com isto.”*

É bem significativo que uma das Santas mais razoáveis fosse conhecida por seu espírito brincalhão e por um senso de humor afiado. Quem ousou rezar como Santa Tereza rezou? *“Livrai-nos, Senhor, de devoções tolas, e de santos de cara azeda!”* Ela escreveu a uma freira que gostava muito de citações clássicas: *“Possa o Céu preservá-la de ser uma latinista!”* Em sua introdução ao *Castelo Interior* ela observa: *“Tantos livros foram escritos por homens santos e instruídos que não restou nenhum assunto para uma mulher escrever sobre.”* Quando pediram sua opinião, sobre um

memorando escrito pelo Senhor Salcedo, este foi seu comentário: *“O Senhor Salcedo não para de repetir, ao longo de seu artigo, ‘como diz São Paulo’, ‘como diz o Espírito Santo’, e então termina lamentando ter escrito apenas disparates. Vou denunciá-lo à Inquisição.”* Em uma viagem que ela fez, na companhia de alguns padres e freiras, houve uma parada para a *siesta*. Todos eles sentaram-se juntos, sob o arco de uma ponte, e ela levantou seus ânimos contando histórias engraçadas. Ela gostava de enviar versos ao Padre Gratian para fazê-lo rir. Ela inventava apelidos, e uns bem inteligentes, para aqueles com quem tinha alguma relação. O Núncio era *“Matusalém”*, os Carmelitas Calçados eram *“Os Gatos”*, e *“As Corujas”*. Os Descalços eram *“As Águias”* e *“As Borboletas”*, é claro. Ela mesma era às vezes *“Pobre Ângela”* e às vezes *“Laurentia”*. Ela explicou o motivo de tudo isso: *“Que seria de nossa casinha se cada uma de vós escondêsseis o pouco de esperteza que possuíis!”* Em outra carta ela escreve: *“Nós tivemos aqui muita alegria, mas não ficamos embriagadas”*.

“Que esperteza tinha este homem”, escreveu René Bazin sobre o Cura d’Ars. O Abade Toccanier ficava condoído com as contrariedades e sofrimentos que ele suportava nas mãos do diabo. Disse o Cura: *“Acostuma-se a tudo – até ao diabo – o grappin e eu somos quase camaradas.”* Ele perguntou a uma senhora tagarela se havia algum mês do ano, tirando fevereiro, no qual ela falava menos que de costume, e quando um sacerdote lhe pediu permissão para rezar a Missa em sua igreja, ele respondeu: *“Padre, lamento apenas que não seja dia de Natal, para que tu pudesses rezar três.”* Uma importante senhora lhe disse *“Nunca me deixam esperando, nem no Vaticano.”* *“Talvez não, madame, mas aqui terás de esperar mesmo assim.”* *“O que devo fazer para chegar ao*

céu?”, perguntou uma senhora de grandes proporções. *“Três Quaresmas, minha filha.”* Uma freira lhe disse: *“As pessoas te acham muito ignorante, Padre!”* *“Mesmo assim, sempre poderei te ensinar mais do que jamais poderás aprender.”* Sobre a crinolina, que era moda em seu tempo, ele costumava dizer: *“Nosso Imperador fez muitas coisas boas, mas esqueceu de uma coisa. Ele deveria ter alargado, por lei, todas as portas, para que a crinolina pudesse passar.”* Quando ele viu na parede do *château* o retrato de uma senhora usando um vestido de noite, disse: *“Alguém poderia pensar que ela estava indo para a guilhotina.”*

O Cardeal Capacelatro diz de São Filipe Néri: *“Havia um traço em sua personalidade que nunca deixava de fascinar os jovens, ele era sempre alegre e bem-humorado. Como todos os florentinos de sua época, ele era conhecido por sua veia humorística.”* Ele disse uma vez: *“Eu como pouco porque não quero engordar como o nosso amigo Francesco Scarlatti.”* Ele era vegetariano, e uma vez, quando estava caminhando com os amigos, ao ver passar o carro do açougueiro ele teria dito: *“Graças a Deus não preciso de nenhuma dessas coisas.”* Santo Tomás de Aquino, em algum lugar, fala bem das “travessuras”, e São Filipe, como veremos, foi grandemente atraído por esta prática.

Como foi dito, sobre São Francisco de Assis, *“o senso de humor é o sal de todas as suas aventuras”*. Depois de se hospedar por algum tempo na casa do Cardeal Leo ele apanhou dos demônios, e declarou que esta foi sua punição por ter se casado com um cardeal. Diz a lenda que ele, quando buscou ter uma entrevista com o Sultão do Egito, com o objetivo de convertê-lo, encontrou uma armadilha. O sultão ordenou que um tapete coberto de cruzeiros fosse estirado sobre chão da tenda. *“Se ele andar sobre o tapete o*

acusarei de insultar seu Deus, e se ele não andar, de insultar a mim.” Francisco, é claro, andou sobre o tapete, e ao ser acusado de impiedade ele respondeu: *“Saiba que Nosso Senhor morreu entre dois ladrões, também pendurados em cruzes. Nós Cristãos temos a Cruz verdadeira e as cruzes dos ladrões, que deixamos para vós. Sobre estas não me envergonho de pisar.”* Verdade ou não, esta história mostra que a São Francisco normalmente era atribuída uma esperteza bastante ligeira.

Há esperteza e bom humor mesmo nas cartas de São Jerônimo. Ele escreveu à esposa de Toxotius, que tinha um avô pagão, um sacerdote de Júpiter cuja conversão fazia com que todos ficassem ansiosos: *“Estou convencido de que o próprio Júpiter teria se convertido ao Cristianismo se tivesse uma família como a tua.”*

O humor inteligente é uma característica muito marcante de nossos mártires ingleses. Realmente surpreende como seus atos de martírio estão cheios de evidências que comprovam isto. É claro, o Beato Thomas More é o mais notável dentre eles, eclipsando os outros. Seu senso de humor nunca o abandonou, nem mesmo no momento de sua execução. *“Ajuda-me a subir”*, ele disse ao Oficial da Torre, *“que descerei sozinho”*.

O Venerável Passionista Padre Domingos, que recebeu Newman na Igreja, e que era um homem muito mortificado em todas as coisas, permitia uma indulgência muito liberal ao seu senso de humor. Sua biografia registra muitas de suas declarações espirituosas. Quando certa senhora piedosa o consultou sobre suas visões noturnas, ele conduziu um interrogatório sobre que tipo e que quantidade de vinho ela tinha o hábito de beber durante a ceia.

Temos em uma das cartas de Santa Sofia: *“Nossa sociedade não foi feita para provar que mulheres podem se*

tornar homens, embora isto possa ser menos difícil em um país (França) onde tantos homens se tornam mulheres.”

Em uma carta a Possídio, Santo Agostinho discute a justiça de mulheres casadas pintarem seus rostos. Ele está inclinado a condenar, como se isto fosse um tipo de fraude, e acrescenta: *“Estou bem convencido de que até seus próprios maridos não querem ser tão conquistados assim.”*

Há também a Santa Joana Francisca de Chantal. Um rapaz, cuja noiva havia entrado em seu convento para se tornar freira, chegou irritadíssimo e lhe deu uma boa “bronca”. Quando a terrível entrevista terminou, Santa Joana disse: *“Eu nunca ouvi um Panegírico que me desse maior prazer.”*

Um delicado senso de humor abunda mesmo na autobiografia de Santa Teresinha, a Pequena Flor, e há evidências de que a pequena Anne de Guigné, se tivesse vivido, teria desenvolvido a mesma linha. Dizem que aos seis anos de idade ela ganhou uma linda boneca, como uma compensação por ter perdido seu primeiro dente. É claro que seu irmão Jacques prontamente quebrou a boneca. Anne a princípio ficou muito brava, e depois, recompondo-se com esforço, disse à governanta: *“É melhor assim. Eu posso fazer o sacrifício de Abraão.”*

Logo após sua conversão, Santo Inácio foi aprisionado pela Inquisição e, ao ser examinado, foi acusado de ensinar inovações. *“Meu Senhor”,* ele respondeu, *“eu não pensei que seria uma novidade falar de Cristo aos Cristãos.”*

Havia o mesmo bom humor em São Francisco de Sales. Um religioso reclamou que seu novo superior era ainda pior do que o antigo, dizendo: *“Em vez de um cavalo, agora temos um burro.”* O Santo disse: *“Não foi Balaão bem instruído por um burro?”* Ele repreendeu um conhecido por

zombar de um corcunda, dizendo: *“As obras de Deus são perfeitas.”* *“O que? Perfeito e deformado?”* *“Sim! Talvez ele seja um perfeito corcunda.”* Em conversas, e até no púlpito, ele gostava de contar histórias divertidas. Como esta, por exemplo: *“Uma mulher, que sempre fazia questão de contradizer seu marido, caiu em um rio e se afogou. O marido subiu o rio atrás do corpo, em vez de descer. Quando os espectadores disseram para ele que a corrente seguramente a teria levado para baixo, sua resposta foi: ‘Vejam que até seu corpo morto não faz nada além de me contradizer!’”* Quando intrometidos tomavam liberdades com seu bom nome, ele dizia: *“Eu sei que fulano tem aparado minha barba por mim, mas parece que Deus, de alguma forma, a faz crescer de novo.”* Isto lembra o caso da barba do Beato Thomas More, que ele protegeu do machado, dizendo: *“De qualquer maneira minha barba não cometeu nenhuma traição.”* Durante a pregação da Quaresma, em Annecy, um dos missionários *“deixou-se levar”* na denúncia dos ausentes. São Francisco de Sales nunca se importou com esse tipo de coisa, assim como não se importava com sermões compridos. *“De quem ele estava falando?”*, ele perguntou depois. *“Ele nos repreendeu por causa de uma falha que não cometemos, já que estávamos presentes. Ele queria o que? Que nos fizéssemos em pedaços para preencher os assentos vazios?”*

Esta sagacidade e este bom humor dos Santos são muito instrutivos. Isto nos faz lembrar de algo que tendemos a esquecer, de algo que às vezes nem suspeitamos, de que há mais alegria verdadeira na vida de um Santo do que em toda a intoxicação do mundanismo. Tudo o que vem de Deus traz alegria, e a santidade, que vem diretamente de Deus, é de fato Seu único atributo que o homem pode imitar. A piedade

nos Santos combina com tudo que é contentamento e felicidade. Fulberto de Chartres descreveu o espírito monástico como uma mistura de *“simplicidade natural e hilaridade angélica”*, isto é, os Santos têm algo da vivacidade dos anjos. Foi dito, sobre as pessoas religiosas, e com alguma verdade, que para cada um que faz da piedade algo atraente há nove que fazem dela algo repulsivo. Os Santos sempre são, porém, boas propagandas da religião. Eles defendem e mostram o “lado esplendoroso” da devoção, e pregam a lição de servir a Deus com alegria. Onde há muita fé sempre haverá muito riso. A Inglaterra era a *“Merrie England”* quando estava cheia de fé, e Chesterton afirma que o povo inglês não sorri com sinceridade desde a Idade Média. Disseram que o humor é *“a fonte da reconciliação e do bem-estar, que contempla o mundo com um olhar compreensivo, sorrindo e tolerando”*. A união deste dom natural com o dom sobrenatural da fé foi o que produziu nos Santos o seu otimismo.

O Livro de Cabeceira dos Santos

AS AMIZADES DOS SANTOS

Salomão diz: *“Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade”*, e acrescenta significativas palavras: *“Aquele que teme ao Senhor encontrará este amigo.”* O Antigo Testamento nos encanta com a história da amizade de Davi e Jônatas. *“Jônatas amou Davi como à sua própria alma”*, o amor de Davi por Jônatas *“passou o amor da mulher”*. O próprio Nosso Senhor chamou os Apóstolos de amigos, e Ele quis dizer eles eram Seus amigos particulares, pois *“vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai”*. É bem evidente que Ele amou São João e Santa Maria Madalena com um afeto especial. Isto incentivou os Santos – mesmo os mais desprendidos – a procurar almas afins para dar a elas confiança e amizade. Eles estavam bem conscientes de que, embora o Evangelho fundamente a perfeição no desprendimento do coração, nós não estamos proibidos de amar alguém com um afeto mais forte e sensível do que aquele que somos obrigados a ter por todos. Diz Lacordaire: *“Seria inusitado se o Cristianismo, que é fundado no amor de Deus e do homem, terminasse apenas na secura da alma para com tudo o que não é Deus. As afeições bem reguladas não são barreiras à santidade. As vidas dos Santos estão cheias dessas afeições.”* E eles realmente são assim. Ao unirem-se uns aos outros, os Santos estavam seguindo a lei divina e o exemplo de Jesus Cristo, que disse: *“Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi.”*

Um livro inteiro poderia ser escrito sobre as amizades dos Santos – amizades que eram, no melhor sentido da

palavra, particulares. *“Não há um homem que tenha um coração mais terno e mais aberto à amizade que o meu, ou que sinta mais viva a dor da separação daqueles que ama.”* Assim São Francisco de Sales descreve a si mesmo, e podemos ter certeza de que isto poderia ser aplicado à maioria dos grandes servos de Deus.

Como é agradável encontrar isto na autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus! *“Quando entrei no Carmelo, encontrei no noviciado uma colega, cerca de oito anos mais velha que eu. Apesar da diferença de idade, nos tornamos amigas muito próximas, e para encorajar um afeto que prometia estimular a virtude, fomos autorizadas a conversar juntas.”*

O *Espelho da Perfeição* diz que Santa Clara estava também muito doente na ocasião em que São Francisco estava morrendo. *“A Senhora Clara, temendo morrer antes dele, chorou muito amargamente, e ficou inconsolável, pois pensou que antes de sua partida não veria seu mestre, quem lhe trazia conforto.”* Ora, esta é uma situação e uma linguagem muito humanas, e podemos apreciar ambas. É exatamente assim que um grande amigo sente-se em relação a outro. Santa Teresa d'Ávila escreveu a este respeito para seu amigo Don Francisco de Salcedo: *“Deus queira que tu vivas até eu morrer, então pedirei a Deus que o convoque imediatamente, para que eu não fique no céu sem ti.”* Santo Agostinho mesmo costumava dizer que não queria ir para o céu sem seu rebanho. O que poderia ser mais comovente que este incidente, relatado na *Crônica da Abadia de Fontevrault*: Uma freira morre e depois aparece para uma de suas irmãs, dizendo: *“Entende, meu amor, que já estou em grande paz, mas não sei como entrar no Paraíso sem ti. Então vem logo, para que possamos entrar juntas.”*

Como era íntima e leal a amizade de São Basílio e São Gregório de Nazianzo! Como são divertidas as cartas que trocaram! Eles provocam um ao outro, como estudantes despreocupados. Esta amizade, uma das maiores da antiguidade, tinha o destino de ser abalada, ou mesmo interrompida, mas isto apenas mostra o quanto ela era humana.

Como tantos Santos, Agostinho tinha o poder de conquistar e atrair seguidores fiéis. Talvez nenhum Patriarca da Igreja tivesse tantos amigos, e tão entusiasmados. Nas cartas que eles trocavam vemos com que generosidade ele respondia a essas afeições. Por exemplo, ele se dirige a Nebrídio como *“meu doce amigo”*, e escreve a São Jerônimo: *“Ah! Se fosse possível desfrutar de doce e frequente conversa contigo, se não contigo vivendo, ao menos perto de ti.”* Sobre São Jerônimo, Alban Butler diz: *“Nosso Santo Doutor rapidamente ganhou em Roma amor e estima universais.”* *“Que há neste homem que o faz tão cativante?”*, o ministro prussiano observou acerca do Papa Pio X.

Santo Anselmo escreve a Lanfranc: *“Quanto menos posso gozar de tua presença, mais o desejo deste prazer arde em minha alma.”* E para Gondulfo: *“Todos que conhecem Gondulfo e Anselmo sabem quanto amor há implícito entre esses dois nomes.”* Assim São Bernardo lamenta a morte de seu amigo, Humbert de Clairvaux: *“Fluí, fluí, lágrimas minhas, tão ansiosas por fluir. Aquele que as impedia de fluir não está mais aqui. Não é ele quem está morto, eu que estou – eu que agora vivo apenas para morrer. Por que? Oh! Por que amamos e perdemos um ao outro?”* Santa Clara escreve à Beata Inês: *“Eu gravei tua lembrança nas tabuinhas de meu coração, te estimando mais que a todas as outras. Eu te amo como te amou o próprio coração de tua mãe.”* São Bonifácio conclui sua carta ao Bispo de Worcester: *“Adeus, meu bem amado.”*

Dizem que Filipe Néri tinha a amizade como uma das poucas alegrias inocentes da vida às quais ele se permitia, e a Providência deu a ele muitos amigos, apesar de nenhum homem ter testado tanto a paciência e a virtude de seus amigos.

Parece que para amar esses Santos bastava conhecê-los. Santa Teresa escreveu: *“É um favor a mim concedido por Deus, que minha presença sempre dê prazer aos outros.”* Um de seus primeiros biógrafos, Ribera, disse sobre ela: *“Ela era e parecia tão amável que todo mundo a amava.”* A Beata Ângela de Foligno significava tanto para todos que a conheciam, e que lhe tinham afeição, que por piedade de seus sentimentos ela escondeu que sua morte estava próxima. Gallonio disse de São Filipe Néri: *“Ele escondeu o segredo de sua morte que se aproximava, para que nossos corações não fossem arrasados pela tristeza.”*

“Sabe-se bem que muitos Santos chegaram a ter ligações estreitas com mulheres – ligações muitas vezes marcadas por uma amizade sincera e calorosa. Ruskin viu no enfilelamento da armadura do cavaleiro, quando pelas mãos de uma dama, um símbolo desta verdade espiritual: *“A armadura da alma nunca está bem ajustada ao coração, a menos que pela mão de uma mulher.”* Esta é uma possibilidade, porém, antes de Ruskin, Frederick Ozanam tinha observado: *“Parece que nada de grande pode ser feito na Igreja sem que haja a participação de uma mulher.”* Ele disse, em outra ocasião: *“O papel das mulheres Cristãs é como o dos anjos da guarda – elas lideram o mundo.”* Há, por exemplo, as amizades de: São Jerônimo e Santa Paula, Santo Agostinho e Santa Melânia, São Bernardo e Duquesa de Lorena, São Francisco e Santa Clara, São Filipe e Santa Catarina de Ricci, São Vicente de Paulo e Madame de Gondy, São Francisco de Sales e de Santa Joana Francisca, São João

da Cruz e Santa Teresa, Santo Afonso e Venerável Maria Celeste, Beato Teófanos Venard e Santa Teresinha do Menino Jesus. O Cura d'Ars tinha Santa Filomena. Ela estava no céu, é verdade, mas *“um raro e misterioso afeto o ligava a ela. Ela era sua Beatriz, seu ideal, sua doce estrela, sua luz pura.”* O Abade Monnin diz: *“Com o passar do tempo a harmonia entre seus corações cresceu. Daí em diante, o Santo na terra e a Santa no céu desfrutaram de uma amizade doce e íntima.”*

É assim que São Basílio escreve à esposa de seu amigo Nectarius, para a consolar na morte de seu filho: *“Eu sei o que é o coração de uma mãe, e quando penso em ti, tão boa e gentil, posso estimar como deve ser grande tua dor neste momento. Ô praga de um demônio mau! Que grande calamidade pôde ele infligir! Ô terra, obrigada a se submeter a tal aflição! Mas não condenemos a justa decisão de Deus. Poupa o parceiro de tua vida, acima de tudo. Sede a consolação um do outro. Não faças com que o infortúnio seja para ele ainda mais difícil de suportar.”*

São Jerônimo escreveu a Teófilo: *“A morte de Paula me prostrou tão completamente que até hoje não traduzi nada. De um só golpe perdi todo o conforto.”* Ele confessou que o *stylus* caía de seus dedos quando tentava escrever seu panegírico. Ter um Santo como amigo é ter mesmo um amigo.

Menos conhecida é a amizade entre São Bonifácio e as freiras Lioba, Bugga e Egburga, a quem ele endereçou tantas de suas cartas. As cartas, vindas da Inglaterra que ele tanto amava, devem lhe ter trazido grande consolação, enquanto ele labutava em um país estrangeiro. *“Que eu pudesse merecer-te como irmão”*, escreve Lioba. *“Nenhuma vicissitude temporal pode tirar minha atenção da firme proteção de*

teu amor”, escreve Bugga. Egburga, por sua vez, escreve: *“Santo Padre e mais verdadeiro amigo, digna-te a enviar para meu conforto algumas relíquias sagradas, ou ao menos algumas palavras de tua mão.”* Em uma de suas respostas a Bugga, Bonifácio dirige-se a ela como *“a mais querida amiga e irmã no amor de Cristo, a ser posta antes de todas as outras de teu sexo.”*

Devemos ter em mente, é claro, que naqueles dias a simplicidade era uma virtude prática. Os Cristãos expressaram seus sentimentos e sensações com uma ingenuidade que nos é estranha. Nós não falamos nem escrevemos o idioma sincero do passado, e a palavra *amor* é uma palavra que hesitamos em usar, exceto em nossos relacionamentos mais íntimos. Acontece que nossos antepassados na fé não eram assim, não mesmo. Toda a sua literatura é marcada por uma espontaneidade encantadora e uma expressão exuberante. Nas cartas que escreviam a seus amigos, colocavam a mesma franqueza direta que usavam em sua poesia e em suas canções natalinas. São Bonifácio, por exemplo, escreve com este mesmo entusiasmo a todos os seus amigos – ou seja, ele escreve como poucos estariam dispostos a escrever hoje em dia. Assim ele escreve ao Arcebispo de York: *“A um amigo digno de ser envolvido nos braços do amor.”* Santo Anselmo escreve: *“Vai ao lugar secreto de teu coração, procura teu amor por mim, e encontrarás o meu por ti.”* E ainda: *“Alma de meu Osbern! Suplico a ti, não lhe dês outro lugar senão meu peito.”*

É verdade que esta fraseologia era mais ou menos estereotipada. As fórmulas foram elaboradas por aqueles que eram bons nisso e que circulavam especialmente entre os mosteiros e conventos. Elas serviam de modelo, e eram copiadas para dar forma ao começo e ao final da carta. Isto

pode explicar o porquê de encontrarmos, nas cartas de São Jerônimo (para Rufina, por exemplo), frases quase idênticas às encontradas nas cartas de São Bonifácio. Muitas dessas fórmulas sobreviveram: *“Para fulano de tal, seu humilde compatriota, que o abraçaria nas asas de uma sincera e indissolúvel caridade, envia saudações na doçura do amor verdadeiro.”* E também: *“Lembra-te de mim. Sempre lembro-me de ti: Eu te dou todo o amor que há em meu coração.”*

Nós podemos encontrar algum conforto ao saber que alguns Santos estiveram bastante desapontados com seus amigos. São Basílio e São Gregório, como vimos, tiveram sérios desentendimentos no final. Dona Isabel Roser foi durante anos a fiel amiga de Santo Inácio. Por ele, ela não podia fazer demais, e certa vez salvou sua vida, fazendo-o desistir de embarcar em um navio inseguro, que naufragou sem deixar sobreviventes. Uma vez, o Santo lhe escreveu: *“Estou convencido de que se eu esquecesse todo o bem que Deus me fez através de ti, Sua Divina Majestade também me esqueceria.”* Contudo, este belo amor de Dona Isabel transformou-se em desprezo. Ela seguiu Santo Inácio até Roma e o submeteu a um grande aborrecimento, terminando por abrir um processo contra ele, acusando-o de desfalque nos Tribunais Eclesiásticos. É desnecessário dizer que ela perdeu o caso e também o amigo.

“Um amigo busca-se longamente, raramente é encontrado, e é difícil de se manter.” Com esta reflexão a Abadessa Eangyth termina uma de suas cartas a São Bonifácio. Parece então que até os Santos compartilharam das decepções que sofrem pessoas simples como nós. Realmente, por vezes eles dispensaram suas afeições em um mundo um tanto ingrato. Os antigos profetas foram apedrejados por seus esforços. A tarefa do reformador é

proverbialmente uma tarefa ingrata. Padre Damião obteve pouco reconhecimento durante sua vida: suspeitaram de seus motivos e até seu caráter foi criticado. Dom Bosco foi visto como louco por alguns. Santa Teresa d'Ávila e Santa Catarina de Siena foram acusadas de serem mulheres más, e foram incompreendidas por suas próprias amizades. Alguns de nossos mártires ingleses foram traídos por aqueles que consideravam amigos, e na Igreja Primitiva não era incomum mulheres e filhas serem denunciadas à execução por seus próprios pais e maridos. Santa Margarida de Ancona suportou maus tratos de um marido ruim por muitos anos.

Quando a afeição não é correspondida, mesmo assim ela não se perde. Não existe afeto desperdiçado. *“A verdadeira recompensa do amor está no amor.”* O amor é sua própria recompensa. Frequentemente somos mais felizes no afeto que sentimos que no afeto que despertamos. Se por infelicidade o amor sai de nossos corações só para ser rejeitado, ele volta, para que de algum modo saíamos ganhadores.

O ÂNIMO DOS SANTOS

“A verdadeira religiosidade é feliz como o dia.” Devemos este verso tão verdadeiro, muito estranhamente, a um dos mais tristes e melancólicos de nossos poetas – Cowper. Se não há dúvida sobre a piedade dos Santos, não pode haver também sobre seu bom ânimo. São Pedro de Alcântara disse sobre Santa Teresa: *“Com toda sua santidade, ela parecia sempre animada e agradável.”* Outra antiga biografia diz: *“Sua própria aparência tinha um encanto que acalmava e alegrava aqueles que dela se aproximavam.”* Este é o *“coração alegre, face serena”*, do qual fala a Sagrada Escritura. Podemos realmente ter certeza de que nunca houve nem nunca haverá algo como *“um tipo depressivo de Santo”*. A palavra melancolia foi usada em se tratando da Santa Margarida Maria, mas agora sabemos que isto foi um erro. Muitos Santos foram penitentes, como Santa Maria Madalena e Santa Maria do Egito. Eles foram ao deserto levando as memórias de seus pecados, e mortificaram-se talvez excessivamente, conhecedores da bondade de Deus para com suas próprias almas. Eles estavam bem cientes do que disse Nosso Senhor ao homem no Evangelho: *“Coragem, filho, teus pecados estão perdoados.”* Alguns deles, como São Pacômio e Santo Antônio, fugiram da corrupção de sua época, e buscaram escapar das seduções de um mundo decadente em cavernas e topos de montanhas. Mas eles não esqueceram que Nosso Senhor havia dito: *“Tende confiança, eu venci o mundo.”* Alguns, como São Gregório Magno e Santa Catarina de

Siena, entregaram-se a tarefas muito ingratas e dolorosas, mas não se enganavam acerca do Mestre a quem serviam – um Mestre que disse a seus servos: *“Sou eu, não tendes medo.”* Com estas mesmas palavras, Nosso Senhor animou o coração de Santa Teresa, entre as calúnias e contrariedades que a tentavam. *“Não temas, filha, sou Eu. Não te abandonarei. Não temas.”*

Nós reclamamos de nossa condição, e sem dúvida temos razões para reclamar, mas as condições de alguns Santos eram muito mais tristes que a nossa. Santa Catarina de Siena viveu numa época em que a Igreja estava na mais deprimente das situações, e ainda assim ela não perdeu sua boa disposição. São Filipe Néri era famoso por sua serenidade e por sua disposição alegre e ensolarada, mas toda a sua vida se passou entre os males da Reforma. A própria Santa Teresa passou por muitas experiências amargas, e foi tão duramente provada como qualquer Santo que conheçamos. Eles escaparam, aparentemente, da depressão que associamos ao excesso de trabalho. A mente fica cansada ao ouvir o relato dos trabalhos e das viagens de São Paulo, e ainda assim é este mesmo homem, sem descanso e duramente experimentado, que nos diz que *“Deus ama aquele que dá com alegria”*.

Sabe-se bem que o heroísmo dos Santos muitas vezes passou despercebido por sua geração. Eles eram adeptos da arte da dissimulação. *“Enganadores, ainda que verdadeiros; conhecidos, ainda que desconhecidos.”* São Francisco de Assis não possuía absolutamente nada, ainda assim tinha ares e maneiras de um homem que possuía metade do distrito. *“Como se nada tivesse, ainda que possuísse todas as coisas.”* Santa Teresa costumava atribuir a boa imagem que as pessoas tinham dela à própria astúcia e a hipocrisia. Isto, é claro, era sua humildade. Com esta astúcia alguns Santos

conseguiam não apenas serem mal interpretados, mas também confundidos com pessoas bastante ordinárias. O Cura d'Ars, por exemplo, mostrou uma surpreendente habilidade em esconder sua virtude atrás de um pote de batatas velhas: quando ele curava um doente, sempre “culpava” a Santa Filomena. O Cardeal Capacelatro diz que São Filipe Néri disfarçava seus milagres com alguma brincadeira. Parece que ele esteve constantemente ocupado em desorientar seus admiradores. Dizem que Santa Isabel da Hungria, quando estava sentada às refeições com seu marido, o Landgrave, ocultava o fato de que estava comendo quase nada. Ela falava com os convidados, cortava a carne, dava às criadas, mudava os pratos, e o fazia por meio de “mil outros artifícios”. São Marciano, o Anacoreta, passou a maior parte de sua vida esquivando-se dos admiradores. A este respeito, realmente, ele desiste da palma da vitória, pois antes de morrer deu ordens estritas para que seu corpo fosse enterrado em um lugar secreto. Os Santos *“fizeram o bem secretamente e envergonharam-se quando encontravam a fama.”* Eles foram bem instruídos na escola do Divino Mestre, que disse: *“Quando deres esmolas, não faças soar a trombeta diante de ti. [...] Quando orares, o fazei escondido. [...] Quando fizerdes jejum, não mostreis um semblante abatido, mas perfuma tua cabeça e lava teu rosto, para não dares a entender aos homens que estás jejuando.”*

Muitas vezes eles deixaram os contemporâneos desorientados com seu ânimo e sua alegria. Isto nunca será tão difícil de acontecer, enquanto o estúpido mundo se recusar a acreditar que pode ter um bom ânimo o homem que come uma vez por dia, dorme três horas a cada vinte e quatro, e veste uma camisa de cerdas.

Os Santos estavam cheios do espírito alegre de Deus. *“Não recebestes o espírito da escravidão para recairdes no medo, mas recebestes o espírito da adoção, no qual clamamos: Abba-Pai!”* Deus, por meio do Profeta Ezequiel, repreendeu severamente os falsos profetas de Israel, porque *“com mentiras fizestes aflito o coração do justo, a quem não magoei”*. São Vicente de Paulo pediu a Mademoiselle le Gras (a Beata Louise Marillac), *“honra a alegria de Nosso Senhor”*. Também São Francisco de Assis: *“Ao inimigo compete ser triste, realmente, mas a nós pertence sempre a alegria.”* Nós podemos apenas invejar a tranquila facilidade com que estes Santos literalmente atiravam a melancolia ao diabo, a quem, eles disseram, ela na verdade pertence. Santa Teresa era bem enfática quanto a isto. São Clemente Hofbauer, usando a fraseologia de seu tempo, chamou a depressão de *“vapores”*, e acrescentou: *“vapores do Inferno”*. *“Eu nunca estou triste, e agradeço a Deus por isto, pois que a tristeza é uma característica dos demônios”*, disse o Venerável Padre Passerat. São Filipe Néri, nos planos que ele fez pela salvação de seus filhos, associou a felicidade com o evitar o pecado.

Eles não toleravam falta de ânimo naqueles a quem encontravam. O *Espelho de Perfeição* diz que ver um rosto triste aborrecia o Beato Francisco. Certa vez ele compôs uns versos e os musicou, para “animar” as Clarissas. São Filipe Néri gostava de dizer: *“Meus filhos, estejam contentes. Eu não quero desânimo. Eu não quero escrúpulos nem tristeza em minha casa.”* Realmente, ele temia muito mais os danos da melancolia que os da alegria. Ele nunca reprimia a barulheira dos meninos. Quando as pessoas reclamavam do barulho que eles faziam, ele dizia: *“Deixem que eles resmunguem o quanto quiserem, e vocês, façam barulho o quanto quiserem.”* Ele gostava de assistir suas brincadeiras e

palhaçadas. Quando lhe perguntaram como ele aguentava, disse que permitiria que eles cortassem lenha em suas costas, se isto os mantivesse longe dos problemas. Ele fazia seus penitentes deprimidos cantarem. Ao sacerdote preocupado que lhe havia consultado, ele disse: *“Venha, vamos apostar uma corrida”*, e então correram de mãos dadas. Sobre o próprio Santo, um de seus biógrafos escreve: *“O bom ânimo fluía de sua natureza boa, simples e franca. Nós o encontramos sempre animado e contente.”*

Mesmo os ascetas mais rigorosos tiveram seus relaxamentos e suas recreações. Este é um dos direitos da natureza humana que não é para ser negado. Encontramos São Carlos Borromeu desfrutando seu jogo de xadrez, e Santo Aloísio seu jogo de bola. A recreação das freiras de Santa Teresa costumava fracassar quando ela não estava presente. Nós as encontramos indo até sua cela, pedindo que ela descesse. Está registrado: *“Ela veio, e ficamos muito contentes juntas.”* Santo Afonso não podia suportar desânimo e mau humor na recreação. Ele disse: *“É melhor dizer coisas bobas do que ficar em silêncio.”* “Santa Madalena Sofia em certa ocasião admoestou uma noviça a quem faltava um pouco de compostura, mas logo acrescentou: “Esteja sempre alegre na hora do recreio.”

Na lida com as almas, escolhiam tomá-la de maneira animada e otimista. São Francisco de Sales insistiu em usar mel, em vez de vinagre, para pegar suas moscas. Disse Santo Tomás de Aquino: *“Reverência é bom, mas fé é melhor.”* *“Devemos ser mais gentis que justos”*, disse São João Crisóstomo, acrescentando: *“Apenas a bondade concilia.”* E Santa Madalena Sofia: *“Se deve haver um extremo, que ele vá em direção ao modo de agir de Nosso Senhor.”* *“Você não conseguirá nada contra a corrente”*, disse Santa Teresa. E

São Francisco de Sales: *“É melhor prestar contas de severidade de menos do que de severidade demais.”* Realmente, sua felicidade e sua liberdade de pensamento eram tais que um de seus amigos disse: *“Francisco de Sales irá para o céu, mas não tenho certeza se irá o Bispo de Genebra.”*

O *Espelho da Perfeição* diz de São Francisco de Assis: *“Seu principal e mais elevado estudo foi o de como manter, tanto exteriormente como interiormente, um bom ânimo espiritual.”* Talvez não tenhamos compreendido isto muito bem – que o bom ânimo é uma habilidade, uma arte, e o resultado de um bom planejamento. As pessoas dizem: *“Ou você está animado ou não está, e ponto final.”* Essas mesmas pessoas também dizem: *“Ou você ama ou você não ama, e ponto final.”* Para preservar o bom ânimo, como também o amor e a amizade, um esforço deve ser feito. O amor geralmente morre por pura negligência, pois cuidamos menos dele do que cuidamos de nossos cacarecos e talheres de prata. Embora as crianças tenham, acidentalmente e por natureza, um bom ânimo, nós adultos não somos assim. A alegria corre nas veias dos pequeninos, mas conosco, que dissemos adeus às ilusões, com nosso sangue e nossas veias que não são mais os mesmos, é bem diferente. A beleza pode ser capaz de cuidar de si mesma, mas o bom ânimo não. Um livro moderno foi escrito sobre *“A Conquista da Felicidade”*. Quaisquer que sejam os méritos ou deméritos deste livro, em seu título há uma grande quantidade de verdade subentendida. Temos de fazer algum esforço para que nos “animemos”. Assim como a serviço da caridade temos de empregar a imaginação, temos de empregar a estratégia a serviço de um ânimo bom. Como era engenhosa, nesse sentido, Santa Teresa: *“Não existe isso de clima ruim. Todos os climas são bons, pois são de Deus.”* E ainda: *“Conforta-me*

ouvir o relógio bater, pois sinto que me aproximei de Deus um pouco mais.” De algum modo isto é um aperfeiçoamento da filosofia de uma mulher mundana que respondeu “*então faltam seis meses para o mais curto*”, quando lhe disseram que se animasse porque o amanhã seria o mais longo dos dias. Addison nos fala da estratégia de um homem doente que agradecia a Deus por não ter gripe quando tinha gota, e agradecia a Deus por não ter gota quando tinha gripe. Quando a biblioteca de Fenelon foi queimada, ele agradeceu a Deus por não ter sido queimada a casa de um pobre, já o irlandês, quando lhe disseram que sua casa estava em chamas, disse: “*Que me importa? Sou apenas o inquilino!*” Nós encontramos nos Santos muito desta sensata filosofia. Santa Teresa dizia a suas freiras deprimidas: “*Vamos lá! Nós ainda não estamos na mesa de tortura, e nem entre os mouros.*” São Paulo reprovou a covardia dos hebreus fazendo-os lembrar de que eles não tinham ainda resistido até o sangue. Quando o Padre Damião descobriu os sintomas da lepra em sua própria pessoa, ele disse: “*Bem, de qualquer modo, quando eu vier a pregar, em vez de dizer ‘meus queridos irmãos’, poderei dizer ‘meus colegas leprosos.’*” Quando os inimigos de São Remígio incendiaram seus montes de feno, ele e seus amigos, ao tomarem conhecimento do fato, galoparam para o local para tentar salvá-los, se possível. Quando chegaram, encontraram o fogo fora de controle. “*Bem*”, disse o Santo, “*vamos ao menos nos aquecer, fogo é sempre bom.*”

As coisas podem dar errado, mas elas nunca podem dar “totalmente errado”. Nenhuma prova é “a pior possível”. A boa e a má sorte têm seus momentos, e se não perdermos a cabeça durante a primeira, não perderemos a paz durante a segunda. As estrelas escondem-se de tempos em tempos,

mas estão sempre em seus lugares. Mais cedo ou mais tarde elas darão sinal, mais bem-vindas que nunca. *“A esperança gosta do sol, mas esconde-se da chuva.”* *“O que não pode ser curado deve ser suportado.”* Quem sabe se tivéssemos menos desejos teríamos menos decepções. Se os fatos da vida não chegam às nossas expectativas, pode ser que nossas expectativas sejam as culpadas. *“Doces são os usos da adversidade.”* O valor da adversidade é que ela dissipa nossas ilusões, abre nossos olhos para as realidades da vida, nos faz perceber que apenas Um é perfeito e imutável, e que, como diz um Santo, *“apenas no céu não há mal-entendidos”*. Tais reflexões não são enganação ou auto-hipnose, são os ingredientes do que São Francisco chamou de *“o estudo”*, e São Francisco de Sales chamou de *“a estratégia”*, do bom ânimo cristão.

O DIVERTIMENTO DOS SANTOS

A possibilidade de um Santo ser brincalhão, sem que isto cause prejuízo à sua perspectiva de canonização, foi estabelecida de uma vez por todas por São Filipe Néri. O Cardeal Capacelatro, falando de sua extraordinária vivacidade, diz: *“Eu não conheço outro Santo que se pareça com ele neste aspecto.”* A singularidade de São Filipe não está no fato de que ele permitiu grande liberdade à jovialidade de sua disposição, mas que ele fez dela um dos princípios orientadores de sua escola de religiosidade. Ele transformou a brincadeira em uma espécie de apostolado. A municipalidade de Roma, no ano de 1898, instalou uma tabuleta no Janículo com a seguinte inscrição: *“Aqui na sombra deste carvalho, Filipe Néri, entre as felizes gargalhadas dos meninos, tornou-se novamente um menino, muito sabiamente.”* Embora fosse um sacerdote, e velho, ele participava das brincadeiras desses meninos. Quando o jogo de tênis ou de *quoits* estava aquecido, ele se retirava para a sombra da árvore a fim de fazer suas orações. Se os meninos o chamavam, ele voltava ao campo. Ele deixou seus jovens seguidores jogarem tênis contra a parede de seu quarto, e mesmo que os ocupantes da casa reclamassem do barulho nunca permitiu que os garotos fossem interrompidos. Toda esta natureza, e muito mais, é verdadeira em São Filipe, mas dela encontramos paralelos quando lemos as vidas de outros Santos. Dom Bosco também apreciava bastante jogar com seus alunos. São Carlos Borromeu gostava muito de xadrez, e Santo Aloísio jogava bola. Perguntaram aos dois, enquanto

um jogava xadrez e o outro jogava bola, o que fariam se ficassem sabendo que o mundo acabaria subitamente, e os dois responderam que continuariam com o jogo.

Dizem que Santo Inácio, ansioso para fazer algo pela alma de certo Doutor em Teologia, o desafiou para um jogo de bilhar, e pior que isso, o fez valendo uma aposta. *“Seu eu ganhar, serei teu servo por um mês. Se eu perder, então tu aceitarás fazer algo por mim que seja inteiramente em seu próprio benefício.”* *“Feito!”* Eles jogaram, o Doutor de Teologia perdeu, e teve de fazer os *Exercícios* por um mês.

São Filipe Neri não é, de maneira alguma, o único Santo que gostava de jogos. Ele é o Santo da Alegria porque a empregou pela santificação de sua própria alma e da alma de seus discípulos. Ele sabia que tinha reputação de Santo, e para desmanchá-la dançava como um cigano nas ruas e nas praças públicas. Às vezes ele caminhava pela cidade levando na mão um maço de flores do campo que ele cheirava com tremendo entusiasmo. Ele ia às igrejas com o barrete inclinado de forma insolente, usando sobre a batina uma jaqueta velha do avesso. Ele raspava apenas metade da barba. Quando cardeais e outras pessoas importantes iam visitá-lo, ele aparecia usando roupas engraçadas e ria como se tivesse perdido o juízo. Encontrando um frade mendicante em sua ronda por uma rua movimentada, ele insistiu que tinha “atração” por um dos pequenos barris de vinho que o frade carregava. Para o espanto dos passantes ele fingiu beber com um prazer desenfreado. Uma senhora, que tinha grande consideração por sua santidade, um dia lhe perguntou quanto tempo havia que ele teria deixado o mundo. *“Deixado o mundo? Eu não sei se realmente o deixei”*, ele respondeu. Depois, voltando-se para um de seus companheiros ele disse: *“Antônio, eu não tenho ainda prazer em livros bonitos, poesia e romances?”*

As peças que ele e São Félix pregavam um no outro faziam Roma inteira rir. Quando eles se encontravam na rua, Félix dizia: “*Vamos ver que tipo de homem mortificado você é*”, e depois, tirando uma garrafa de sua sacola, fazia Filipe beber dela à vista de todos. Então era a vez de Filipe: “*Vamos ver que tipo de homem mortificado você é!*”, e punha seu chapéu em cima do capuz do frade, dizendo: “*Vá agora!*” Félix assim tomava seu caminho, seguido por uma multidão de crianças encantadas, que riam e diziam: “*Vejam! Fra Felice de chapéu! Venham ver Fra Felice de chapéu!*” São Filipe, de fato, mortificou seus penitentes pregando peças neles. Um ele mandou caminhar pelas ruas com uma placa sanduíche no pescoço, levando algum escrito absurdo. Outro ele mandou carregar nos braços um cão destrambelhado. Contudo, o mais infeliz de todos foi certamente aquele que, no meio de uma grande festa de casamento, foi chamado a cantar, na presença da noiva e do noivo, o *Miserere* em vez de o *Epitalâmio*!

Como São Filipe se divertia com seu gato! E o gato com ele. Não é fácil decidir qual dos dois ri, qual dos dois faz a piada, como com Montaigne e seu gato. Quando pessoas importantes iam vê-lo, ele os recebia com o gato enrolado em seu colo. Quando ele foi morar em Vallicella deixou o gato para trás, em parte, pois estava certo de que voltaria à antiga casa. Neste aspecto, os gatos dos Santos não são uma exceção à regra de sua espécie. Havia entretanto outro motivo. Seu biógrafo conta que ele pedia, uma hora a um e outra hora a outro discípulo, muitas vezes um homem de alto nível ou grande conhecimento, que pegasse a chave e fosse a San Girolamo para ver como estava o gato, alimentá-lo, e voltar dizendo se ele estava confortável e contente. Ao seu regresso, mesmo na presença de Cardeais, ele

perguntava: *“Bem, então foste ver meu querido gato? Que bom jantar tu levaste a ele? Ele está bem? Parecia feliz? Estava com um bom apetite?”*

Assim era São Filipe Néri. Neste aspecto ele nunca foi superado. Encontramos entretanto muito deste espírito em outros Santos. Ele e o Beato Thomas More teriam feito um belo par. Sabe-se bem que a casa do mártir parecia um jardim cheio de crianças felizes, e isto acontecia, em grande parte, devido ao seu amor inveterado por travessuras. Ele pregou uma peça em sua primeira esposa, no dia do casamento, presenteando-a com joias de esplêndida aparência, mas que na verdade eram de vidro. Ela ficou encantada, e passou muito tempo sem conhecer a verdade, até que deve ter rido muito às próprias custas. Ele aprontou uma última na véspera de sua execução. Dizem que Henrique VIII estava muito ansioso para que More se retratasse, e várias vezes enviou um mensageiro, tentando fazer com que ele mudasse de ideia. *“Sim, mudei de ideia”,* disse Thomas finalmente. O mensageiro então correu para contar a Henrique. Ele teve de voltar e descobrir quais mudanças de ideia seriam essas. Disse o Mártir: *“Mudei de ideia no sentido de que se ontem eu pretendia fazer a barba antes da execução, hoje quero que minha barba vá junto com a cabeça.”*

Santa Teresa d'Ávila tinha muito desta qualidade em seu temperamento. Suas cartas são cheias de tiradas engraçadas. Em uma delas, para Antonio Gayton, ela pergunta sobre sua filha: *“Conta-me como encontraste aquela garotinha travessa.”* Ela se divertiu muito organizando uma competição entre os Frades e as Freiras. Sim, esta competição era para ver qual deles poderia suportar maiores contrariedades, que mesmo assim ela chamou de *“torneio”*. Todos entraram de coração, é claro, no espírito do jogo.

O Bispo de Belley conta que à mesa de São Francisco de Sales um dos convidados propôs o bom e velho desafio associado ao nome de Colombo. O Santo estava muito interessado, e quando o ovo triunfantemente equilibrou-se no prato ele teve algumas observações bastante astutas para fazer. Como bispo ele foi compelido a iniciar uma campanha contra abusos relacionados ao dia de São Valentim. Ele certamente recorreu a medidas bem rigorosas, invocando inclusive a autoridade civil. Contudo vemos a gentileza e a jovialidade de seu caráter na atitude que ele finalmente tomou a fim de preservar o bom nome do costume. De cima do púlpito ele disse ao povo: *“No futuro eu mesmo lhes darei cartões de São Valentim.”* Ele realmente enviou cartões com nomes de Santos diversos para todas as famílias, embelezados com textos oportunos da Sagrada Escritura e dos Patriarcas. Tais cartões tinham de ser sorteados, e o Santo do cartão se tornaria o patrono do ano. Sem dúvida o povo de Annecy gostou bastante desta loteria.

Já vimos Santo Inácio como jogador de bilhar. Há outro incidente em sua vida que, como diz Francis Thompson, *“valorizamos tanto quanto os registros de suas visões e sublimidades porque nos auxilia a mantermos contato com sua humanidade. Este Santo sublime e austero esqueceu-se de esquecer sua juventude alegre e espontânea. Ele dançou diante de Ortiz [um de seus penitentes]. Dançou como outro Davi. Ele dançou a antiga dança nacional basca. Ortiz foi despertado e iluminado – os dois, podemos imaginar, riram muito juntos. Há no conto uma encantadora atmosfera sulista. Um Santo inglês talvez possa cantar, se acaso for capaz, mas talvez nenhum homem do Norte possa assim esquecer, a ponto de dançar, sua gravidade constitucional.”* Isto aconteceu em 1539. Dez anos antes encontramos uma

dança cheia de balanço em um convento de Clarissas. Em um relato da celebração do Jubileu da Abadessa de Nuremberg, escrito por uma de suas freiras, podemos ler: *“Nós levamos a Reverenda Madre ao refeitório, e por causa da ocasião ela permitiu que todas as Irmãs cantassem tanto quanto quisessem. À noite nós todas dançamos, e Madre Apolônia, que tinha cinquenta e sete anos e dançou comigo animadíssima.”* Como era esta dança não ficamos sabendo – algo mais imponente e digno que as nossas danças, podemos ter certeza –, mas esta cena teria alegrado o coração de São Francisco de Assis. Ele gostava de fazer uma dancinha por conta própria. Embora ele não tenha deixado para seus filhos e filhas espirituais orientações quando a isto, insisti fortemente no canto. Temos boas razões para acreditar que ele esteve presente no Jubileu de Nuremberg, e que improvisou uma espécie de mímica musical. Assim diz o *Espelho da Perfeição*: *“Embriagado de amor, o Beato Francisco às vezes fazia coisas como estas: ele apanhava um pau no chão e colocava sobre o ombro, então pegava outro pau e arrastava sobre o primeiro, fazendo gestos de quem toca viola, cantando na língua francesa.”*

Uma teoria sobre divertimento santificado, feita a partir de materiais tão escassos, não é uma teoria muito convincente, mas devemos nos lembrar mais uma vez que os biógrafos nem sempre se preocuparam com o lado humano de seus biografados. Os documentos de muitos dos Santos são como os de Babilônia ou do Egito – restam poucos detalhes. Temos os grandes monólitos dos templos e as massivas pedras das Pirâmides, mas apenas depois de longa e cuidadosa escavação podemos iluminar evidências nítidas da vida doméstica de tais períodos. Quando acontece, como no caso de Pompeia, ficamos encantados. Encantados

porque obtemos instrução, uma verdadeira instrução, sobre a vida que levavam esses povos antigos, que devem ter sido de homens e mulheres como nós mesmos somos, afinal. É a palha que mostra a direção do vento. Assim é com os Santos. Escondido em uma nota de rodapé, muitas vezes encontramos o que equivale a uma grande revelação, e lendo as entrelinhas podemos descobrir o que dizem as próprias linhas. Disse o Cardeal Capacelatro: *“Se estudarmos os Santos um pouco além da superfície, veremos cada um assumindo um formato próprio e especial, e este formato parecerá mais humano, mais como o nosso.”*

Os trocadilhos de Santo Agostinho são uma evidência do temperamento brincalhão de Santo Agostinho. A conversão da Inglaterra está estreitamente ligada a um trocadilho, o trocadilho de São Gregório – *Non angli sed angeli* –, e assim por diante. Das cartas que trocaram São Gregório Nazianzo e São Basílio, tiramos que ao menos dois dos maiores e mais cultos Doutores da Igreja eram homens muito brincalhões. Eles foram amigos muito próximos, ao menos por um tempo. No auge do apego, São Gregório estava muito ansioso para que São Basílio pudesse ir morar ao seu lado. Tiberina foi o lugar sugerido, mas Basílio considerava Tiberina um lugar bastante triste e tedioso, e escreveu para dizê-lo. Gregório então respondeu: *“Não adianta me culpar pelo gelo e pelo frio de Tiberina. Mas que homem fresco, de pezinhos limpos e saltitantes que és! Realmente te tornaste um dândi. Não digas mais uma palavra contra a nossa lama. Se tu falares de nosso brejo falarei de teu comércio, e de todas as outras coisas lamentáveis que são encontradas nas cidades.”* Esta é a carta de um Santo e é uma carta muito “divertida”. Seu tema é a boa e velha discussão de todos os grupos de debate amadores, “cidade *vs.* campo”.

Quando São Roberto Belarmino fez sua primeira visita a um cavaleiro que era um grande admirador seu, ele tentou (sem sucesso) pregar-lhe uma peça, fingindo ser outra pessoa. Este é um pequeno incidente na esplêndida carreira do Santo, mas é prova suficiente de seu temperamento brincalhão.

Entre os amigos de São Clemente Hofbauer havia um panteísta bem conhecido, que ele estava muito ansioso para converter. Encontrando-o um dia doente, preso à cama, o Santo pregou em sua coberta um pedaço de papel onde havia escrito: *“Uma parte da divindade está doente.”* Esta é a brincadeira de São Clemente.

Havia uma grande quantidade de diversão e gracejo na simplicidade do Cura d'Ars. Sabe-se bem que ele assinou a petição organizada em prol de seu afastamento de Ars. *“Agora que eles têm minha assinatura não deve faltar material para uma resolução.”* A primeira coisa que fez ao tornar-se cônego foi vender sua mozeta. *“A vendi por cinquenta francos”*, escreveu ao bispo. *“O preço me satisfaz completamente.”* Durante a campanha que ele conduziu contra o que considerava impropriedade na moda feminina, passeando pela vila encontrou Jeanne Lardet. Jeanne estava usando um colar que era a “última novidade” em colares, e podemos estar certos de que ela estava sentindo-se e parecendo bem orgulhosa disso. Os olhos de águia do Cura caíram sobre o colar.

– *Jeanne, tu me venderias este colar por cinco moedas?*

– *Mas por que, Senhor Cura?*

– *Para meu gato.*

Dom Bosco foi tão mal compreendido em sua época como também foi o bom Cura d'Ars. Na verdade, algumas pessoas muito boas estavam bem convencidas de que ele era

louco. Dois sacerdotes comprometeram-se a levá-lo, firmemente trancado, ao asilo de lunáticos da região. Isto exigiria muito tato e convencimento, mas eles conseguiriam administrar a situação. É necessário um sacerdote para entender e conduzir o outro e *etc.* Dom Bosco os recebeu muito gentilmente, mas logo que “percebeu a armação” resolveu cortar o mal pela raiz. Ele concordou em acompanhá-los até a carruagem, que esperava do lado de fora. “*Depois de vós*”, ele disse, e quando os sacerdotes entraram, bateu a porta e disse ao cocheiro: “*Para o hospício.*” Esta foi uma brincadeira de Dom Bosco.

Se pudéssemos conhecer toda a verdade, encontraríamos um lado brincalhão até nas personalidades dos grandes ascetas. Sozomen, o historiador da Igreja, chama a vida eremítica de “*o cume da filosofia*”. Acontece que o filósofo genuíno é um homem muito completo, seus olhos estão abertos tanto para o lado sério da vida como para o lado engraçado. Demócrito foi chamado de “*o filósofo que ri*”. Ele ria um pouco mais que um filósofo comum, mas todo verdadeiro filósofo ri. Portanto, de tempos em tempos – ao menos nos dias de festa –, pode ter havido “*certa vivacidade*” nas lavras e nos eremitérios da Tebaida. Quem sabe quais peças os estilistas e os giróvagos podem ter pregado uns nos outros? O monge que recebeu a ordem de à noite desfazer as cestas que havia feito durante o dia pode ter pensado que esta ordem fosse uma tremenda piada, e talvez tenha sido realmente. Há um pequeno incidente, escondido nas dobras das biografias dos Patriarcas do Deserto, que tem algo da natureza de uma iluminação. Dizem que havia um noviço com uma alta reputação de virtude, mesmo entre os velhos e os solitários mais experientes. Um desses, querendo testar a paciência do

rapaz, entrou em sua cela e destruiu completamente o jardim de ervas que havia lhe dado tanto trabalho para montar, deixando de pé apenas uma planta. Enquanto isto, soava o sinal do Ofício, e o jantar seguiu naturalmente. Como o velho monge, atrasado, não havia ainda deixado o jardim, a caridade exigiu que ele fosse convidado para o jantar. *“Venerável Padre”, disse o noviço, “senta e irei te preparar um jantar feito da erva que afortunadamente me poupaste.”*

Entre as promessas que Deus fez a Zacarias, estava esta: *“Habitarei no meio de Jerusalém [...] As praças da cidade estarão cheias de meninos e meninas brincando.”* Segundo comentadores, estas promessas são plenamente verificadas apenas na Igreja – nesta Igreja que é a fecunda Mãe dos Santos.

A PAZ DO SANTOS

Vivendo em Londres, e perto de uma de suas ruas mais barulhentas, Dr. Johnson reconheceu que não podia pensar em um monastério sem querer ir para lá de joelhos, nem pensar em um eremita sem desejar beijar seus pés. Renan, vivendo na cidade mais alegre do mundo, disse que daria tudo o que tivesse para poder ver Santa Maria do Egito andando em êxtase pelo deserto. Johnson era um Cristão sincero, mas não era católico, e não teria sido aprovado no princípio da vida monástica. Renan sequer era Cristão, de modo que o aspecto sobrenatural de Santa Maria do Egito não o atraía nem um pouco. Não há, evidentemente, qualquer dúvida quanto ao fascínio da solidão. O solitário é sempre uma pessoa muito romântica, mesmo que não seja nada além disso. Se ele provoca em nós às vezes simpatia e às vezes inveja, o solitário sempre provoca interesse. Talvez haja em todos nós um pouco do eremita, como há do viajante. Certamente é difícil encontrar um menino que não tenha sonhado com uma ilha deserta e invejado a solidão de Robinson Crusoé. Ainda se ouve falar de pessoas ocupadíssimas que pretendem se “aposentar” o quanto antes. Parece que uma de nossas descobertas mais modernas é a de que é possível estar, mesmo para os casados, excessivamente próximo de alguém.

O mais libertino de nossos poetas foi também o mais eloquente, elogiando o *“êxtase da praia solitária”* e o *“prazer das florestas inexploradas”*.

Muito se escreveu sobre a fascinação do deserto! Condenados como somos a viver entre multidões barulhentas, nos faz até bem ler sobre partes do mundo ainda inabitadas, e sobre o campo, que é ainda pacífico e intocado. Apenas pensar nos antigos anacoretas e solitários não seria capaz de aliviar a tensão de nossos nervos e dar descanso aos tímpanos cansados de nossos ouvidos? A arte representa Santa Gertrudes de Nivelles com um rato agarrado a seu báculo pastoral. Este é um engenhoso símbolo do repouso perfeito do grande contemplativo, e um pouco deste repouso vem até nós, à vista do quadro. Entendemos o que Santa Teresa quis dizer quando disse que os Santos de vocação mais diversa da nossa frequentemente são os que mais nos fazem mais bem. A descrição do eremita Bonosus, feita por São Jerônimo, de alguma maneira acalma a alma, e nos enche de estranhas aspirações: *“Vem e observa aqui um jovem, criado para herdar riqueza abundante e nobre linhagem, que saiu para viver em uma ilha, um local áspero e desértico, renunciando à mãe, aos irmãos e às irmãs, isolado em uma solidão onde nada se ouve além do rugido do oceano. Lá neste lugar solitário ele fica sozinho – não! Eu não diria sozinho, porque ele está na companhia de Jesus Cristo.”* Assim também é o *Despedida para Arran*, de São Columba: *“Adeus, um longo adeus para ti, Arran de meu coração. O Paraíso está contigo – o jardim de Deus está no som de teus sinos. Os anjos amam Arran. A cada dia um anjo de ti se aproxima para juntar-se aos teus serviços. Adeus, querida cela, onde passei tantas horas felizes, com o vento assobiando pelas largas pedras e com o borriço do mar em meu cabelo.”* *“Convolute ad urbes refugii”*, diz São Boaventura falando do claustro – *“Voem para as cidades de refúgio”*. Não há momentos em nossas vidas nos quais devotadamente desejamos que isto fosse possível?

Além do mais, quando a mente e o coração estão perturbados, não queremos confiar nossos problemas a pessoas barulhentas. Vozes agudas e a simpatia clamorosa nos fariam pior. Procuramos os quietos e os gentis, assim como a vista cansada volta-se para o verde suave do gramado. Podemos, portanto, bem agradecer a Deus por haver Santos para todas as ocasiões. Há alguns, como Santo Atanásio e São Paulo, que agem sobre nós como dinamite, explodindo nossa letargia e nossa indiferença, e há outros, como Santo Antão e São João Silenciário que nos falam de paz e descanso quando tudo está em guerra em nossos corações furiosos.

Os contemplativos são para nós um útil lembrete de que a vida ativa pode ser levada longe demais. Devido aos perigos que a Igreja enfrenta em nossa época, a religião é para nós muitas vezes uma atividade organizada e extenuante. Marta está um tanto em evidência, e ela tem todo o direito de estar, sendo uma Santa. Acontece que Marta e Maria eram irmãs, afinal de contas, e embora não sejamos chamados à “melhor parte” é preciso que exista um pouco dessa melhor parte em nossas vidas. Como diz Santo Agostinho: *“Nosso Senhor não resolveu a questão quando tomou a parte de Maria contra Marta?”* Mera energia não é zelo. Trabalhar muito duro pela religião não é necessariamente ser religioso. *“Toma cuidado de ti mesmo”*, São Paulo escreveu a Timóteo. Timóteo era um apóstolo zeloso e trabalhava duro, mas sempre é possível que os trabalhadores da Igreja mais ocupados descuidem de si mesmos. Nossas despesas espirituais não devem exceder nossas receitas.

Quando não há repouso nem reflexão tudo fica superficial, inconsistente e ordinário. Todos sabemos que são os vasos vazios os que fazem mais barulho.

“Palavras são como folhas, e onde mais elas abundam mais raramente se encontram os frutos do entendimento”

Os verdadeiros grandes pensadores do mundo falaram, quando falaram, com toda a força e a profundidade de anos de meditação e reflexão. *“Apura tuas palavras”* é o conselho de Newman. Ele continua mostrando que apenas quando controlamos nossos pequenos sentimentos e impulsos é que podemos acumular algo realmente grande, que valha a pena. Carlyle lamentou que as duas maiores nações do mundo se acabavam em palavras ao vento. *“Há conversa demais”*, ele disse. O que ele diria agora? Talvez falte energia para resolvermos nossos problemas justamente por nos esgotarmos na discussão sobre eles.

“A solidão é a pátria dos fortes, e o silêncio é a sua oração”, disse o padre Ravignan. São Jerônimo tinha o mesmo pensamento. *“Ô deserto esmaltado com as flores de Cristo, ô solidão, de onde nascem as pedras com as quais se constrói a cidade do Grande Rei.”* Nada verdadeiramente grande neste mundo já foi feito sem a disciplina da quietude e do recolhimento. Os mais nobres trabalhos, como o templo de Salomão, foram levados em silêncio à perfeição. Se Dante, Shakespeare, e os outros, tivessem sido festeiros, camaradas de boa vida, se tivessem medo da própria companhia, jamais teriam enriquecido a literatura como a enriqueceram.

São João Crisóstomo, São Jerônimo, São Basílio e São Gregório de Nissa prepararam-se para o apostolado durante anos de solidão. Quão profundos têm sido no mundo os efeitos dos grandes movimentos associados aos nomes de São Bento, São Francisco e Santo Inácio! Foi na solidão que eles foram planejados. Na caverna em Subiaco, no topo do

Monte Alvernia, na gruta em Manresa. Mesmo Nosso Senhor, para Seu ministério, preparou-se no deserto:

“Lá Ele primeiro estabelecerá os princípios de Sua grande campanha, antes que Eu O envie para vencer o pecado e a morte.”

“O silêncio sempre foi deleite da grande santidade, e isto indica que dentro dele há algo divino”, diz o Padre Faber. De fato, São João diz que o silêncio é observado até no céu: “Houve silêncio no céu por cerca de meia hora.” O silêncio foi o companheiro constante de Nosso Senhor.

*“Pacífica foi a noite
Na qual o Príncipe da luz
Sobre a terra principiou o Seu reinado.”*

Durante Sua Paixão: *“O silêncio voltou para Ele novamente, assim como um velho hábito retorna no momento da morte.”* “Paz” era Sua saudação favorita. *“Ele é a nossa Paz”,* diz São Paulo. Ele nos abençoou com a bênção da Paz: *“Dou-vos minha paz.”* Ele deixou a Paz para nós como um legado: *“Eu vos deixo a paz.”*

Renan confessou que perdendo a instituição no monasticismo o mundo perde uma grande escola de originalidade. As circunstâncias talvez não permitam o sistema contemplativo em uma grande extensão, mas sempre haverá almas destinadas a uma vida de isolamento. *“Eu sou mais adequado para a sombra”,* disse Cardeal Mezzofanti, uma confissão que não esperaríamos do maior linguista do mundo. Mas o caráter de algumas pessoas é como o do aipo – elas desenvolvem-se melhor na obscuridade. Eles não se

articulam em sociedade, não batem papo, morreriam numa sala de visitas, e os tumultos e as agitações, onde prosperam as naturezas robustas, os fariam em pedaços. São Paulo², o primeiro de todos os eremitas, fugiu para o deserto para escapar da perseguição de Decio. Ele viveu escondido em uma caverna que teria sido usada por cunhadores de moedas nos dias de Cleópatra. Segundo se diz, tendo descoberto, por uma experiência ao acaso, que a solidão o satisfazia plenamente, ele resolveu não mais voltar para o meio dos homens. Daí em diante, para ele foi suficiente saber que o mundo existia, e rezar por sua salvação. Sobre outros eremitas – Santo Antão, por exemplo –, dizem que a atração pela solidão surgiu de repente, como uma revelação, ao ouvir na igreja uma parte ou outra da Sagrada Escritura. O sistema monástico é uma dádiva preciosa mesmo para aqueles que não são chamados para serem monges. O mundo precisa muito lembrar-se do valor e da necessidade da paz e do repouso. O grande feito de São Bento foi justamente este. Quando a sociedade estava mortalmente doente, devido a uma absoluta inquietação e violência, ele a tranquilizou com o exemplo de sua ordem. A Paz de São Bento chamou atenção para a grandeza das artes da paz. Ele é chamado não apenas de Fundador dos Beneditinos, mas de Fundador da Paz: *“Ipse Fundator placidae quietis”*. Um de seus filhos, São Bernardo, disse: *“Nós somos a Ordem dos Pacíficos.”* E mais: *“Nós lutamos por Deus e pela paz.”*

Que dívida tem a civilização para com a Paz de São Bento! Com certeza este nosso mundo histórico poderia aprender uma proveitosa lição olhando com sabedoria, em vez de insensatez, para seu espírito! Não podemos nos retirar para o deserto, como fizeram Santo Antão e São Paulo, nem fomos chamados ao claustro, como Santa

Gertrudes e Santa Teresa. Devemos ir até o fim, para tomarmos posse da circunstância assoberbada que nos foi reservada. Devemos ir e vir, empurrados e acotovelados pela multidão, temos de ouvir, da manhã até a noite, o rugido do tráfego, as portas batendo e a estridência das vozes humanas. Pode ser então um bom plano fazer o que Santa Catarina de Siena recomendou: construir uma pequena cela dentro de nosso coração. *“Que a paz de Deus habite em vossos corações”* é a bênção de São Paulo, e é lá mesmo onde queremos que ela habite. Se o coração está em paz, tudo está em paz. É muito duvidoso que Byron tenha experimentado *“o êxtase da praia solitária”* sobre o qual escreveu, pois ele sempre carregou consigo a agitação de suas paixões. Nem todos os que foram ao deserto lá encontraram a paz. Esses experimentos não foram todos bem-sucedidos. São Gregório aponta isto, e nos lembra que uma alma não habita a verdadeira solidão sem que possua o segredo de como viver dentro de si mesma. Ele elogia São Bento com duas palavras: *“Habitavit secum”* – habitou consigo. Muitos viveram em monastérios sem que possuíssem este segredo. Sobre os Solitários, diz Ivo de Chartres: *“Eu aprovo a vida desses homens, mas nem a floresta mais profunda e nem a montanha mais alta pode dar felicidade a um homem se ele não tiver em si a solidão da alma, a paz de consciência, e o coração elevado.”* Aristóteles definiu o homem como um ser social, e acrescentou: *“Quem vive sozinho ou é um deus ou é uma fera.”* A filosofia Cristã endossou este veredito, porém variando seus termos: *“Quem vive sozinho ou é um anjo ou um demônio.”* Segundo o *Guia das Anacoretas*, as perturbações do mundo podiam chegar até mesmo às mulheres anacoretas. *“As pessoas dizem, sobre as mulheres*

anacoretas, que quase todas têm uma velha que alimenta seus ouvidos – uma gralha tagarela que conta tudo que vê ou ouve. Tanto que este é um ditado comum:

*“Do moinho e do mercado,
Da oficina e do convento,
Os homens trazem as notícias.”*

Esta é uma historinha triste, que equipara um convento a três lugares onde acontecem as mais inúteis conversas.

São Francisco de Sales gostava de insistir que lugares, situações e condições não têm muito a ver, em si mesmas, com nossa santificação. Ele se recusava a tomar o partido da vida no campo em oposição à vida na cidade, e nos advertiu contra a ideia de que é impossível preservar a paz em meio à agitação e o tumulto. *“Pertencemos a Deus, mesmo no meio da perturbação que nos rodeia devido à diversidade dos afazeres humanos. A verdadeira virtude não se nutre da calma externa, assim como não se encontram bons peixes em águas estagnadas.”*

“Há um tempo para falar e um tempo para ficar em silêncio.” *“O silêncio é o eterno dever de um homem”*, disse Carlyle. Isto é um típico exagero, mas o silêncio pode às vezes ser um dever muito peremptório. São João Silenciário tem esse nome porque, durante anos, escondeu que era bispo. A humildade impôs-lhe esse segredo; e a caridade e a justiça impõem os seus a nós. Santa Bernadete, no tempo das aparições, era pouco mais que uma criança. Entretanto ela guardou fielmente os segredos que a ela foram confiados pela Mãe de Deus, e os levou para o túmulo. São João Nepomuceno foi martirizado por recusar-se a quebrar o sigilo do Confessionário. Na arte, ele é às vezes representado

com um cadeado nos lábios. Todos nós temos segredos que devemos guardar, e em nossas vidas há ocasiões em que faríamos bem pondo nossas línguas, quando elas coçam, sob a proteção de Santa Bernadete e São João Nepomuceno.

“Um bom trabalho, quando se fala dele antes do tempo, está destruído pela metade.” Este é o aviso de São Vicente de Paulo para aqueles que gostam muito de publicidade. *“Não esteja sempre dizendo ‘eu fiz isto, eu disse aquilo.’”* – Este é o aviso de São Filipe Néri para aqueles que são apegados demais ao pronome pessoal.

O Livro de Cabeceira dos Santos

A DELICADEZA DOS SANTOS

Usamos a palavra “delicadeza” por falta de uma melhor. Os Santos não eram muito exigentes, e falar de seu asseio seria desrespeitoso. Isto implicaria em uma consideração dissimulada de uma acusação tola que muitas vezes fazem contra eles. Santa Margarida Maria, de fato, usa a própria palavra: *“Eu era tão excessivamente delicada que a menor falta de limpeza me provocava náusea aguda.”* É verdade que alguns Santos mortificaram gravemente a sensibilidade. A Beata Ângela de Foligno, por exemplo, fez coisas extraordinárias, quando após a conversão cuidou dos doentes no hospital de Florença. Mas ela fez essas coisas exatamente porque era uma mulher de natureza excepcionalmente delicada e fresca, tanto que em seus dias mundanos a delicadeza e a exigência foram ocasião de muitos de seus pecados. Se os Santos corajosamente enfrentaram o desagradável e o repugnante, não o fizeram porque gostavam, mas porque não gostavam. Quando Santa Teresinha do Menino Jesus molhou-se com a água suja do tanque, por causa da Irmã que trabalhava ao seu lado na lavanderia, ela não gostou, muito pelo contrário: *“Meu impulso foi recuar e limpar meu rosto, para mostrar o quanto aquilo havia me incomodado.”* São Vicente de Paulo, quando começou com sua tarefa de fazer algo pelos trinta mil necessitados da Paris de seu tempo, entrava em casebres infestados de doenças e de sujeira. Uma das primeiras coisas que ele fazia era varrer e arrumar. Ele amava ter sempre ao redor de si o que chamava de *“impecabilidade”*. De fato, se

um homem como este pode chamado de “*caprichoso*”, este era seu capricho.

Até as austeridades mais alarmantes dos Santos tinham por trás delas seus bons motivos, e podemos estar bem certos de que este motivo nunca era uma simples indiferença à sujeira e ao fedor. Dizem que a Santa Juliana de Falconieri, a Beata Ângela, e outros, muitas vezes lidavam nos hospitais com as feridas e as úlceras dos pacientes como as pobres mães que, mesmo em nossos dias, lidam com as feridas e úlceras de seus filhos. Tais atos eram muito mais que atos de mortificação, eram atos de caridade heroica, tão heroica e real como doar um litro de sangue para salvar a vida de outra pessoa. Lancetamentos e emplastros não eram muito conhecidos na época desses Santos, e a coragem de tais mulheres pode ter salvado a vida de muitos. Há um relato que diz que o beijo de São Martinho curava as feridas dos doentes. Esta singular mortificação de São Martinho foi, portanto, uma mortificação bastante prática. Dizem também que São Macário, o Solitário, durante seis meses se expôs às picadas dos mais nojentos insetos. Não se espera que nossa geração aprecie um exemplo como este, mas ela talvez se interesse em saber que São Macário fez isto como penitência pela crueldade e impaciência que ele havia mostrado a alguns desses pequenos torturadores.

Sim, alguns Santos foram mais detalhistas que outros, e alguns nem o foram. Nenhum, porém, foi tão detalhista como nós somos. Apenas recentemente o mundo tem prestado atenção a esses pormenores. Dr. Johnson lhes era perfeitamente indiferente, e ainda muito depois de sua época o banho de banheira e a moda eram associados apenas a almofadinhas, *dandies*, e ricos desocupados. Mesmo nosso avô ficaria profundamente chocado ao ver os

jovens de hoje em dia seriamente ocupados com massagem facial, manicure, cachos de cabelo e loções para a pele. Certo ou errado, esse tipo de coisa era considerado efeminado por nossos antepassados. Por exemplo, um dos Mestres de Noviços de Santo Inácio fez um relato muito desfavorável acerca de um noviço que estava sempre lavando as mãos. Santo Inácio, é verdade, tomou a parte do noviço, mas fazendo isto ele estava muito à frente de seu tempo.

“Damião era um homem sujo” – isto é o que dizem seus respeitáveis críticos. Porém o crítico era escocês, e os escoceses têm suas próprias ideias sobre sujeira. O Padre Damião era belga, um belga comum criado à maneira belga. Ele vivia numa ilha pequena e isolada, com oitocentos leprosos para cuidar. Ele não era apenas capelão, era médico, enfermeiro, e frequentemente tinha de ser o coveiro. Seu crítico, por sua vez, estava vivendo em um presbitério muito elegante, onde sem dúvida havia *“todas as mais recentes comodidades, com água quente e louças da marca XYZ.”*

Santa Teresa d'Ávila detestava sujeira e desleixo. Pode ter havido certa quantidade de ambos na Espanha de seu tempo, mas ela insistiu em mantê-los fora de seus conventos. Ela gostava muito de lençóis brancos. Ela não apenas amava a Água Benta, como Santa Margarida Maria amou – *“Como eu amo a Água Benta”* –, mas amava a água comum acima de todos os elementos. Em seu *Castelo Interior*, quando tem de tratar de assuntos espirituais difíceis de explicar ela recorre à metáfora da água. *“Eu não posso encontrar nenhuma analogia mais apropriada do que a da água para explicar coisas espirituais”*, e acrescenta: *“Amo tanto este elemento que o estudei mais atentamente que os outros.”* Esta atração desenvolveu-se nela quando criança. Ela conta que em seu quarto havia um quadro da mulher samaritana no poço, que

nunca cansava de olhá-lo, e que muitas vezes teria dito a Nosso Senhor: *“Senhor, dai-me daquela água.”*

O *Espelho da Perfeição* diz sobre São Francisco de Assis: *“Ao lado do fogo ele amou especialmente a água.”* Apesar de negligente com seu próprio conforto, ele gostava de ver limpeza e boa aparência em torno de si. Quando ele passava pelas vilas e aldeias da Úmbria, pregando o evangelho da pobreza e do amor, costumava levar uma vassoura para varrer as igrejas que não estavam tão limpas quanto poderiam estar *“porque Francisco ficava triste sempre que via uma igreja que não estivesse tão limpa quanto ele a poderia deixar.”* Em São Damião, a pequena cela em que ele se deitou doente dos olhos estava infestada de ratos. Dia e noite eles corriam ao seu lado, e não lhe deixavam nem rezar nem comer. Naturalmente ele não os molestou, pois nunca molestou nenhuma criatura de Deus, mas sofreu intensamente. *“Vendo-se tão atormentado, e com pena de seu próprio caso, ele disse consigo mesmo: ‘Senhor, olhai para mim e me socorrei em minhas enfermidades’.*” Ele aceitou e usou o elegante par de chinelos que Santa Clara fez para proteger seus pés feridos da sujeira. As boas maneiras sempre foram seu ponto forte. *“Todos concordam que a polidez fluía dele, de sua essência, como de uma fonte pública em um mercado italiano ensolarado”,* e boas maneiras indicam refinamento e delicadeza. Quando estava morrendo, ele ficou muito ansioso para que seu corpo fosse posto em uma mortalha fresca e limpa, então despachou um mensageiro até sua fiel amiga Lady Jaqueline, pedindo a ela que mandasse imediatamente um rolo de tecido cinza, do qual os Irmãos poderiam lhe fazer um hábito novo.

Bem mais tarde encontramos a mesma solicitude, muito mais perto de casa, em nosso Beato John Fisher. Na manhã

de sua execução ele teve cuidados incomuns em sua toalete, tirou a camisa de cerdas que sempre usava e pediu lençóis limpos. Ele fez com que o servo trouxesse sua melhor echarpe forrada de peles. A tudo isto ele chamou de *“se preparar para o casamento”*. Enquanto isso, o Oficial da Torre ficava maravilhado por ele ter tanta preocupação: *“Que necessidade há de ser tão cuidadoso com um corpo que tem apenas uma hora de vida?”* O mártir respondeu: *“Manterei-me tão bem quanto puder até a hora da minha execução.”*

O Cura d’Ars foi acusado de ser um pouco sujo. São João Vianney, porém, embora usasse os sapatos e a batina até que caíssem aos pedaços, sujo nunca foi. A lavadeira que cuidava dos lençóis do presbitério declarou que *“ele tinha um amor natural pelo asseio e pela limpeza, e muito frequentemente trocava seus lençóis”*. Tudo de São Filipe Néri era escrupulosamente limpo e arrumado. Dizem que por algum tempo ele não podia rezar a Missa com um cálice que teria sido usado por outro padre, e que ele tinha o seu próprio. São Bernardo costumava dizer: *“A pobreza sempre me agradou, mas a sujeira, nunca.”* A famosa carta que Santo Agostinho escreveu às freiras de Hipona, em 423, é considerada como o fundamento de sua Regra religiosa. Nela, ele diz: *“Guardai vossas roupas com cuidado, e as sacudi para evitar as traças. Que vossas vestimentas sejam lavadas ou por vós mesmas ou pelas lavadeiras. Que o banho corporal não seja incessante, mas concedido uma vez por mês, e mais frequentemente em caso de doença. Que todas façam o que tem de ser feito pelo cuidado com a saúde.”* Nas instruções de ambos, de Santo Agostinho e de São Jerônimo, encontramos fortes recomendações contra o uso dos banhos. Naquele tempo, banho normalmente significava banho público, e banhos públicos tinham uma

reputação muito ruim. Os banhos públicos eram muitas vezes os únicos disponíveis, realmente, visto que diz Santo Agostinho: *“Quando elas [as freiras] vão aos banhos, não haja menos de três.”*

Na Regra de São Bento, encontramos um senso comum muito prudente. *“Que os banhos sejam concedidos aos doentes quantas vezes for necessário.”* No inverno o capuz é de tecido grosso, no verão de tecido fino. Aqueles que são enviados a uma viagem devem pegar meias limpas do guarda-roupa comum, e ao voltar para casa devem verificar se estão bem lavadas, antes de pô-las no lugar. Aos sábados deve haver uma arrumação geral. Tudo deve ser limpo, as toalhas devem ser lavadas, e também os pés dos monges.

O *Guia das Anacoretas* diz: *“Contentai-vos com vossas roupas, sejam elas brancas ou pretas”,* e acrescenta: *“Observai se elas são quentes e bem feitas, se as peles são bem curtidas, e tende tantas quantas precisardes, para a cama e também para o corpo. Banhai-vos a gosto. Cortai o cabelo quatro vezes por ano, para desabafar vossas cabeças.”* Certamente não nos surpreenderá ouvir o bom bispo dizendo a essas mulheres que se contentem com suas roupas, mas quem esperaria encontrar o corte de cabelo em um livro escrito para freiras no século XIII? Mesmo no século VIII, na Idade das Trevas, encontramos *“um par de toalhas”* entre os presentinhos que São Bonifácio gostava de enviar para suas amigas freiras, com as cartas que escrevia. Elas enviavam versos, ele enviava toalhas.

Como diz São Bento, *“Sejamos moderados em tudo”* – também na arrumação e na limpeza. *“Não seja meticuloso, seja limpo”,* como diz Dryden. O banho e a esfregação podem ser levados longe demais. Existe uma coisa que é a sujeira boa e honesta, como também há o suor bom e

honesto. Esta classe social que de manhã até a noite não tem nada para fazer além de se manter limpa e impecável nunca foi muito útil para a humanidade. Não há nada que recomende o ditado *“a limpeza está próxima da piedade”*, exceto sua ênfase. Não há nada de piedoso nos fariseus, lavadores incansáveis que eram. *“Vós limpais o exterior do cálice e do prato, mas vosso interior está cheio de rapina e iniquidade.”* *“Procedem do coração maus pensamentos, homicídio, adultério, fornicção, furto, falso testemunho, blasfêmia: essas coisas contaminam o homem. Comer sem ter lavado as mãos não contamina o homem.”* Não é interessante como o vício se esforça para parecer limpo e respeitável? Sem dúvida ele pensa que perderá *“metade de sua culpa livrando-se da sujeira”*.

O Livro de Cabeceira dos Santos

A HUMILDADE DOS SANTOS

A familiaridade com a história secular levou o recentemente falecido Lord Acton a dizer: *“A maioria dos grandes homens foram homens maus.”* Nas esplêndidas carreiras dos fazedores de história, de regra, a virtude mal tem vez, e o que nos decepciona nas biografias dos personagens mais proeminentes e aplaudidos é uma negligência com o que chamam de *comportamento pequeno*. Inteiramente dedicados ao surpreendente e ao grandioso, eles aparentemente deixam para seus subalternos as virtudes menores da candura, da sinceridade, da veracidade, e assim por diante. Aqueles que podem manter um criado raramente são heróis aos olhos do criado, talvez seja por isso. Rousseau foi acusado de pretender a isenção de quase todas as virtudes naturais como recompensa por seu gênio e sua bela escrita. *“Ele pedia emprestado, mendigava, nunca pagava. Ele traiu seus amigos, insultou seus benfeitores, pôs seus filhos no reformatório, era culpado de todo tipo de malvadeza.”* Frederick, sobre a visita de Voltaire à Alemanha, disse: *“Ele se comportou aqui como um perfeito trapaceiro e canalha.”* Quanto à vida de Napoleão, fica bem claro que ele não viu nenhuma utilidade para o provérbio da Santa Escritura: *“Melhor um senhor de si mesmo que um conquistador de cidades.”*

Ora, o que fez com que os Santos se tornassem Santos não foram suas façanhas nem seus milagres, mas suas virtudes, que eram virtudes ordinárias e comuns, da vida cotidiana. São João da Cruz é às vezes chamado de Doutor

do Nada, devido à importância que ele dava não apenas à humildade, mas às virtudes simples e caseiras associadas às pessoas humildes. A carreira e o caráter de Santo Agostinho eram certamente magníficos, mas é ele a quem devemos o conselho: *“Queres tu ser grande? Então começa sendo humilde. Desejas tu construir um prédio imponente? Então pensa primeiro sobre a fundação da humildade.”* *“Sê grande nas pequenas coisas”* era o lema de São Francisco Xavier – um lema que ele aprendeu com Santo Inácio. *“A atenção às coisas pequenas é uma grande coisa”*, disse São João Crisóstomo. *“Nada que Deus aceita é pequeno”*, disse Santa Teresa. E mais: *“Nada é pequeno para um grande amor.”* Sua devoção à Água Benta é bem conhecida, e ela declarou haver em uma única prescrição da Igreja vida suficiente para lançar a alma ao êxtase.

São Francisco de Assis é famoso, entre outras coisas, por sua polidez. São Francisco de Sales estava sempre em guarda contra o que ele chamava de *“virtudes pomposas”*, e era atraído por aquelas cuja prática era frequente, comum e ordinária. Contestaram São João Berchmans por ele não fazer milagres e apenas guardar sua regra. *“Trazei-me cem estudantes que tenham guardado sua regra e eu canonizarei todos”*, disse o Papa. Os Santos não tornaram-se Santos por terem feito milagres, mas se fizeram milagres foi porque primeiro se tornaram Santos. Zelando pela penitência e pela austeridade, eles não negligenciaram coisas menores, porém muito mais importantes. *“Penitência é bom mas humildade é muito melhor”*, disse um deles. São Simeão Estilita estava preparado para deixar seu pilar ao sinal da autoridade. *“Desce”*, disse seu superior, e imediatamente seu pé estava no degrau da escada. A lição do *Pequeno Caminho* de Santa Teresinha é exatamente esta. Ela confessou que não tinha

forças para imitar os grandes ascetas, e que achava muito difícil até mesmo se manter acordada durante a meditação. Ela consolava-se jogando todas as suas forças nas oportunidades menores que apareciam. As grandes ocasiões e as situações dramáticas nunca são bons testes de virtude. Resgatar uma pessoa afogada é um ato de caridade, mas há algo de heroico na natureza deste ato, ele pode estar acompanhado pelo brilho de uma satisfação romântica, que faz dele mais um prazer que qualquer outra coisa. Não há nada de romântico em manter a calma, e ninguém, exceto Deus, pode nos aplaudir quando reprimimos um pensamento injusto. É assim: ficamos entusiasmados quando lemos sobre os atos heroicos dos servos de Deus, então, ao dobrarmos a esquina, aparece algum insignificante momento de praticar a mesma virtude de uma maneira pequena, e acabamos pensando que a virtude é um assunto monótono e incolor. *“O quinhão mais humilde proporciona o mais nobre viver”*, e o Calendário dos Santos é a prova disso. Temos São Balamero, o serralheiro, São Godric, o mascate, Santo Andrônico, o barbeiro, Beata Margarida de Louvain, a garçonete, Santo Alexander, o carvoeiro, e o Beato Sebastião de Aparício, o carreteiro. O Venerável Nuncio Sulprica era aprendiz de ferreiro. Santa Priscila e Santa Áquila foram fabricantes de tendas. Santa Margarida de Cortona, como também a Venerável Anna Maria Taigi, era costureira. São Severo era tecelão e São Benedito José era mendigo. Os Santos Processo, Martiniano, Apolinário, Acestes, Basilides e Varo eram carcereiros. São Wilfrido era padeiro, São Brás era cardador³, e Santo Hervé era um cantor de rua cego, cujo companheiro, muito estranhamente, era um lobo e não um cão. Tais exemplos nunca faltaram na Igreja. Eles foram notórios na época de Santo Agostinho, que diz em suas

Confissões: *“Vê como os ignorantes fazem e tomam o céu por meio da tempestade, enquanto nós, com toda nossa aprendizagem, rastejamos sobre a terra.”* Séculos depois, Santo Anselmo declarou: *“Deus muitas vezes trabalha mais pelos analfabetos que procuram coisas que são de Deus, que pelos sábios que procuram suas próprias coisas.”*

Para ser Santo, na verdade, não é necessário ser grande. Para sermos bons, justos e tementes a Deus não precisamos deixar o mundo nem mudar nossa condição. Não é nem mesmo necessário crescer. Santa Imelda tinha apenas treze anos, Santa Amilina tinha doze, São Rumwald era apenas uma criança de colo. Ele foi também um príncipe inglês, então nós temos a glória de ter produzido o único bebê Santo canonizado, fora os Santos Inocentes, é claro.

A santidade não é de maneira alguma uma mera questão de ambiente favorável. Já vimos como São Francisco de Sales se manifestou a favor da vida na cidade, e como ele insistia fortemente na possibilidade de santificação de qualquer estado de vida. Santo Ivo e Santo Aprus eram advogados, São Juliano era estalajadeiro, São João de Deus era livreiro, Santo Odran era motorista, ou melhor, cocheiro de São Patrício, e muitos médicos, é claro, foram canonizados. Santo Omobono era um comerciante, de quem nós temos, afortunadamente, a lembrança um bom negócio. Alban Butler disse: *“O comércio muitas vezes é visto como uma ocasião de mentiras, fraudes e injustiça. Que estes vícios são dos homens e não de suas profissões fica claro a partir do exemplo deste Santo.”* Ele é o padroeiro de Cremona e sua festa acontece em treze de novembro. Omobono, ao que parece, era um homem de negócios muito bem sucedido, que ganhava dinheiro ao mesmo tempo em que dizia a verdade a seus clientes e refreava o apetite dos

outros comerciantes por lucros excessivos. Dizem que ele também era exato e zeloso com suas contas, de forma que, evidentemente, a santidade não interferia em seu tino comercial. Os Santos Gelásio, Genésio, Porfírio e Ardalion eram atores que se converteram — alguns, inclusive, enquanto estavam no palco — e morreram, mais tarde, como mártires.

Os Santos da cozinha formam uma classe própria, e esta classe é bem grande. A arte representa Santa Marta segurando uma concha, e sem dúvida ela é quem pode melhor guiar as mãos de todos aqueles que mexem com caçarolas, das quais dependem tantas vidas. Ela tem muitos seguidores. Há um São Pedro que era cozinheiro — uma preciosidade de cozinheiro, porque contentava-se com um salário muito pequeno. As Santas Ariadne, Matrona, Radegunda e Ágata trabalhavam na cozinha. Santa Agatóclia era escrava de uma senhora. Santo Aleixo, sem que seus pais soubessem, passou trinta anos fazendo trabalhos menores em troca de comida e abrigo, morando no vão debaixo de uma escada. Santa Zita é a padroeira de todas as empregadas domésticas Cristãs. No começo ela era como um burro de carga, mas depois, por sua paciência e eficiência, ela ganhou a estima de seu empregador e foi promovida à administração de toda a casa. Dizem que Santa Tecla foi empregada de São Paulo e Santa Petronila foi empregada de São Pedro. Estas almas heróicas e longânimes, que cuidavam da casa para sacerdotes pobres e ocupados, têm, portanto, ao menos dois advogados especiais no Céu. Embora poucos detalhes dessas Santas tenham chegado até nós, podemos estar bem certos de que elas não perdiam tempo falando da “tirania da cozinha”. Elas foram servas perfeitas, e todos que empregam servos sem dúvida aprovam sua canonização. Enfim, suas almas foram santificadas por meios de observâncias muito

monótonas e banais. Santa Teresa disse: *“Deus anda entre os potes e as tigelas.”*

Talvez não nos surpreenda saber que há muitos pastores e pastoras santificados, como os Santos Emiliano, Druon, Germana de Pibrac, Solange e Genoveva. Um antigo provérbio diz que Deus está acostumado a tirar Seus profetas do aprisco, como o profeta Amós, por exemplo. São Cuteberto, Santa Joana d’Arc, e Santa Bernadete guardaram ovelhas em um momento ou outro. Contudo é bem surpreendente encontrar escravos no Calendário dos Santos, e encontramos muitos. Numa época em que os escravos não tinham por lei nenhum direito, e eram sujeitados aos mais bárbaros tratamentos em consequência disso, a Igreja os elevava aos seus altares, e os honrava publicamente como mártires. Os Santos Lupus, Guiperius, Mitrius, Blandina, Laurentia, Revocatus, Saturninus, e Secundulus eram escravos. Santo Onésimo, o amigo mais amado de São Paulo, era um escravo. Alguns, como os Santos Protus, Jacinto, e Serápia converteram seus mestres pagãos e senhoras pagãs, e com eles sofreram o martírio. Quando Santa Melânia montou sua comunidade de freiras, muitas de suas escravas juntaram-se a ela, e chegaram a altos níveis de santidade. O efeito de tudo isto na opinião pública deve ter sido tremendo. Desde então não ouvimos mais histórias de senhores engordando suas lampreias com o sangue dos escravos, como fez Pollio, o amigo de Augusto, ou de senhoras que levam um punhal na cinta para punir as trapalhadas de seus domésticos. Lenta, mas seguramente, e inteiramente graças à ação da Igreja, essas pobres criaturas recuperaram seus direitos, até que sob Constantino rigorosas leis foram aprovadas por sua proteção.

Nossa situação de vida pode não dar margem para ações dramáticas ou românticas, mas oferece abundante oportunidade para o exercício das virtudes que fazem os Santos. Há isto a ser dito para os de posição humilde: se ela nos priva da oportunidade de fazer mais bem, ela também nos preserva da tentação e de fazer mais mal.

O Livro de Cabeceira dos Santos

NA CABECEIRA DOS SANTOS

Devemos estar certos de que até o mais mortificado deles ficava tão satisfeito quando ia para sua cama como nós ficamos quando vamos para a nossa. *“Quando um homem realmente ama a Deus, ele chega num tal estado em que é obrigado a dizer: ‘Senhor, deixai-me dormir um pouco’”,* disse São Filipe Néri. Um dos Salmos tem este verso: *“Exultem os santos em sua glória; alegrem-se em seus leitos.”* Se isto se refere ao Paraíso, então temos outro, no qual diz Davi: *“No meu leito em ti pensava.”* Em seu *História de uma Alma*, Santa Teresinha nos confia todas as suas fraquezas, e entre elas está que ela costumava cochilar durante a meditação da manhã. *“Mas penso que criancinhas, acordadas ou dormindo, são igualmente queridas por seus pais.”* O Evangelho pode encontrar uma desculpa até para os três Apóstolos que dormiram no Jardim de Getsêmani, deixando Nosso Senhor a vigiar sozinho: *“Seus olhos estavam pesados.”* Nosso Senhor, apesar de lhes ter repreendido levemente, não os acordou: *“Continuai a dormir e descansai.”* O Papa São Clemente, discípulo de São Pedro, conta que o Apóstolo gostava de recordar detalhes sobre a bondade de Nosso Senhor para com Seus discípulos, e uma dessas lembranças é que, viajando com eles pela Judeia, Ele os teria visitado muitas vezes durante a noite, para ter certeza de que estavam aquecidos e bem cobertos.

Os primeiros ascetas fizeram esforços heroicos para restringir o sono dentro do menor limite possível, mas é desnecessário dizer que eles nunca foram capazes de

eliminar esta necessidade. Dizem que Santa Cristina, Santa Coleta, Santa Catarina de Ricci, Santa Elphide, Santa Flora, a Beata Ágata da Cruz, e outras, viveram por longos períodos sem a bênção do sono. Isto era, no entanto, um privilégio miraculoso, semelhante ao daqueles que viveram sem qualquer alimento além da Santa Eucaristia.

Dizem que São Macário uma vez passou vinte dias sem dormir. São Doroteu ficava acordado à noite fazendo esteiras, e São Jerônimo conta que se atirava no chão quando o sono vinha apesar de seus esforços. Santa Catarina de Siena dormia um pouquinho apenas a cada duas noites, e chamava isto de *“pagar a dívida do sono ao corpo”*. São Martinho de Tours geralmente dormia no chão, e Santa Paula nunca dormia em cama, nem mesmo quando doente. Por cinquenta anos, São Pacômio repousou sentado em uma pedra. São Carlos Borromeu geralmente dormia em uma cadeira, ou vestido sobre a cama. Quando finalmente foi convencido a ir para a cama, ele insistiu em ter um colchão de palha. Ele é responsável por um dos conselhos mais gelados já dado por um Santo. *“A melhor maneira de não encontrar a cama fria é ir para a cama mais frio do que a cama está.”*

É claro que tais extremos devem ser julgados por suas, e não por nossas, ideias de conforto e conveniência. Estes Santos viveram tempos muito duros, num clima bem mais quente que o nosso. Afinal, a cama importa, mas pouco, desde que haja um sono profundo e revigorante. Provavelmente eles dormiram bem mais profundamente que nós. Outros também, que não eram Santos, conseguiam lidar com bem poucas horas de sono. Dizem que Napoleão podia passar uma semana sem dormir. Ele aprendeu a dar cochiladas ocasionais, e esses momentos avulsos o

sustentavam por vários dias. O Cardeal Mezzofanti, o grande linguista, nunca dormiu por mais de três horas. Castell, o autor do *Lexicon Heptaglotton*, por vinte anos dormiu apenas quatro horas por dia. Suarez dormiu menos ainda. O próprio Sir Mathew Hale afirmou que seis horas eram mais que suficientes para todos. São Filipe Néri dormia quatro horas por dia, no máximo cinco. Matt Talbot ia para a cama às dez e meia e levantava às duas. Embora São Francisco de Sales gostasse de dizer: “*Nós teremos toda a eternidade para descansar*”, ele tinha, de regra, cinco horas de sono. O Cura d’Ars dormia apenas três.

O sono é como o alimento, alguns o requerem mais que outros, e a quantidade de cada um é, em grande parte, uma questão de costume. Facilmente nos convencemos de que precisamos de uma boa dose de ambos, e os Santos, com a mesma facilidade, se convenciam de que precisavam de muito pouco. A natureza é muito adaptável. É surpreendente o quanto podemos prescindir dessas necessidades no final das contas, muito convenientemente, e talvez seja seguro afirmar que o sistema se acostuma com mais facilidade a privações do que a excessos. A prática gradual e sistemática transformou as mortificações, para os Santos, em uma segunda natureza. Já vimos com que prudência São Simeão acostumou-se a ficar empoleirado no alto do pilar, e dizem que São Pedro de Alcântara acostumou-se às vigílias gradativamente, tendo cuidado para que elas não fossem prejudiciais à sua saúde. Além disso, os Santos tinham esta enorme vantagem: suas mentes e seus corações estavam em um habitual estado de tranquilidade. Nada esgota a fonte de nossa vitalidade mais rapidamente do que as paixões desordenadas, as ambições desmedidas, a multiplicidade de desejos. Os Santos estavam livres das

preocupações, das culpas, e das ansiedades que minam a tranquilidade das pessoas mundanas. Eles tinham o travesseiro mais relaxante do mundo – a boa consciência. Se pudéssemos conhecer a verdade, São Pedro de Alcântara talvez tenha desfrutado mais horas de verdadeiro sono natural, em uma semana, do que desfrutaram em um mês muitas dondocas da sociedade.

Os Santos nunca hesitaram em se privar de sono e descanso por algo que concebiam como dever ou caridade. Não há nisto nenhum fanatismo, pois homens e mulheres do mundo fazem o mesmo por seus objetivos. A Câmara dos Comuns prolonga suas sessões noite adentro. As pessoas ficam noites inteiras em filas nas portas dos teatros. Durante o julgamento de Maria Antonieta, como relata Belloc, *“ninguém na estupefata audiência, que assistia a lenta decisão do caso, sentia o sono se aproximar”*.

Do outro lado da balança, há os *Sete Adormecidos*, que dormiram por duzentos anos. Segundo São Gregório de Tours, eles eram cidadãos de Éfeso, e no ano 250 foram emparedados em uma caverna para que morressem de fome. Dois séculos mais tarde, quando a controvérsia pegava fogo na vizinhança, eles saíram, e testemunharam o ensino tradicional da Igreja contra as novidades dos hereges. A tradição deste milagre espalhou-se tanto que os *Adormecidos* são mencionados no Corão, e parece ter sugerido a Washington Irving seu conto *Rip Van Winkle*. Os nomes dos Adormecidos são Maximiano, Marcos, Martiniano, Dionísio, João, Serapião e Constantino. Os gregos e todas as outras Igrejas orientais incluem os *Sete Adormecidos* em seus catálogos de Santos. Butler tende a considerar a história mais como uma lenda, mas não há dúvida que ela teve credibilidade universal por centenas de anos.

A sensata Regra de São Bento permitia para cada monge uma esteira, um cobertor, um tapete e um travesseiro. Também exigia que dormissem em seus hábitos. Do ponto de vista do conforto, isto deve ter sido uma melhoria do costume de dormir sem nenhum tipo de roupa de dormir. O travesseiro de São Jerônimo, como o de Jacó, era feito de pedra, mas São Francisco de Assis tinha um travesseiro de penas, que os irmãos o obrigaram a usar, por causa da enfermidade em seus olhos. Quando ele estava no eremitério em Greccio, e não conseguia dormir, culpou o demônio. *“Percebi que este diabo é muito esperto. Não sendo capaz de prejudicar minha alma, ele está no afã de dificultar uma necessidade de meu corpo, para que eu não possa dormir, e assim prejudicar a alegria de meu coração.”*

Aqueles que encontram dificuldade ao se levantar pela manhã – ou seja, quase todo mundo –, gostarão de saber que há um Santo cuja ocupação é vir ao resgate dos que sofrem desta singular enfermidade. Ele é São Vito, ou São Guido (15 de junho), um mártir que sofreu no século IV, e que tem por símbolo, muito apropriadamente, um galo. Uma crônica monástica fala de uma senhora idosa e virtuosa que tinha a função de tocar o sino para os Ofícios da Igreja de São Romualdo, em Malinas. A crônica elogia a fidelidade e a pontualidade da mulher, e relata como uma coisa para ser lembrada e exaltada que ela tinha um galo que lhe servia de despertador, para que não faltasse com seu dever. Se ela tivesse sido canonizada, certamente seria a padroeira dos preguiçosos *“par excellence”*.

Caso este livro caia nas mãos de um acamado, será para ele um consolo saber que existiram Santos, e muitos, que aqui embaixo não fizeram muita coisa além de santificar seus leitos de doente. A Venerável Ana Catarina Emmerich, a

Venerável Anna Maria Taigi, a Santa Verônica Guiliani, e a Santa Maria Francisa estiveram acamadas. A Beata Maria Bagnesi, uma terceira dominicana, viveu prostrada pela doença por quarenta e cinco anos, e segundo os Bolandistas mal tinha um membro intacto. Santa Frica ficou, por seis anos, confinada à cama com paralisia, e dizem que ela sofria intensamente com ratos que a atacavam enquanto sua mãe estava na cidade implorando por pão. De todos esses sofredores, Santa Liduína de Schiedam é a mais famosa. Nascida na Holanda, ao fim do século XIV, ela caiu enquanto patinava, aos quinze anos de idade, e contraiu uma doença que a prendeu na cama pelo resto de sua vida – por trinta e cinco anos. Ainda assim nada podia abalar a fortaleza de sua alma heroica. Embora afligida por males que deixavam a medicina de seu tempo totalmente perplexa e confusa, ela suplicou a Nosso Senhor que não a poupasse, e obteve a graça de expiar os pecados dos outros por meio de seus próprios sofrimentos. Ele realmente ouviu sua prece. Ela foi dotada de maravilhosos poderes sobrenaturais. Anjos a visitavam. Nosso Senhor lhe deu pessoalmente a Santa Comunhão. Na hora da sua morte Ele se manteve a seu lado, e restaurou a antiga perfeição de seu corpo. Sua beleza, que estava desaparecida reapareceu. Uma multidão de doentes foi à sua cabeceira, e grandes milagres aconteceram. Foram exemplos como esses que levaram o Padre Faber a questionar: *“Quem irá dizer que um valetudinário não pode ser Santo ou praticar uma virtude heroica?”*

É bem difícil que as doenças sejam um dia banidas do mundo. Apesar dos admiráveis esforços da ciência, ainda existe doença e deformidade. Muito poucos estão tão bem quanto gostariam de estar, e alguns são mais infelizes que outros. Santa Teresa pensava que deveria haver um inválido

em cada comunidade. Talvez Deus permita que a enfermidade crônica sempre atinja um ou outro para assim dar a Suas criaturas uma oportunidade de O glorificar pela paciência e pela resignação. *“A doença santifica mais rápido que qualquer outra coisa”*, disse um Santo – se corretamente entendida, se vivida em um espírito sobrenatural, é claro. Às vezes ela é o último recurso de Deus em seu plano providencial de nos salvar, e se ela falha nosso caso é realmente desesperador.

A saúde ruim não é uma bênção, mas se a doença vier, apesar de todos os nossos cuidados, podemos ao menos fazer de sua necessidade uma virtude, como fizeram os servos de Deus. Um deles disse: *“Carregar a Cruz é fazer com que a Cruz nos carregue.”*

O Livro de Cabeceira dos Santos

O SEGREDO DOS SANTOS

Você nunca passou momentos de nostalgia diante da lareira, nas noites de inverno, imaginando os traços da pessoa ausente no brilho das brasas? Um misterioso artista parece trabalhar entre os carvões incandescentes, e com um método todo seu ele usa espirais de fumaça e jatos de gás para desenhar imagens visionárias na tela flamejante. Sua imaginação faz o resto, e com as sombras e as luzes bruxuleantes você constrói os rostos de amigos distantes ou mortos – *“aquelas abençoadas feições familiares, purificadas da desonra da sepultura”*. Recostando-se na cadeira, você parece enxergar, nessa retrospectiva, o brilho de olhares gentis, e ouvir os tons de vozes silenciosas. Quem poderia dizer que tais reflexões fantasiosas são sempre inúteis? Talvez a alma obtenha com elas, associada a essas lembranças, uma energia renovada. Elas nos levam para o lugar da inocência e do entusiasmo de nossa infância e juventude. Podemos, por um momento, respirar novamente o hálito puro da primavera e da aurora da vida. Não somos apenas consolados, somos purificados. A nossa aspereza é atenuada, nossa amargura, adoçada, e diante deste passado, cujo vislumbre nos foi concedido, inclinamos nossas cabeças com respeito e veneração.

Ora, na Sagrada Escritura o fogo é o elemento mais frequentemente associado a Deus e às coisas de Deus. Ele é, acima de tudo, é associado ao Seu atributo de Santidade. Deus aparece a Moisés em na sarça ardente. No Sinai, para Ezequiel, Isaías e São João, Ele revela-se entre as chamas.

Ele purifica os lábios de Seu profeta com uma brasa viva. Segundo o Salmista, Sua carruagem é feita de fogo. Jeremias compara Sua Palavra e Sua Igreja ao fogo. O fogo é por excelência o símbolo de Sua santidade. Foi o fogo da santidade que Nosso Senhor, como Ele mesmo disse, veio acender sobre a terra. João Batista descreveu Seu batismo como um batismo de fogo. O Espírito Santo – o Santificador, a Inspiração de todas as vidas e ações santas, o modelador e formador de Santos –, desceu pela primeira vez na forma de línguas repartidas, *“como se fossem de fogo”*.

Em um sentido muito real, portanto, os rostos de todos os Santos nos olham dentre o fogo do amor e da perfeição de Deus. Eles são as brasas que o Salmista diz acesas pelas chamas do Trono do Altíssimo. Eles são as *“faíscas que voam para o alto”*, as *“tochas de fogo aceso”*, descritas no livro de Jó. *“Deus é um fogo que consome”*, diz a Sagrada Escritura, e o coração de um Santo é a coisa mais próxima que conhecemos da visão de Deus. De regra, eles sofreram – e de fato nós procuramos instintivamente o sofrimento em suas vidas –, pois *“o homem verdadeiramente aceitável deve ser provado na fornalha da humilhação”*. Alguns deles, como Santa Teresa d'Ávila e Santa Gertrudes, são representados com um coração flamejante. Na arte sacra, São Brício, Arcebispo de Tours e discípulo de São Martinho, é representado com fogo em sua mão. Santo Antão fica de pé sobre o fogo, e seu homônimo de Pádua tem uma chama saindo do peito. Um hagiógrafo moderno chamou os que se fizeram vítimas expiatórias de *“para-raios da sociedade”*. *“Eles chamam para si o fluido demoníaco. Eles absorvem as tentações do vício. Eles apaziguam a ira do Altíssimo para que Ele não ponha a terra sob um interdito.”* Muito antes, São João Crisóstomo comparou os Patriarcas do Deserto a

“faróis”, que servem para nos guiar e animar entre os perigos e as trevas da vida. Uma carta, escrita por uma de suas freiras, assim descreve a Santa Madalena Sofia aos oitenta e cinco anos de idade: *“Dela não restou nada, a não ser uma chama.”* E o melhor de todos: São Pedro Igneus – São Pedro Ígneo –, um bispo do século XI.

O respeito e o amor que São Francisco tinha pelo fogo são bem conhecidos. Ele levou esta reverência tão longe que nem um risco de incêndio a podia diminuir. Quando o doutor veio aliviar a enfermidade de seus olhos com um cautério, o Santo pregou um pequeno sermão ao fogo, pedindo que não o machucasse demais. *“Ele amou o Sol e o Fogo acima de todas as criaturas”*, diz o *Espelho da Perfeição*. E ainda: *“Pelo fogo, dentre todas as criaturas insensíveis, ele tinha um carinho especial, por causa de sua beleza e sua utilidade.”* O próprio Santo disse: *“Fogo, nobre e útil em todas as nações, eu te amei e ainda te amarei. De manhã devemos louvar a Deus pelo Irmão Sol, e à noite pelo Irmão Fogo.”* *“Gracioso, alegre, magistral e forte”*, assim ele descreve o fogo no *Cântico das Criaturas*. Fato é que São Francisco viu neste elemento o rico amor de Deus, que Isaías descreve como *“uma chama devoradora”*. O fogo para ele era uma constante lembrança de que Deus deseja apenas ser amado em troca. Como o expressou Nosso Senhor: *“Eu vim trazer fogo para a terra, e como eu gostaria que já estivesse aceso!”*

Este é o segredo dos Santos, a explicação de seu heroísmo, a chave para se entender os inimitáveis e intrigantes incidentes que encontramos em suas vidas. Quando um coração se abre, quando se abre de verdade, para o nosso Senhor, Ele o incendeia com o fogo de Seu amor. Os discípulos que andaram e falaram com Ele no

caminho de Emaús disseram um ao outro: *“Não estava nosso coração queimando dentro de nós enquanto Ele falava, durante o caminho?”* Ele mesmo descreveu seu precursor João Batista como *“uma lâmpada que queima e ilumina”*. Quando Santa Gertrudes teve sua primeira visão de Nosso Senhor, no corredor de seu convento, quando Seu olhar encontrou o dela, ela sentiu o coração esquentar dentro de si.

Um ensaísta não Católico de nossa época escreveu: *“Ninguém pode negar que a Igreja de Roma tem a marca da verdadeira Igreja – o poder de gerar Santos.”* A fonte desta fertilidade que nunca falha é o dogma do amor infinito de Deus pelo homem, a surpreendente doutrina *“Deus ama o homem ao ponto da paixão”*, como exprimiu Monsenhor Bougaud. De tempos em tempos, esta verdade revelada se cumpre vividamente, e então temos um Santo, homem ou mulher, devorado, portanto transformado, pelo fogo da Divina Caridade. As últimas palavras de Santo Antônio de Pádua foram: *“Vejo Deus.”* Seu rosto moribundo tornou-se brilhante e transparente, aceso pela iluminação de sua alma. Todos os grandes servos de Deus, de uma maneira ou de outra, captaram um vislumbre da Divina Beleza. Por isto os encontramos deixando o mundo de lado, atropelando suas próprias alegrias, riquezas, honras, e indo a lugares solitários, escalando os topos dos pilares. Eles viram o Eterno, e como consequência disso o mundo encolhe, e fica parecendo insignificante por comparação. Assim também acontece com os astrônomos, familiarizados com as dimensões dos planetas e das estrelas. *“Como a Terra parece vil quando olho para o céu”*, disse Santo Inácio. *“Eternidade, eternidade, eternidade!”* Santa Teresa costumava repetir para si mesma quando criança. Somente isto explica todos os seus ditos extremos e exageros. O amor verdadeiro nunca calcula.

“As razões do amor não têm razão.” “É impossível amar e ser sábio.” “Uma amizade generosa não conhece a frieza.” Como disse o Cardeal Newman: *“Eu não daria muito por um amor que nunca é extravagante.”* Sob a influência de uma afeição verdadeira, o ser humano aposta alto, e sustentado como está por sua união com outro espírito, não se intimida com nenhuma dificuldade nem recua diante do sacrifício. Nunca houve uma história de Santo que não tenha sido, no sentido verdadeiro, uma história de amor. *“Apenas o amor paga o amor”*, era o lema que Santa Teresa aprendeu de São João da Cruz. Pagando em parte o infinito amor de Deus, eles gastaram e foram gastos. A memória da dívida contraída pela raça humana no Monte Calvário animava e inflamava seus corações. Em suma, as vidas dos Santos são um mundo particular, um mundo ardente, flamejante de luz e calor – o tipo de mundo em que viveu São Paulo, que disse: *“Quem é escandalizado sem que eu fique em chamas?”* Cada um deles, mesmo o mais humilde e obscuro, passando pela terra deixa uma luz característica, dele mesmo, ou dela mesma.

Como introdução a uma das histórias que escreveu para crianças, o Padre Faber disse: *“Como seria escolher anjos em vez de fadas?”* Seria um bom plano tentarmos nos sentando ao lado do fogo, nele enxergando as formas e rostos dos Santos. Talvez uma ou duas faíscas de seu ardor possa vir a acender e aquecer nossa vida escura e fria. G. K. Chesterton reconhece que mesmo na meninice sua imaginação *“pegava fogo”* com a glória de São Francisco de Assis. São Boaventura, do mesmo São Francisco, diz: *“Pela memória dos Santos, como pelo toque das brasas ardentes de fogo, ele foi aceso e convertido em uma chama divina.”*

*“Tantas vezes quantas tu leres algo deste livro,
saúda Nossa Senhora com uma Ave-Maria por
quem o escreveu. Bem razoável eu sou, que peço
tão pouco.”*

Guia das Anacoretas

NOTAS DO TRADUTOR

1 - “Quando estiverdes sangrando” (pág. 62). A flebotomia, ou sangria, era uma prática médica comum no século XIII, baseada na teoria dos humores. No *Ancrene Wisse* (o *Guia das Anacoretas*), a recomendação de sangrias periódicas não visava à mortificação, mas à manutenção da saúde das anacoretas. O procedimento era visto como uma necessidade biológica, para limpar o sangue e evitar doenças, sendo acompanhado de um período de repouso.

2 - São Paulo Eremita (pág. 114). Não confundir com o Apóstolo Paulo de Tarso. São Paulo Eremita (ou Paulo de Tebas, c. 227 - 341) é tradicionalmente venerado como o primeiro dos eremitas cristãos.

3 - São Brás, cardador (pág. 129). São Brás (c. 262 - 316), Bispo de Sebaste e mártir, é tradicionalmente conhecido como o protetor contra as doenças da garganta. A referência ao “penteador de lã” (ou cardador) decorre de uma curiosa evolução na iconografia hagiográfica: segundo a tradição, durante seu martírio, sua carne foi dilacerada com pentes de ferro. Com o tempo, a cultura popular associou esse instrumento de tortura às ferramentas dos cardadores de lã, tornando-o padroeiro desta categoria. Embora o Pe. Roche o identifique por esse ofício, historicamente Brás era médico e bispo, sendo sua ligação com a lã puramente simbólica e póstuma.

O Livro de Cabeceira dos Santos

O Livro de Cabeceira dos Santos